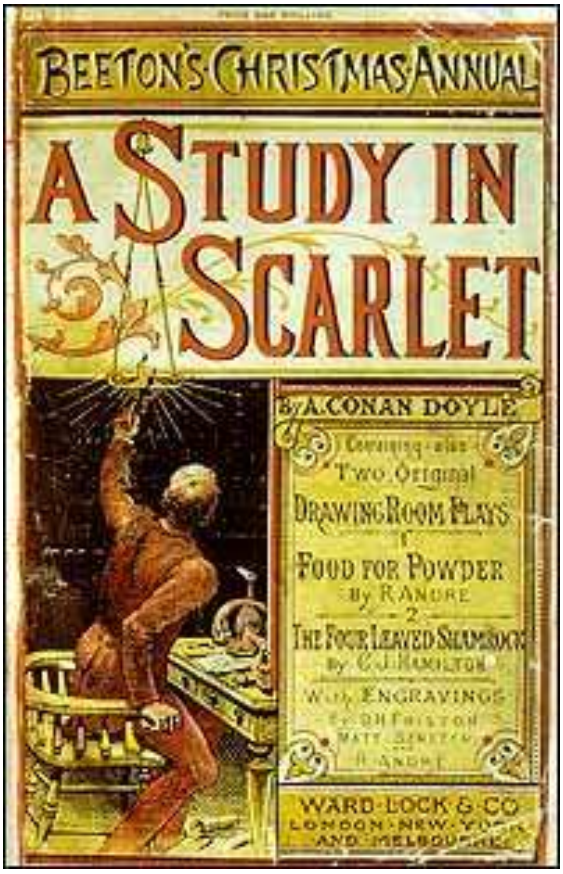
Arthur Conan Doyle

Um estudo em vermelho

Primeira parte: Reimpressão das memórias do dr. John H. Watson, ex-oficial médico do exército britânico

Título original: A Study in Scarlet
Publicado em Beeton's Christmas Annual, Londres, 1887.

Sobre o texto em português:
Este texto digital reproduz a
tradução de *A Study in Scarlet* publicado em
As Aventuras de Sherlock Holmes, Volume I,
editado pelo Círculo do Livro
e com tradução de Hamílcar de Garcia.



Capa do Beeton´s Christmas Annual, 1887,
com a primeira edição de Um estudo em vermelho

SUMÁRIO

Primeira Parte

Reimpressão das memórias do dr. John H. Watson, ex-oficial médico do exército britânico

Capítulo 1 - O sr. Sherlock Holmes / 3
Capítulo 2 - A ciência da dedução / 9
Capítulo 3 - O mistério de Lauriston Gardens / 16
Capítulo 4 - O que John Rance tinha a contar / 25
Capítulo 5 - Nosso anúncio traz um visitante / 30
Capítulo 6 - Tobias Gregson mostra o que pode fazer / 36
Capítulo 7 - Uma luz nas trevas / 43

Segunda Parte

A terra dos santos

Capítulo 1 - No deserto do Colorado / 50
Capítulo 2 - A flor do Utah / 57
Capítulo 3 - John Ferrier fala com o profeta / 61
Capítulo 4 - Fuga desesperada / 65
Capítulo 5 - Os anjos vingadores / 72
Capítulo 6 - Continuação das memórias do dr. John Watson / 78
Capítulo 7 – Conclusão / 86

PRIMEIRA PARTE

Capítulo primeiro: O Sr. Sherlock Holmes

No ano de 1878, formei-me em medicina pela Universidade de Londres e logo parti para Netley, a fim de seguir o curso exigido aos médicos militares. Terminados os meus estudos, fui designado para o Quinto Regimento de Fuzileiros de Northumberland, como cirurgião assistente. Nessa época, o Quinto estava acantonado na Índia, e antes que eu pudesse me apresentar eclodiu a Segunda Guerra Afegã. Ao desembarcar em Bombaim, soube que o meu regimento já havia atravessado os desfiladeiros e se achava embrenhado em território inimigo. Tomei o mesmo caminho, com muitos outros oficiais que estavam em idêntica situação, e consegui chegar são e salvo a Kandahar, onde encontrei minha unidade e imediatamente assumi minhas novas funções.

A campanha trouxe honras e promoções para muitos, mas a mim só proporcionou infortúnios e desastres. Fui transferido da minha brigada para as tropas de Berkshire, com as quais tomei parte na fatídica Batalha de Maiwand. Ali, a bala de um mosquete afegão atingiu-me o ombro, fraturando o osso e raspando a artéria subclávica. Teria caído nas mãos dos ferozes ghazis, se não fosse a devoção e a coragem do ordenança Murray, que me pôs num cavalo de carga e conseguiu levar-me são e salvo para as linhas britânicas.

Combalido pelo sofrimento e pelas contínuas privações que havia suportado, fui removido, numa longa composição de feridos, para o hospital central de Peshawar. Ali fui me restabelecendo, e já tinha melhorado o suficiente para andar um pouco pelas enfermarias, ou estender-me ao sol na varanda, quando apanhei uma gastrenterite, essa praga das nossas possessões indianas. Durante meses, tive a vida por um fio, e quando, finalmente, voltei a mim e entrei em convalescença, estava de tal modo fraco e macilento que uma junta médica foi de parecer que deviam me fazer regressar imediatamente à Inglaterra. Conseqüentemente, fui recambiado no vapor Orontes e um mês depois desembarquei no cais de Portsmouth, com a saúde irremediavelmente arruinada, mas com a permissão, dada por um governo paternal, de tentar melhorá-la nos nove meses seguintes.

Não tendo relações nem parentes na Inglaterra, achava-me tão livre como o ar... ou pelo menos tão livre quanto pode ser um homem cujo rendimento não passa de onze xelins e seis pence por dia. Em tais circunstâncias, fui naturalmente atraído por Londres, essa grande fossa a que irresistivelmente vão ter todos os vadios e desocupados do império. Ali fiquei algum tempo, instalado num hotel do Strand, levando uma existência sem conforto nem sentido, e gastando, com mais largueza do que devia, todo o dinheiro que me vinha às mãos. Tão alarmante se tornou o estado das minhas finanças que em breve me vi na contingência de deixar a metrópole e ir viver no campo, ou alterar completamente o meu modo de vida. Escolhendo esta última alternativa, resolvi sair do hotel e alojar-me num domicílio mais barato e menos pretensioso.

Exatamente no dia em que cheguei a essa conclusão, encontrava-me no Bar Criterion quando alguém me bateu no ombro. Voltando-me, reconheci Stamford, um jovem que fora meu assistente no Barts. Ver um rosto amigo no imenso deserto londrino é coisa deveras agradável para um homem solitário. Nos velhos tempos da universidade, não tínhamos lá grande intimidade, mas cumprimentei-o com entusiasmo, e ele, por sua vez, pareceu feliz de me ver. Na exuberância daquele momento, convidei-o para almoçar comigo no Holborn, e juntos tomamos uma carruagem.

— Que diabo você tem feito, Watson? — perguntou-me ele, sem esconder o seu espanto, enquanto passávamos pelas ruas apinhadas de Londres. — Vejo-o magro como um sarrafo e escuro como uma castanha.

Fiz-lhe um breve relato das minhas aventuras e mal o concluíra chegamos ao nosso destino.

— Coitado! — exclamou ele, condoído pêlos infortúnios que acabava de ouvir. — E que faz agora?

— Procuro alojamento — respondi. — Tento resolver o problema de encontrar quartos confortáveis a preços razoáveis.

— É curioso — disse o meu companheiro. — Você hoje é a segunda pessoa que fala dessa maneira.

— E quem foi a primeira? — perguntei.

— Um sujeito que trabalha no laboratório químico do hospital. Estava se queixando, ainda esta manhã, de não encontrar com quem dividir o aluguel de uns ótimos aposentos que tinha descoberto, mas que eram demasiado caros para a sua bolsa.

— Magnífico! — exclamei. — Se ele procura alguém para compartilhar dos quartos e das despesas, sou exatamente essa pessoa. Prefiro ter um companheiro a morar sozinho.

Stamford olhou-me de um modo estranho, por cima do seu copo de vinho.

— Você ainda não conhece Sherlock Holmes — disse ele. — Não sei se lhe agradará como companheiro permanente.

— Por quê? Haverá alguma coisa que não o recomende?

— Oh! Eu não disse isso. Ele é um pouco esquisito.... tem paixão por certos ramos da ciência. Que eu saiba, é uma pessoa muito correia.

— Estudante de medicina?

— Não. E não tenho a menor idéia a respeito da carreira que pretende seguir. Creio que entende muito de anatomia, e é um químico de primeira ordem. Mas, ao que me consta, nunca fez um curso sistemático de medicina. Estuda sem método, de uma maneira excêntrica, e já acumulou uma série de conhecimentos pouco vulgares que espantariam os seus professores.

— Nunca lhe perguntou qual o ramo da ciência em que deseja especializar-se?

— Não — respondeu Stamford. — Não é dado a confidências, embora seja bastante comunicativo quando lhe dá na telha.

— Pois eu gostaria de conhecê-lo. Visto que preciso morar com alguém, agrada-me que seja um homem tranqüilo e estudioso. Ainda não estou bastante forte para suportar ruídos ou balbúrdias. Já tive muito dessas duas coisas no Afeganistão ... e estou provido delas para o resto da existência. Como poderei travar relações com esse seu amigo?

— Ele deve estar no laboratório — respondeu o meu companheiro. — Às vezes passa semanas inteiras sem aparecer, mas noutras ocasiões não sai de lá o dia todo e boa parte da noite. Se quiser, vamos procurá-lo depois do almoço.

— Combinado — respondi, e a conversação passou a outros assuntos.

Quando nos dirigíamos para o hospital, ao sairmos do Holborn, Stamford deu-me mais algumas informações sobre o cavalheiro com quem eu me propunha morar.

— Se você não se der bem com ele, não me culpe — disse o meu ex-assistente. — Tudo quanto sei a respeito dele vem dos encontros ocasionais no laboratório. Esse acordo é idéia sua, e eu não me responsabilizo por nada.

— Se não nos entendermos — respondi —, será fácil separarmo-nos. Parece-me, Stamford — acrescentei encarando o meu companheiro —, que você tem algum motivo para lavar as mãos sobre esse assunto. O temperamento do homem é assim tão temível, ou que outra coisa poderá ser? Vamos lá, não tenha papas na língua.

— Não é fácil exprimir o inexprimível — respondeu ele, rindo. — Holmes talvez seja demasiado científico para o meu gosto... quase cruelmente científico. Posso até imaginá-lo capaz de administrar a um amigo uma pitada do último alcalóide vegetal, não por malvadez, compreenda-me, mas simplesmente por espírito de pesquisa e para ter uma idéia precisa dos efeitos. Faço-lhe, porém, a justiça de admitir que ele próprio a tomaria com a mesma desenvoltura. Ao que me parece, a sua paixão é o conhecimento exato e completo.

— Não vejo mal nisso.

— Sim, mas é preciso respeitar certos limites. Quando se trata, por exemplo, de retalhar cadáveres na sala de dissecação, esse espírito assume sem dúvida uma forma estranha.

— Retalhar cadáveres?!

— Sim, para verificar até onde as escoriações podem ser produzidas depois da morte. Vi com os meus próprios olhos quando ele fazia essa experiência.

— E ainda me diz que ele não estuda medicina?

— Não. Sabe Deus qual é o objetivo dos seus estudos! Mas estamos chegando, e você deve formar uma opinião por si próprio.

Entramos por um beco estreito e descemos do carro diante de uma pequena porta lateral, que se abria para uma ala do grande hospital. Eu conhecia perfeitamente aquelas dependências, e, ao subirmos a gelada escadaria de pedra, não precisava de guia; desembocamos no comprido corredor de paredes caiadas e portas escuras. Quase ao fundo, sob as arcadas baixas, havia uma passagem que levava ao laboratório químico.

Este era uma vasta sala, guarnecida de prateleiras atulhadas com toda espécie de recipientes. Aqui e ali havia mesas baixas e largas eriçadas de retortas, tubos de ensaio e pequenos bicos de Bunsen com as suas trêmulas chamas azuis. Via-se apenas um estudante na sala, curvado sobre uma das mesas, absorto no seu trabalho. Ao ruído dos nossos passos, olhou para trás e levantou-se com uma exclamação de alegria.

— Encontrei! Encontrei! — gritou ele para o meu companheiro, correndo para nós com um tubo de ensaio na mão. — Encontrei um reagente que é precipitado pela hemoglobina, e por nada mais!

Tivesse ele descoberto uma mina de ouro, suas feições não denotariam maior satisfação.

— Dr. Watson, sr. Sherlock Holmes — disse Stamford, apresentando-nos.

— Como está? — disse ele cordialmente, apertando-me a mão com uma força de que não o julgaria capaz. — Vejo que andou pelo Afeganistão.

— Como sabe? — perguntei-lhe, atônito.

— Isso não vem ao caso — disse com um risinho. — Agora o que interessa é a hemoglobina. Já percebeu, sem dúvida, o significado desta minha descoberta?

— Sim, quimicamente é muito interessante — respondi. — Mas praticamente...

— Ora, meu amigo, é a descoberta mais prática de toda a medicina legal nestes últimos anos. Não compreende que isto nos permitirá obter uma prova infalível quanto às manchas de sangue? Venha aqui!

Na sua sofreguidão, segurou-me pela manga do casaco e puxou-me para a mesa na qual estivera trabalhando.

— Peguemos um pouco de sangue fresco — disse ele, cravando no dedo um comprido punção e recolhendo uma gota de sangue com uma pipeta. — Agora, ponho esta pequena quantidade de sangue num litro de água. Veja que a mistura resultante tem toda a aparência de água pura. A proporção de sangue não pode ser superior a um para um milhão. Contudo, não tenho a menor dúvida de que poderemos obter a reação característica.

E, assim falando, introduziu no frasco alguns cristais brancos, adicionando depois algumas gotas de um fluido transparente. Num instante o conteúdo assumiu uma cor escura de mogno, e um pequeno depósito pardacento formou-se no fundo do recipiente.

— Ah! Ah! — exclamou Holmes, batendo as mãos e parecendo tão satisfeito quanto um menino com um brinquedo novo. — Que pensa disso?

— É uma prova muito delicada — observei.

— Esplêndida! Esplêndida! A velha prova do guáiaco era pouco prática e incerta. O mesmo acontece com o exame microscópico dos glóbulos vermelhos, que é absolutamente sem valor quando as manchas têm poucas horas. A minha reação, pelo contrário, parece verificar-se da mesma forma quando o sangue é fresco ou quando é velho. Se essa prova já tivesse sido feita, centenas de homens que andam agora livremente passeando pelas ruas já há muito que estariam pagando pêlos seus crimes.

— É mesmo? — murmurei.

— Muitos processos por homicídio esbarram continuamente nesse ponto. Às vezes um homem torna-se suspeito quando já decorreram meses após o crime. As suas roupas são examinadas e nelas se encontram manchas pardacentas. Serão manchas de sangue, de lama, de ferrugem, de fruta, ou de quê? Eis aí uma pergunta que tem intrigado mais de um perito. E por quê? Simplesmente porque não havia nenhuma prova de laboratório que fosse irrefutável. Agora temos a "reação Sherlock Holmes", e acabaram-se todas as dificuldades.

Com os olhos quase cintilantes, levou a mão ao peito e fez uma reverência, como se agradecesse o aplauso de uma multidão imaginária.

— Meus parabéns — disse eu, muito surpreso ante o seu entusiasmo.

— No ano passado, em Frankfurt, houve o caso de Von Bischoff. Ele não teria escapado à forca, se já houvesse esta reação. E houve também Mason, em Bradford, e o famigerado Müller, e o Lefèvre de Montpeilier, e Samson, de Nova Orléans. Poderia enumerar toda uma série de casos nos quais essa prova teria sido decisiva.

— Você parece uma enciclopédia ambulante do crime — disse Stamford rindo. — Está habilitado a fundar um jornal dedicado ao assunto. Chame-o de Notícias Policiais do Passado.

— E seria uma leitura muito interessante — observou Sherlock Holmes, pondo um pequeno esparadrapo na picada que fizera no dedo. — Preciso precaver-me — explicou, voltando-se para mim com um sorriso —, pois lido continuamente com venenos.

Assim falando, estendeu a mão; notei que estava toda sarapintada de esparadrapos semelhantes, e descorada pela ação de ácidos fortes.

— Viemos aqui a negócios — disse Stamford, sentando-se num tripé e empurrando outro para mim. — O meu amigo está à procura de aposentos; e como você andava se queixando de que não encontrava ninguém com quem dividir as despesas, achei que convinha apresentá-los um ao outro.

Sherlock Holmes pareceu encantado com a idéia de alugarmos aposentos em comum.

— Estou interessado num apartamento da Baker Street — disse ele. — Seria ótimo para nós. Espero que você não se incomode com o cheiro do tabaco forte.

— Eu fumo sempre tabaco de marinheiro — respondi.

— Tanto melhor. Geralmente tenho em casa produtos químicos, e às vezes faço experiências. Isso o incomoda?

— De forma alguma.

— Deixe-me ver quais são os meus outros defeitos... De vez em quando fico de mau humor e não abro a boca durante dias inteiros. Não pense que estou zangado, quando isso acontecer. Esqueça-se de mim, e eu em breve estarei recomposto. E você, que tem a confessar? É muito conveniente que dois sujeitos, antes de irem morar juntos, conheçam as suas piores características.

Ri daquele interrogatório.

— Tenho um filhote de cão fila — disse eu —, e oponho-me a qualquer barulho porque os meus nervos estão abalados. Levanto-me a horas absurdas e sou terrivelmente preguiçoso. Tenho outra série de vícios quando estou de boa saúde, mas atualmente esses são os principais.

— Inclui o som de violino na categoria dos barulhos? — perguntou ele com certa ansiedade.

— Depende de quem o toca — respondi. — Um violino bem tocado é uma melodia para os deuses, mas quando é arranhado...

— Isso basta — disse Holmes, interrompendo-me com uma risada jovial. — Acho que podemos considerar o assunto resolvido... Isto é, se os aposentos lhe agradarem.

— Quando os veremos?

— Procure-me aqui amanhã ao meio-dia, e iremos juntos para tratar de tudo.

— Perfeitamente... ao meio-dia em ponto — disse eu, apertando-lhe a mão.

Nós o deixamos trabalhando com os seus produtos químicos e voltamos a pé para o meu hotel.

— A propósito — perguntei de repente, detendo-me e olhando para Stamford —, como diabo soube ele que eu tinha vindo do Afeganistão?

O meu companheiro sorriu enigmaticamente.

— Essa é precisamente uma das suas pequenas particularidades — disse ele. — Muitos outros têm desejado saber como é que ele descobre as coisas.

— Oh! Trata-se de um mistério, não? — exclamei, esfregando as mãos. — Muito interessante. Não sei como lhe agradecer essa excelente apresentação. Você não ignora que o homem é o melhor assunto a estudar.

— Pois comece a estudá-lo — disse Stamford, ao despedir-se de mim. — Encontrará nele um problema bastante intrincado. Aposto que ele há de descobrir mais coisas a seu respeito do que você a respeito dele. Até a vista, Watson.

— Até a vista — respondi, e entrei no hotel grandemente interessado no meu novo conhecido.

Capítulo segundo: A ciência da dedução

Encontramo-nos no dia seguinte, conforme o combinado, e fomos ver o apartamento no número 221-B da Baker Street, que consistia em dois confortáveis quartos de dormir e uma espaçosa sala de estar, alegremente mobiliada e iluminada por duas amplas janelas. Ele preenchia tão bem as nossas necessidades e seu preço era tão módico, dividido por dois, que imediatamente o alugamos e recebemos a chave, Nessa mesma tarde mandei vir do hotel as minhas coisas, e na manhã seguinte Sherlock chegou com as suas várias caixas e maletas. Durante um dia ou dois estivemos ocupados com a arrumação dos nossos objetos pessoais. Feito isso, começamos, pouco a pouco, a nos adaptar ao nosso novo ambiente.

Evidentemente, a convivência com Holmes não era difícil. Tinha hábitos tranqüilos e regulares. Era raro vê-lo em pé depois das dez horas da noite, e invariavelmente já preparara o seu café da manhã e saíra quando eu me levantava da cama. Às vezes passava o dia no laboratório químico, outras, na sala de dissecação e ocasionalmente em longos passeios, que pareciam levá-lo aos bairros mais sórdidos da cidade. Nada era capaz de ultrapassar a sua energia quando tomado por um acesso de atividade.

À medida em que as semanas passavam, o meu interesse por ele e a minha curiosidade quanto aos seus objetivos na vida iam gradualmente aumentando em extensão e profundidade. Até o seu físico era tal que despertava a atenção do mais descuidado observador. Quanto a sua estatura, passava de um metro e oitenta, mas era tão magro que parecia mais alto ainda. Seus olhos eram agudos e penetrantes, e seu nariz delgado, aquilino, acrescentava às suas feições um ar de vigilância e decisão. Também o queixo, quadrado e forte, indicava nele o homem resoluto. Suas mãos andavam invariavelmente salpicadas de tinta e manchadas por substâncias químicas, mas possuíam uma extraordinária delicadeza de tato, como freqüentemente .tive ocasião de notar ao vê-lo manipular os seus frágeis instrumentos de alquimista.

Sob pena de ser considerado um grande intrometido, confesso que aquele homem instigava a minha curiosidade, e que muitas vezes procurei vencer as reticências com que guardava tudo o que era pessoal. Todavia, tenho a meu favor a circunstância de que a minha vida era inteiramente desprovida de objetivo, e, conseqüentemente, bem poucas eram as coisas que podiam me atrair a atenção. A minha saúde me impedia de me

aventurar a sair de casa, a menos que o tempo estivesse excepcionalmente benigno, e não tinha amigos que, visitando-me, quebrassem a monotonia da minha existência cotidiana. Em tais circunstâncias, o pequeno mistério que cercava o meu companheiro constituía para mim uma rara oportunidade de interesse, e eu passava a maior parte do tempo procurando resolvê-lo.

Holmes não estudava medicina. Ele próprio, em resposta a uma pergunta minha, confirmara a opinião de Stamford sobre esse ponto. Também não parecia ter feito qualquer curso regular que o habilitasse a integrar-se em algum ramo da ciência ou a penetrar nos umbrais do mundo erudito. Contudo, o seu zelo por outros estudos era notável, e, dentro de limites excêntricos, o seu conhecimento era tão extraordinariamente amplo e minucioso, que as suas observações me causavam grande espanto. Evidentemente, nenhum homem trabalharia tanto para adquirir informações tão precisas se não tivesse em vista um objetivo bem definido. Leitores desorganizados dificilmente se fazem notar pela exatidão dos seus conhecimentos. E ninguém sobrecarrega o cérebro com minudências especiais, a menos que tenha um bom motivo para fazê-lo.

Por outro lado, a sua ignorância era tão notável quanto a sua cultura. Sobre literatura, filosofia e política contemporâneas, parecia saber pouco ou nada. Ouvindo-me citar Thomas Carlyle, perguntou-me com a maior ingenuidade quem era ele e o que tinha feito. A minha surpresa atingiu o máximo, no entanto, quando verifiquei por acaso que ignorava a teoria de Copérnico e a composição do sistema solar. Ver uma pessoa civilizada, em pleno século XIX, desconhecer que a Terra girava em torno do Sol parecia-me um fato tão extraordinário que eu mal podia acreditar nele.

— Você parece atônito — disse ele, sorrindo ante a minha expressão de surpresa. — Pois, agora que sei disso, tratarei de esquecê-lo o mais depressa possível.

— Esquecê-lo?!

— Veja — explicou-me: — Considero o cérebro de um homem como sendo inicialmente um sótão vazio, que você deve mobiliar conforme tenha resolvido. Um tolo atulha-o com quanto traste vai encontrando à mão, de maneira que os conhecimentos de alguma utilidade para ele ficam soterrados, ou, na melhor das hipóteses, tão escondidos entre as demais coisas que lhe é difícil alcançá-los. Um trabalhador especializado, pelo contrário, é muito cuidadoso com o que leva para o sótão da sua cabeça. Não quererá mais nada além dos instrumentos que possam ajudar o seu trabalho; destes é que possui uma larga provisão, e todos na mais perfeita ordem. É um erro pensar que o dito quartinho tem paredes elásticas e pode ser distendido à vontade. Segundo as suas dimensões, há sempre um momento em que para cada nova entrada de conhecimento a gente esquece qualquer coisa que sabia antes. Conseqüentemente, é da maior importância não ter fatos inúteis ocupando o espaço dos úteis.

— Mas o sistema solar! — protestei.

— Que importância tem para mim? — interrompeu-me ele com impaciência. — Você diz que giramos em torno do Sol. Se girássemos em volta da Lua, isso não faria a menor diferença para o meu trabalho.

Estive a ponto de perguntar-lhe qual era esse trabalho, mas qualquer coisa na sua maneira me indicava que a pergunta não seria bem recebida. Refleti, no entanto, sobre a nossa breve conversação, e esforcei-me por tirar algumas deduções. Ele dissera procurar exclusivamente os conhecimentos que se relacionassem com o seu objetivo. Por conseguinte, todos os conhecimentos que possuía eram-lhe necessariamente úteis. Enumerei mentalmente todos os diversos pontos sobre os quais se revelara excepcionalmente bem-informado. Servi-me mesmo de um lápis e fui anotando-os. Não posso deixar de sorrir ao ver o documento resultante das minhas observações. Ei-lo:

CONHECIMENTOS DE SHERLOCK HOLMES

1. Literatura: zero.

2. Filosofia: zero.

3. Astronomia: zero.

4. Política: escassos.

5. Botânica; variáveis. Conhece a fundo a beladona, o ópio e os venenos em geral. Nada sabe sobre jardinagem e horticultura.

6. Geologia: práticos, mas limitados. Reconhece à primeira vista os diversos tipos de solo. No regresso dos seus passeios, mostra-me manchas nas calças, e diz-me, pela sua cor e consistência, em que parte de Londres as conseguiu.

7. Química: profundos.

8. Anatomia: exatos, mas pouco sistemáticos.

9. Literatura sensacionalista: imensos. Parece conhecer todos os pormenores de todos os horrores perpetrados neste século.

10. Toca bem o violino.

11. É habilíssimo em boxe, esgrima e bastão.

12. Tem um bom conhecimento prático das leis inglesas.

Quando cheguei a esse ponto da minha lista, perdi o ânimo e atirei-a no fogo. "Se a única maneira de descobrir o objetivo deste homem consiste em conciliar tais qualidades e depois buscar uma profissão que as exija", disse comigo, "mais vale renunciar de uma vez a semelhante tentativa."

Já me referi aos seus dotes de violinista. Eram, com efeito, notáveis, mas tão excêntricos quanto as suas demais habilidades. Que ele tocava peças difíceis sabia-o eu, pois a meu pedido havia executado alguns Lieder de Mendelssohn e outras músicas da

minha preferência. Todavia, quando entregue a si próprio, raramente interpretava alguma peça ou melodia conhecidas. Recostado na sua poltrona, ao cair da tarde, fechava os olhos e ficava passando o arco no violino, que colocava nos joelhos. Às vezes os acordes eram sonoros e melodiosos, outras vezes, fantásticos e vivazes. Refletiam, evidentemente, os pensamentos que o ocupavam, mas se a música ajudava esses pensamentos, ou se tocar era apenas o resultado de um capricho ou de fantasia, eis o que eu não podia determinar. Teria os meus motivos para protestar contra semelhantes solos, não fosse a circunstância de ele geralmente acabar por tocar, em rápida sucessão, toda uma série das minhas peças prediletas, como que para recompensar a minha paciência.

Durante uma ou duas semanas, não recebemos visitas, e eu começava a pensar que o meu companheiro tinha tão poucos amigos como eu. Mas pouco depois descobri que ele possuía muitas relações, e nas mais diferentes classes da sociedade. Havia, por exemplo, um homenzinho pálido, de olhos escuros, com cara de rato, que apareceu três ou quatro vezes numa semana, e me foi apresentado como sr. Lestrade. Certa manhã surgiu uma jovem, elegantemente vestida, que se demorou cerca de meia hora ou mais. Na mesma tarde veio um homem grisalho, cansado, com tipo de negociante judeu, que parecia muito alvoroçado, e foi imediatamente seguido de uma senhora idosa e malvestida. Noutra ocasião, um senhor de cabelos brancos teve uma entrevista com o meu companheiro; e, ainda noutra, um chefe de estradas de ferro com o seu uniforme de belbutina.

Quando surgia algum desses estranhos visitantes, Sherlock Holmes costumava pedir-me a sala de estar, e eu me recolhia ao quarto. Nunca deixava de pedir-me desculpas por tal inconveniente.

— Tenho de usar esta sala como escritório — dizia-me ele. — Todas essas pessoas são minhas clientes.

Era uma excelente oportunidade para lhe fazer uma pergunta direta, mas a minha discrição novamente me impedia de forçá-lo a ter confiança em mim. Parecia-me, então, que devia ter fortes motivos para não aludir à sua profissão, mas rapidamente dissipou semelhante idéia ao referir-se espontaneamente ao assunto.

Estávamos no dia 4 de março (e tenho bons motivos para me lembrar). Levantei-me um pouco mais cedo do que de costume e encontrei Sherlock Holmes a tomar o seu café. A nossa criada estava tão habituada aos meus hábitos de dorminhoco que ainda não se preocupara com o meu lugar à mesa nem preparara o meu café. Com a desarrazoada petulância do gênero humano, toquei a campainha e anunciei que a esperava. Depois, tirei uma revista de cima da mesa e tentei passar o tempo com ela, enquanto o meu companheiro mastigava silenciosamente a sua torrada. Um dos artigos tinha o cabeçalho sublinhado a lápis, e eu, naturalmente, comecei a percorrê-lo com os olhos.

O título, um tanto pretensioso, era "O livro da vida", e ali se procurava demonstrar o quanto um homem observador podia aprender por intermédio do exame apurado e sistemático de tudo o que encontrasse. Aquilo me dava a impressão de uma curiosa mistura de argúcia e absurdo. O raciocínio era denso e penetrante, mas as deduções pareciam-me rebuscadas e cheias de exagero. O autor pretendia que uma expressão

momentânea, o repuxar de um músculo ou um volver de olhos, fosse o bastante para que se pudesse sondar os pensamentos mais íntimos de um homem. Na sua opinião, era impossível iludir a observação e a análise de quem nelas se exercitasse com método e afinco. As conclusões de tal pessoa seriam tão infalíveis como outras tantas proposições de Euclides. E os resultados seriam de tal maneira surpreendentes para os leigos que, antes de saberem os processos pêlos quais o observador os obtivera, haveriam de considerá-lo um adivinho.

"De uma gota de água", afirmava o autor, "um raciocinador lógico poderia inferir a possibilidade de um Atlântico ou de um Niágara, sem ter visto ou ouvido um ou outro. Assim, toda a vida é uma grande cadeia cuja natureza se revela ao examinarmos qualquer dos elos que a compõem. Como todas as outras artes, a ciência da dedução e análise só pode ser adquirida por meio de um demorado e paciente estudo, e a vida não é tão longa que permita a um mortal aperfeiçoar-se ao máximo nesse campo. Antes de passar aos aspectos morais e mentais de um assunto que apresenta as maiores dificuldades, o pesquisador deve principiar por se assenhorear dos problemas mais elementares. Ao encontrar um semelhante, deve aprender a distinguir imediatamente qual a história do homem e o mister ou profissão que exerce. Por mais pueril que esse exercício possa parecer, aguça as faculdades de observação e ensina para onde se deve olhar e o que procurar. Pelas unhas de um homem, pela manga do seu casaco, pêlos seus sapatos, pelas joelheiras nas calças, pelas calosidades de seu indicador e de seu polegar, pela sua expressão, pêlos punhos da camisa... em cada uma dessas coisas a profissão de um homem é claramente indicada. Que o conjunto delas deixe de esclarecer um indagador competente, em qualquer caso, é virtualmente inconcebível."

— Que grande aldrabice! — exclamei, batendo com a revista na mesa. — Nunca li tamanha tolice em toda a minha vida.

— De que se trata? — perguntou Sherlock Holmes.

— Ora, deste artigo — respondi, indicando-o com a colher, ao sentar-me para comer o meu ovo. — Vejo que já o leu, pois está sublinhado. Não nego que esteja escrito com inteligência. Contudo, irrita-me. Trata-se, evidentemente, das teorias de algum desocupado, que elabora todos esses paradoxos sem deixar a poltrona do seu gabinete. Não têm aplicação prática. Eu gostaria de vê-lo encerrado num vagão de terceira classe do metro e perguntar-lhe quais as profissões de todos os demais passageiros. Apostaria mil por um contra ele.

— Perderia o seu dinheiro — observou Holmes calmamente.— Quanto ao artigo, fui eu que o escrevi.

— Você?!

— Sim, tenho certa queda tanto para a observação como para a dedução. As teorias que expus aí, e que lhe parecem tão quiméricas, são na verdade muitíssimo práticas... tão práticas que dependo delas para viver.

— Como? — perguntei involuntariamente.

— Eu tenho o meu ofício. Suponho, aliás, que seja único em todo o mundo. Sou um detetive de consultas, se compreende o que estou dizendo. Aqui em Londres, temos uma grande quantidade de detetives oficiais e particulares. Quando esses cavalheiros ficam desorientados, vêm à minha procura, e eu trato de pô-los na pista certa. Expõem-me todos os indícios, e eu, geralmente, com a ajuda dos meus conhecimentos da história criminal, aponto as suas falhas e esclareço-os. Entre os delitos há um acentuado ar de parentesco, e quem possui todos os pormenores a respeito de mil deles dificilmente falhará ao desvendar o milésimo primeiro. Lestrade é um detetive muito conhecido. Recentemente ficou às cegas num caso de falsificação, e foi isso o que o trouxe aqui.

— E as outras pessoas?

— Na maior parte são mandadas por agências particulares de detetives. Trata-se de gente que tem uma dificuldade qualquer e precisa de esclarecimentos. Ouço-lhes as histórias, elas ouvem os meus comentários, e depois embolso os meus emolumentos.

— Em outras palavras, você afirma que, sem sair do seu quarto, é capaz de desatar certos nós que outros homens não conseguem desfazer, apesar de terem visto todos os pormenores com os seus próprios olhos?

— Exatamente. Tenho uma certa intuição nesse sentido. De quando em quando surge um caso mais complexo do que os outros. Só então é que preciso andar um pouco por aí a fim de ver as coisas de perto. Como vê, disponho de conhecimentos especiais que aplico aos problemas surgidos, conhecimentos que facilitam maravilhosamente a minha tarefa. Essas regras de dedução expostas no artigo que provocou o seu desprezo são-me preciosas, e eu as aplico praticamente no meu trabalho. A observação é uma segunda natureza em mim. Você pareceu surpreso quando eu lhe disse, ao vê-lo pela primeira vez, que voltara do Afeganistão.

— Foi informado, sem dúvida.

— Nada disso. Eu vi que você voltava do Afeganistão. Devido a um longo hábito, a concatenação do raciocínio é tão rápida no meu espírito que cheguei àquela conclusão sem ter consciência dos elos intermediários. Mas esses elos lá estavam. E o fio que o meu raciocínio seguiu foi mais ou menos este: "Eis aqui um cavalheiro com ar de médico, mas ao mesmo tempo com gestos de militar. É evidentemente um médico do exército. Acaba de chegar dos trópicos, porque tem o rosto amorenado, e essa não é a cor natural da sua pele, visto que os punhos são brancos. Sofreu privações e enfermidades, conforme o demonstra o rosto emaciado. Além do mais, recebeu um ferimento no braço esquerdo, visto que o mantém numa posição rígida e pouco natural. Em que lugar dos trópicos um médico do exército inglês poderia ter passado por tantas dificuldades e ser ferido no braço? No Afeganistão, naturalmente". Toda essa série de raciocínios não ocupou mais do que um segundo. Observei-lhe, conseqüentemente, que você regressava do Afeganistão e vi a sua surpresa.

— Explicada dessa forma, a coisa parece bastante simples — disse eu, sorrindo. — Você me faz lembrar Dupin, de Edgar Allan Poe. Não fazia a menor idéia de que tais pessoas existissem na vida real.

Sherlock Holmes levantou-se e acendeu o seu cachimbo.

— Julga, sem dúvida, fazer-me um cumprimento comparando-me a Dupin — observou. — Pois, na minha opinião, Dupin era um tipo medíocre. Aquele seu estratagema de intervir nos pensamentos do seu amigo, depois de um quarto de hora de silêncio, é pretensioso e superficial. Concedo-lhe, sem dúvida, certa capacidade analítica, mas não era de modo nenhum o fenômeno que Põe parecia imaginar.

— Já leu as obras de Gaboriau? — perguntei. — Lecoq corresponde à sua concepção de detetive ideal?

Sherlock Holmes fungou ironicamente.

— Lecoq era um grande trapalhão — disse com veemência. — Só uma coisa o recomendava: a sua energia. A leitura de M. Lecoq causou-me náuseas. O problema consistia em identificar um prisioneiro desconhecido. Eu o teria feito em vinte e quatro horas. Lecoq precisou de mais ou menos seis meses. Esse livro bem poderia ser um manual para ensinar aos detetives o que não devem fazer.

Senti-me um tanto indignado ao ver tratados dessa maneira rude duas personagens que eu admirava. Caminhei até a janela e fiquei olhando para o movimento da rua. Talvez aquele homem fosse muito arguto, pensava eu, mas não havia dúvida de que era pretensioso.

— Não há mais crimes nem criminosos nos nossos dias — disse ele em tom queixoso. — De que serve possuir inteligência na nossa profissão? Sei perfeitamente que tenho qualidades para tornar o meu nome famoso. Não há nem houve até agora no mundo um homem que tenha dedicado à investigação criminológica tanto estudo e vocação natural quanto eu. E qual é o resultado? Não há nenhum crime a desvendar, ou, quando muito, só alguma vilania grosseira e com um motivo tão transparente que até um funcionário da Scotland Yard é capaz de enxergá-lo.

Aborrecia-me também aquela sua maneira presunçosa de falar, e por isso resolvi mudar de assunto.

— Que estará procurando aquele tipo? — perguntei, apontando para um homem forte, modestamente vestido, que caminhava vagarosamente pela calçada em frente, examinando os números das casas. Trazia na mão um grande envelope azul e era evidentemente o portador de uma mensagem.

— Refere-se àquele sargento aposentado da marinha? — perguntou-me Sherlock Holmes.

"Grande fanfarrão!", pensei com os meus botões. "Ele sabe perfeitamente que não posso verificar semelhante afirmação."

Tal pensamento mal me havia passado pela mente quando o homem que estávamos a observar, vendo o número da nossa porta, atravessou a rua rapidamente. Ouvimos pancadas enérgicas no rés-do-chão, uma voz grave e em seguida um ruído de passos decididos na escada.

— Para o sr. Sherlock Holmes — disse ele ao entrar na sala, entregando a carta ao meu amigo.

Ali estava uma oportunidade para lhe desmascarar a presunção. Ele certamente não a previra ao fazer aquela observação a esmo.

— Posso perguntar-lhe; meu amigo — disse eu com a maior brandura possível —, qual é a sua profissão?

— Estafeta, senhor — respondeu ele de maus modos. — Uniforme em conserto.

— E antes disso, que fazia? — perguntei, lançando um olhar malicioso para o meu companheiro.

— Era sargento, senhor, sargento de infantaria da marinha. Não tem resposta, sr. Holmes? Perfeitamente, senhor.

Bateu os calcanhares, fez uma continência enérgica e saiu.

Capítulo terceiro: O mistério de Lauriston Gardens

Confesso que fiquei bastante desconcertado ante aquela nova prova quanto à utilidade prática das teorias do meu companheiro. O meu respeito pelas suas faculdades analíticas aumentou enormemente. Todavia, ainda me restava no espírito a desconfiança de que aquilo poderia ter sido arranjado previamente a fim de me deslumbrar, embora eu não pudesse atinar por que motivo ele se daria ao trabalho de assim comprovar as suas asserções. Quando tornei a olhar para ele, tinha terminado a leitura da carta. Seus olhos, vagos e mortiços, indicavam que estava absorto em meditação.

— Como diabo pôde deduzi-lo? — perguntei.

— Deduzir o quê? — disse ele com um tom irritado.

— Ora, que o homem era sargento aposentado da marinha.

— Não tenho tempo para futilidades — respondeu bruscamente. Depois, com um sorriso, acrescentou: — Desculpe-me a brusquidão. Você interrompeu o fio dos meus pensamentos; mas talvez fosse melhor assim. Então não percebeu que o homem era sargento da marinha?

— Não.

— Pois era mais fácil sabê-lo do que explicar agora por que motivo eu o sabia. Se lhe pedissem para provar que dois e dois são quatro, talvez encontrasse alguma dificuldade, e apesar disso estaria certo de que não se enganava. Até do alto da nossa janela se via, na calçada em frente, que o homem tinha uma grande âncora azul tatuada nas costas da mão. Isso, de certo modo, cheirava a maresia. Tinha, além disso, um porte militar e as suíças típicas da marinha. Tratava-se, evidentemente, de um marujo. Possuía, ainda, um certo ar de importância, de quem está habituado a comandar. Você deve ter observado o aprumo com que ele mantinha a cabeça e o modo de manobrar a bengala. No rosto, via-se que era um homem respeitável, decidido e maduro... fatos esses que me levaram a crer que tivesse sido sargento das forças navais.

— Extraordinário! — exclamei.

— Banal — disse Holmes, mas a sua expressão parecia indicar-me que a minha evidente surpresa e minha admiração lhe eram agradáveis. — Ainda há pouco eu lhe dizia que já não há crimes. Agora parece-me que estava enganado... veja isto!

E passou-me a carta que o estafeta acabara de lhe trazer.

— Com os diabos! — exclamei ao correr os olhos pelo papel. — É horrível!

— Parece um pouco fora do comum — observou ele calmamente. — Peço-lhe que leia alto, para eu ouvir.

Eis a carta que li a seguir:

"Estimado sr. Holmes:

Esta noite aconteceu um fato grave no número 3 de Lauriston Gardens, nas proximidades da Brixton Road. O nosso guarda, cerca das duas da madrugada, viu ali uma luz e, como a casa está desabitada, suspeitou que houvesse algo de anormal. Encontrou a porta aberta e, na sala da frente, inteiramente vazia, topou com o cadáver de um homem bem-vestido, cujos cartões de visita, encontrados num dos bolsos, traziam o nome de 'Enoch J. Drebber, Cleveland, Ohio, EUA'. Não houve roubo, e não há nenhum indício da maneira como o homem encontrou a morte. Há sinais de sangue na sala, mas o cadáver não apresenta nenhum ferimento. Não podemos compreender como foi parar naquela casa vazia; em suma, todo o assunto é um verdadeiro enigma. Se o amigo puder dar um pulo à casa de Lauriston Gardens antes das doze horas, lá me encontrará. Deixei tudo tal e qual foi encontrado, à espera da sua chegada. Se não puder vir, mandar-lhe-ei todos os pormenores, e ficarei imensamente grato se quiser favorecer-me com a sua opinião.

Cordialmente

Tobias Gregson".

— Gregson é o melhor elemento da Scotland Yard — observou o meu amigo. — Ele e Lestrade são os únicos que valem alguma coisa no meio de toda aquela turbamulta. São rápidos e enérgicos, mas têm métodos convencionais... terrivelmente convencionais.

Além disso, há entre eles uma grande rivalidade profissional. O caso promete ser muito divertido, se ambos forem designados para resolvê-lo.

Espantava-me a calma com que ele se detinha nesses pormenores.

— Por certo não há um momento a perder! — exclamei. — Desço para lhe chamar um carro?

— Não estou muito certo se irei. Sou o mais incurável preguiçoso na face da Terra... isto é, quando me falta disposição, porque às vezes posso ser muito ativo.

— Mas se é esta justamente a oportunidade que você esperava!

— Meu caro amigo, que importância terá esse assunto para mim? Supondo-se que eu consiga desvendar tudo, fique certo de que o mérito irá todo para Gregson, Lestrade e companhia. É o que acontece a um detetive particular.

— Mas ele pede o seu auxílio.

— Sim, é verdade. Sabe que eu sou superior a ele e reconhece-o perante mim, mas cortaria a língua antes de confessá-lo a uma terceira pessoa. Contudo, bem podemos dar uma olhadela. Esclarecerei a coisa à minha maneira. E, quanto mais não seja, podemos rir deles. Vamos!

Enfiou o sobretudo e pôs-se a andar pela sala, demonstrando, pelos seus modos, que um acesso de energia acabava de substituir o de apatia.

— Pegue o seu chapéu — disse ele.

— Deseja que eu também vá?

— Sim, se não tem nada melhor a fazer.

Um minuto depois estávamos numa carruagem, correndo a trote largo para a Brixton Road.

Era uma manhã úmida, e uma neblina escura, que parecia o reflexo da superfície lamacenta das ruas, pairava acima dos telhados. O meu companheiro mostrava a melhor das disposições, tagarelando sobre violinos de Cremona e explicando a diferença entre um Stradivarius e um Amati. Quanto a mim, não dizia palavra, pois o mau tempo e o assunto melancólico que nos chamava me deprimiam o espírito.

— Parece-me que o caso que temos em mãos não o preocupa muito — disse eu finalmente, interrompendo a dissertação musical de Holmes.

— Ainda não há dados — respondeu-me. — É um erro capital teorizar antes de possuir todos os indícios. Isso distorce o raciocínio.

— Pois já vai ter todos os dados — observei-lhe, apontando com o indicador. — Esta é a Brixton Road, e aquela é a casa, se não estou enganado.

— É verdade. Pare, cocheiro, pare!

Ainda estávamos a uma centena de metros de distância, mas ele insistiu em descer ali mesmo. Fizemos o resto do caminho a pé.

A casa número 3 de Lauriston Gardens tinha um aspecto agourento e ameaçador. Juntamente com outras três, ficava um pouco recuada: duas delas estavam ocupadas e duas, vazias. Nestas últimas, duas filas de janelas, tristes e abandonadas, olhavam para a rua como outros tantos olhos vagos e mortiços, exceto nas vidraças turvas em que um papel com o "Aluga-se" fazia o efeito de uma catarata. Um pequeno jardim, salpicado aqui e ali de plantas mirradas, separava da calçada cada uma das quatro construções, e era atravessado por uma vereda estreita, amarelada, que parecia uma mistura de saibro e argila. Todo o terreno estava muito mole em conseqüência da chuva caída durante a noite. O jardim era fechado por um pequeno muro, com cerca de um metro de altura, rematado por grades de madeira. Apoiado a esse muro via-se um bravo policial, rodeado por um grupo de desocupados, que espichavam o pescoço e aguçavam o olhar na vã esperança de ver o que acontecia no interior da casa.

Eu imaginara que Sherlock Holmes, logo ao chegar diante da casa, entrasse rapidamente a fim de esclarecer o mistério. Nada, porém, parecia mais longe da sua intenção. Com um ar indiferente, que, naquelas circunstâncias, raiava a afelação, pôs-se a passear de cá para lá pela calçada, olhando distraidamente o chão, o céu, as casas vizinhas e a linha das grades de madeira. Terminado esse escrutínio, avançou lentamente pela vereda, ou antes pela faixa de grama que a flanqueava, sempre com os olhos pregados no chão. Duas vezes se deteve, e numa delas vi-o sorrir com uma exclamação satisfeita. Havia muitas pegadas no solo úmido e argiloso; mas como a polícia tinha andado por ali, eu não via de que maneira o meu companheiro poderia deduzir qualquer coisa à vista delas. Não obstante, após a recente e extraordinária prova da rapidez das suas faculdades perceptíveis, não duvidei de que pudesse ver muitas coisas invisíveis para mim.

À porta da casa, fomos recebidos por um homem de tez muito branca, ruivo, com um caderno de anotações na mão, que se precipitou apertando efusivamente a mão do meu companheiro.

— Foi muita bondade sua ter vindo — disse ele. — Deixei tudo intacto.

— Com exceção disto! — respondeu o meu amigo, apontando para a vereda. — Se uma manada de búfalos tivesse passado por aí, não ficaria em pior estado. Mas, sem dúvida, você já tinha tirado as suas conclusões, Gregson, antes de ter permitido tal coisa.

— Tive muito o que fazer dentro da casa — disse evasivamente o detetive. — O meu colega, o sr. Lestrade, também está aqui. Calculei que ele cuidasse disso.

Holmes relanceou-me os olhos e ergueu ironicamente as sobrancelhas.

— Com dois homens como você e Lestrade na pista, não haverá muito o que fazer para um terceiro.

Gregson esfregou as mãos com ar satisfeito.

— Creio que já fizemos tudo o que devia ser feito — respondeu ele. — Contudo, é um caso estranho, e sei que é esse o seu gênero preferido.

— Você veio de carruagem? — perguntou Sherlock Holmes.

— Não.

— Nem Lestrade?

— Não.

— Então vamos dar uma olhadela pela sala.

E com essa observação inconseqüente o meu companheiro penetrou na casa, seguido por Gregson, cujas feições exprimiam espanto.

Um pequeno corredor, de soalho nu e empoeirado, levava à cozinha e às peças de serviço. Havia nele duas portas, uma para a direita e outra para a esquerda. Uma delas estava evidentemente fechada havia muitas semanas. A outra dava para a sala de jantar, onde havia ocorrido o fato misterioso. Holmes entrou, e eu o acompanhei com o sentimento de respeito que a presença da morte sempre inspira. Era uma ampla sala retangular, que a ausência de mobília tornava ainda maior. Um papel vulgar, de cores gritantes, revestia as paredes, mas aqui e ali estava manchado de bolor e, em alguns pontos, pendia em longas tiras, deixando à mostra o reboco amarelado. Diante da porta havia uma lareira pretensiosa, cuja escarpa imitava o mármore branco. Num dos lados dela havia um toco de vela de cera vermelha. A única janela existente estava tão suja que a luz era brumosa e incerta, dando a tudo um tom cinzento, a não ser a espessa camada de poeira que cobria o aposento.

Todos esses pormenores eu observei mais tarde. Inicialmente, a minha atenção concentrou-se na figura inerte e macabra que jazia estendida no soalho e olhava para o teto desbotado com olhos vazios e sem vida. Era um homem de quarenta e três ou quarenta e quatro anos, de estatura mediana, ombros largos, cabelos pretos e crespos, barba curta e pontuda. Vestia fraque e colete de uma fazenda pesada, calças claras, e os punhos e o colarinho eram imaculadamente brancos. Um chapéu alto, bem-cuidado, estava caído no chão, a seu lado. O homem tinha os punhos cerrados e os braços abertos, ao passo que os membros inferiores, pela posição retorcida, pareciam indicar que a agonia fora muito penosa. No rosto hirto havia uma expressão de horror e, ao que me parecia, de ódio, como jamais vi num semblante humano. Aquela contração malévola e terrível, aliada à testa baixa, ao nariz chato e ao queixo saliente do morto, davam-lhe um aspecto singularmente simiesco, ainda mais acentuado pela sua postura contorcida e fora do natural. Já vi a morte sob muitas formas, mas nunca a encontrei com tão medonho aspecto como naquela sala escura e macabra, que dava para uma das principais artérias suburbanas de Londres.

Lestrade, com o seu habitual ar de furão, estava junto da porta, e cumprimentou ao meu companheiro e a mim.

— Este caso vai dar o que falar — observou ele. — Bate todos os precedentes que conheço... e não nasci ontem.

— Há algum indício? — perguntou Gregson.

— Absolutamente nenhum — respondeu Lestrade.

Sherlock Holmes aproximou-se do cadáver e, ajoelhando-se, examinou-o atentamente.

— Estão certos de que não há qualquer ferimento? — perguntou ele, apontando para as inúmeras manchas e salpicos de sangue que se viam em torno.

— Certíssimos! — responderam em coro os dois investigadores.

— Então é evidente que este sangue pertence a um segundo indivíduo... provavelmente ao assassino, se é que foi assassinato. Isso me recorda as circunstâncias que rodearam a morte de Van Jansen, em Utrecht, no ano de 1834. Lembra-se do caso, Gregson?

— Não, senhor.

— Pois leia-o... é do seu interesse. Não há nada de novo debaixo do sol. Tudo já foi feito antes.

Enquanto falava, os seus dedos ágeis iam correndo por aqui e ali, tateando, apertando, desabotoando, examinando, ao passo que os seus olhos mostravam aquela mesma expressão distante que já mencionei. O exame foi realizado com tamanha rapidez que ninguém o teria adivinhado tão minucioso. Finalmente, cheirou os lábios do morto, e depois olhou para os seus sapatos de verniz.

— Não mexeram nele? — perguntou.

— Apenas o suficiente para examiná-lo.

— Então podem levá-lo para o necrotério — concluiu Holmes. — Não há mais nada que ver.

Gregson tinha quatro homens com uma padiola à espera. Logo que os chamou, entraram na sala e levaram o cadáver do desconhecido. Quando o levantaram, um anel caiu no chão e rolou pelo soalho. Lestrade apanhou-o, rápido, e ficou fitando-o de olhos arregalados.

— Esteve aqui uma mulher! — exclamou ele. — Isto é uma aliança de mulher!

Dizendo isso, mostrava-a na palma da mão. Reunimo-nos todos em volta dele e olhamos para o anel. Sem dúvida alguma aquela simples argola de ouro já adornara o anelar de uma noiva.

— Isto complica o assunto — disse Gregson. — E sabe Deus que já era bastante complicado.

— Está certo de que não o simplifica? — observou Holmes. — De nada nos valerá ficarmos a contemplá-lo. O que encontrou nos bolsos?

— Temos tudo aqui — disse Gregson, apontando para alguns objetos, num dos últimos degraus da escada. — Um relógio de ouro, número 97163, da Casa Barraud, de Londres. Uma corrente de ouro maciço. Um anel de ouro com o símbolo maçónico. Um pregador de ouro em forma de cabeça de buldogue com olhos de rubi. Um estojo de couro da Rússia com os cartões de visita de Enoch J. Drebber, de Cleveland, o que combina com as iniciais E. J. D. encontradas na roupa-branca. Nenhuma carteira, dinheiro espalhado pelos bolsos, somando sete libras e treze xelins. Uma edição de bolso do Decamerão, de Boccaccio, com o nome de Joseph Stangerson no frontispício. Duas cartas... uma dirigida a E. J. Drebber e outra a Joseph Stangerson.

— Qual o endereço?

— American Exchange, Strand, Londres, para serem entregues quando procuradas pêlos destinatários. Ambas provêm da Companhia de Navegação Guion, e referem-se à partida dos seus vapores de Liverpool. É claro que o pobre diabo se dispunha a regressar a Nova York.

— Fez algumas indagações sobre esse tal Stangerson?

— Assim que cheguei — respondeu Gregson. — Mandei pôr anúncios em todos os jornais, e um dos meus homens foi até o American Exchange, mas ainda não voltou.

— Pediu informações a Cleveland?

— Telegrafamos esta manhã.

— Em que termos?

— Expusemos simplesmente as circunstâncias, dizendo que agradeceríamos quaisquer informações disponíveis.

— Não pediu pormenores sobre qualquer ponto especial, sobre algo que lhe parecesse importante?

— Solicitei informações sobre Stangerson.

— Nada mais? Não há nenhuma circunstância sobre a qual este caso lhe pareça repousar? Não vai telegrafar novamente? — insistiu Holmes.

— Já disse tudo o que tinha a dizer — replicou Gregson, em tom ofendido.

Sherlock Holmes riu consigo mesmo, parecendo prestes a fazer uma observação, quando Lestrade, que ficara na sala da frente enquanto conversávamos no corredor, entrou em cena, esfregando as mãos com ar satisfeito e pomposo.

— Sr. Gregson — disse ele. — Acabo de descobrir algo muitíssimo importante, e que passaria despercebido se eu não tivesse procedido a um minucioso exame das paredes.

Os olhos do homenzinho cintilavam. Evidentemente, exultava por ter lavrado um tento contra o seu colega.

— Venham — disse ele, voltando apressadamente para a sala, cuja atmosfera parecia aliviada pós a remoção do seu macabro inquilino. — Fiquem agora onde estão.

Riscou um fósforo na sola do sapato e ergueu-o contra a parede.

— Vejam isto! — anunciou, triunfante.

Já observei que o papel que forrava as paredes estava rasgado e pendente em vários lugares. Naquele canto da sala faltava um largo pedaço, e havia um retângulo de reboco amarelo a descoberto. Nesse espaço desnudado via-se, garatujada com sangue, uma única palavra:

RACHE

— Que pensa disso? — perguntou o funcionário, com o ar de um pregoeiro que anuncia o espetáculo de sua barraca. — Não havíamos reparado porque estava no canto mais escuro da sala, e ninguém pensou em olhar para cá. O assassino, ou a assassina, escreveu esta palavra com o próprio sangue. Vejam esta mancha que escorreu pela parede! Seja como for, isto anula a hipótese de suicídio. E por que foi escolhido este canto? Vou lhes dizer. Vejam esta vela sobre a lareira. Estava acesa naquele momento, e, sendo assim, este canto seria a parte mais iluminada e não a mais escura da sala.

— E que significam essas letras, agora que as encontrou? — perguntou Gregson em tom depreciativo.

— Que significam? Ora, que alguém ia escrever o nome Rachel quando foi interrompido, ou interrompida, antes de terminar. Guardem o que lhes digo: quando este caso for esclarecido, verificarão que uma mulher chamada Rachel está ligada a ele. O senhor pode rir como quiser, sr. Sherlock Holmes, Pode ser muito astuto e penetrante, mas um velho cão de caça, afinal de contas, tem melhor faro.

— Peço-lhe humildemente perdão! — disse o meu companheiro, que havia irritado o homenzinho com a sua explosão de riso. — Sem dúvida alguma, cabe-lhe o mérito de ter sido o primeiro a ver essa inscrição, que, conforme observou justamente, tem toda a aparência de ter sido obra do outro .participante deste mistério noturno. Eu ainda não tinha tido tempo de examinar esta sala, mas, com a sua permissão, fá-lo-ei agora,

Assim falando, tirou de súbito uma fita métrica e uma grossa lente de aumento que trazia no bolso. Armado desses dois instrumentos, começou a andar rápida e silenciosamente pela sala, detendo-se às vezes, ajoelhando-se de quando em quando, e, em dados momentos, estendendo-se a todo o comprimento no soalho. Tão embebido se achava nessas ocupações, que parecia esquecido da nossa presença, pois não cessava de falar sozinho, a meia voz, soltando toda uma série de exclamações, resmungos, assobios e pequenos gritos, que pareciam de júbilo e esperança. Ao observá-lo, foi-me

impossível deixar de compará-lo a um cão de caça bem ensinado e de puro-sangue quando corre de cá para lá atrás da presa, ganindo de ansiedade, até que encontra o rastro certo. Durante vinte minutos ou mais, continuou as suas investigações, medindo com o máximo cuidado as distâncias entre marcas inteiramente invisíveis para mim, e ocasionalmente aplicando o seu metro à parede, de maneira também incompreensível. Num determinado ponto, recolheu cuidadosamente um montículo de poeira cinzenta e guardou-a num envelope. Finalmente, examinou com a sua lente a palavra escrita na parede, verificando cada letra com o maior rigor. Feito isso, pareceu dar-se por satisfeito, e meteu no bolso a lente e a fita métrica.

— Dizem que o gênio não é mais que uma infinita paciência — observou ele com um sorriso. — E uma péssima definição, mas aplica-se perfeitamente ao trabalho de um detetive.

Gregson e Lestrade haviam observado aquelas manobras do seu colega amador com muita curiosidade e certo desprezo. Era evidente que não podiam compreender o fato de que os menores gestos de Sherlock Holmes, conforme eu começava a perceber, tinham em mira alguma coisa prática e definida.

— Qual é a sua opinião? — perguntaram-lhe ambos.

— Seria roubar-lhes o mérito das pesquisas, se eu pretendesse ajudá-los — observou o meu amigo. — Estão fazendo tantos progressos que a interferência de alguém seria lamentável — acrescentou com imensa ironia. — Se tiverem a bondade de pôr-me ao corrente das suas investigações — continuou Holmes —, terei a maior satisfação em prestar-lhes todo o auxílio ao meu alcance. Entretanto, gostaria de falar com o policial que encontrou o corpo. Podem dar-me o seu nome e endereço?

Lestrade consultou seu caderno de anotações.

— John Rance — disse ele. — Está de folga agora. Poderá encontrá-lo no 46 da Audley Court, em Kennington Park Gate.

Holmes tomou nota do endereço.

— Venha, doutor — disse ele. — Vamos nos encontrar com Rance. Posso dizer-lhes uma coisa que talvez os ajude neste caso — continuou ele, voltando-se para os dois investigadores. — Aqui houve um assassinato, e o autor do crime foi um homem. Ele tem mais de um metro e oitenta de altura, ainda é relativamente jovem, usa sapatos um tanto grosseiros, de bico quadrado, e, quando chegou aqui, fuma- va um charuto Trichinopoly. Veio a esta casa com a sua vítima, numa carruagem de quatro rodas, puxada por um cavalo com três ferraduras velhas e uma nova, na pata dianteira esquerda. Com toda a certeza, o assassino tem o rosto vermelho e as unhas da mão direita bastante compridas. São apenas algumas indicações, mas talvez possam servir-lhes.

Lestrade e Gregson entreolharam-se com um sorriso incrédulo.

— Se o homem foi assassinado, com que teria sido? — perguntou o primeiro.

— Veneno — respondeu Sherlock Holmes laconicamente, e encaminhou-se para a porta. — Outra coisa, Lestrade — acrescentou, voltando-se para dentro da sala: — "Rache" significa "vingança" em alemão, e por isso não perca tempo em procurar a jovem Rachel.

E com essa rajada final se afastou, deixando os dois rivais boquiabertos.

Capítulo quarto: O que John Rance tinha a contar

Era uma hora da tarde quando deixamos a casa número 3 de Lauriston Gardens. Sherlock Holmes levou-me à agência telegráfica mais próxima, de onde expediu um longo telegrama. Chamou depois uma carruagem e ordenou ao cocheiro que nos conduzisse ao endereço fornecido por Lestrade.

— Não há nada como as informações em primeira mão — observou ele. — Para dizer a verdade, a minha opinião sobre o caso já está formada, mas sempre é conveniente recolher todos os dados possíveis.

— Você me surpreende, Holmes — observei. — Não creio que esteja tão certo como se mostra a respeito dos pormenores que acaba de fornecer.

— Não há possibilidade de erro — replicou ele. — A primeira coisa que observei ao chegar lá foi que uma carruagem fizera dois sulcos com as rodas, junto à esquina. Ora, até ontem à noite, tivemos uma semana sem chuva, de maneira que esses sulcos assim tão fundos datam de ontem à noite. Também havia marcas dos cascos do cavalo, uma das quais mais nítida do que as outras três, o que indicava uma ferradura nova. Visto que uma carruagem parou ali depois de ter começado a chover, e nenhuma durante a manhã (sobre esse ponto tenho o testemunho de Gregson), segue-se que chegou durante a noite e que, por conseguinte, trouxe os dois desconhecidos à casa número 3.

— Isso parece muito simples — murmurei. — Mas como sabe a altura do outro homem?

— Ora, a altura de um homem, em nove casos em dez, pode ser deduzida pelo comprimento dos seus passos. É um cálculo muito simples, mas será inútil aborrecê-lo com cifras. O homem deixou os seus passos tanto no barro do jardim como na poeira da sala. Além disso, tive possibilidades de verificar a exatidão dos meus cálculos. Quando um homem escreve numa parede, o instinto leva-o a escrever à altura dos olhos. Pois bem, aquela inscrição estava a cerca de um metro e oitenta do chão. Uma brincadeira de criança.

— E a idade? — perguntei ainda.

— Bem, se um homem pode dar uma passada de um metro e vinte sem o menor esforço, é impossível que tenha as articulações duras. Era essa a largura de uma poça de água no jardim que ele evidentemente atravessou. O homem dos sapatos de verniz contornou-a,

e o dos sapatos de bico quadrado saltou-a. Não há nenhum mistério nisso. Estou simplesmente aplicando à vida normal alguns daqueles preceitos de observação e dedução que advoguei no meu artigo. Há mais alguma coisa que o intrigue?

— A história das unhas e do charuto Trichinopoly — confessei.

— Aquela palavra na parede foi escrita com um indicador masculino molhado em sangue. A lente permitiu-me observar que o reboco fora ligeiramente arranhado, o que não teria acontecido se o homem tivesse as unhas curtas. Quanto ao charuto... juntei um pouco da cinza espalhada pelo soalho. Era escura e escamada... tal qual a cinza que só um Trichinopoly produz. Fiz um estudo especial sobre as cinzas de charutos... até escrevi uma monografia a esse respeito. Gabo-me de poder distinguir à primeira vista a cinza de qualquer marca conhecida de charuto ou tabaco. É exatamente nesses pormenores que um detetive especializado difere do tipo representado por Gregson e Lestrade.

— E o rosto vermelho?

— Ah! Esse foi um golpe temerário, embora eu não duvide que tenha acertado. Na atual fase da investigação, não me interrogue sobre esse ponto.

Passei a mão pela testa.

— Minha cabeça está rodando — observei. — Quanto mais penso, mais o caso me parece misterioso. Como é que esses dois homens, se realmente eram dois homens, puderam entrar numa casa vazia? Que foi feito do cocheiro que os levou? De que maneira um homem poderia obrigar outro a tomar veneno? Como explicar o sangue? Qual foi o motivo do crime, visto que não houve roubo? Como foi parar ali aquele anel de mulher? E, acima de tudo, por que teria o segundo homem escrito a palavra alemã "Rache" antes de se safar? Confesso que não compreendo como se poderão conciliar todos esses fatos.

O meu companheiro teve um sorriso de aprovação.

— Você acaba de resumir, clara e sucintamente, as dificuldades da situação — disse ele. — Mas ainda há muita coisa obscura, apesar de eu já ter um conceito definido dos fatos principais. Quanto à descoberta do pobre Lestrade, trata-se simplesmente de uma pista falsa, deixada para que a polícia visse o caso como obra de socialistas ou sociedades secretas. O "A", conforme você terá notado, dava certa impressão de gótico, mas um verdadeiro alemão, quando escreve em letras de forma, o faz invariavelmente em caracteres latinos. Dessa maneira, podemos seguramente concluir que a palavra não foi escrita por um alemão, mas por um grosseiro imitador que exagerou o seu papel. Aquilo foi simples astúcia para desviar a investigação. E não lhe direi mais sobre este caso, meu caro doutor, pois você não ignora que o prestidigitador perde o mérito quando explica os seus truques. Se eu o puser muito ao corrente do meu método de trabalho, você chegará à conclusão de que, afinal de contas, sou um indivíduo como outro qualquer.

— Isso nunca acontecerá — repliquei. — Os seus estudos conduziram a investigações à altura de uma ciência exata, e jamais serão superados.

O meu companheiro corou de satisfação ante essas palavras e o tom convicto com que eu as pronunciara. Não me havia escapado que ele fosse tão sensível aos elogios feitos à sua arte quanto uma menina a respeito da sua beleza.

— Dir-lhe-ia outra coisa — volveu Holmes. — O homem dos sapatos de verniz e o dos sapatos de bico quadrado, digamos Verniz e Quadrado, vieram na mesma carruagem e caminharam juntos pela vereda do jardim da maneira mais amistosa possível... de braço dado, provavelmente. Depois de entrarem naquela sala, começaram a andar de cá para lá, isto é, Verniz ficou no mesmo lugar e Quadrado pôs-se a andar de cá para lá. Li tudo isso no pó do soalho; e também pude ler que ele ia se acalorando enquanto andava. Demonstra-o a largura crescente dos passos. Ele não cessava de falar durante todo o tempo, e, sem dúvida, ia ficando cada vez mais colérico. Ocorreu então a tragédia. Acabo de lhe dizer tudo quanto sei, pois o resto não passa de suposições e conjecturas, Temos, no entanto, um bom ponto de partida. Agora devemos nos apressar, porque esta tarde desejo ir ao concerto de Norman Neruda, no Hallé.

Essa conversa efetuou-se enquanto a nossa carruagem passava por uma tortuosa série de ruas sujas e vielas melancólicas. Na mais suja e melancólica de todas, o nosso cocheiro parou subitamente.

— Ali está Audley Court — disse ele, apontando para a entrada de uma rua, que era pouco mais que uma fenda entre duas paredes de tijolos escuros. — Espero-os aqui.

Audley Court não era um lugar atraente. A estreita passagem levou-nos a um pátio retangular, calçado de lajes, e delimitado por casas miseráveis. Fomos abrindo caminho através de um bando de crianças sujas, com roupas desbotadas, até chegarmos ao número 46, cuja porta ostentava uma pequena placa de latão com o nome de Rance gravado nela. Disseram-nos que o guarda estava na cama, e fizeram-nos entrar numa saleta, onde ficamos à espera dele.

Rance surgiu pouco depois, parecendo um tanto irritado por lhe terem perturbado o sono.

— Já apresentei o meu relatório no posto — disse.

Holmes tirou meio soberano do bolso e começou a brincar distraidamente com a moeda.

— Achamos que era melhor ouvir a história toda dos seus próprios lábios — disse ele.

— Terei o maior prazer em contar-lhes tudo o que desejarem — respondeu o policial, sem tirar os olhos da moeda de ouro.

— Conte-nos apenas o que aconteceu, e à sua maneira.

Rance sentou-se no sofá de crina e enrugou a testa como se estivesse resolvido a não omitir qualquer pormenor na sua narrativa.

— Vou começar pelo princípio — disse ele. — A minha ronda é das dez da noite às seis da manha. As onze horas houve uma briga no White Hart, mas, exceto por isso, tudo estava calmo na minha zona. Â uma, começou a chover, e eu me encontrei com Harry Murcher, o colega que faz a zona de Holland Grove. Ficamos conversando um pouco na esquina da Henrietta Street. Mais tarde... aí pelas duas horas ou pouco mais, resolvi dar uma olhadela pela Brixton Road, para ver se tudo estava em ordem. Ia andando devagar, pensando com os meus botões o quanto me cairia bem um copo de gim quente, quando repentinamente vi uma luz na janela daquela casa. Ora, eu sabia que as duas casas de Lauriston Gardens estavam vazias, porque o proprietário não quer mandar limpar os esgotos, apesar de o último inquilino de uma delas ter morrido de tifo. Vendo aquela luz na janela, fiquei estupefato, e desconfiei logo que havia algo de anormal. Quando cheguei à porta...

— Deteve-se e depois voltou até o portão do jardim — interrompeu-o o meu companheiro. — Por que fez isso?

Rance deu um pulo no sofá e arregalou os olhos para Sherlock Holmes.

— Exatamente! — exclamou ele. — Mas como é que pode saber tal coisa? Quando cheguei à frente da porta, estava tudo tão calmo e solitário que pensei que não seria mau ter alguém comigo. Não tenho medo de nada que pertença a este mundo... mas o inquilino que morrera de tifo bem podia andar inspecionando os esgotos que o levaram desta para a melhor. Essa idéia me arrepiou. Foi por isso que voltei ao portão, esperando avistar a lanterna de Murcher. Mas não vi sinal dele nem de ninguém mais.

— Não havia ninguém na rua?

— Vivalma, nem um cachorro sequer. Bem, enchi-me de coragem, voltei e abri a porta. Lá dentro tudo estava silencioso, e penetrei na sala, onde ardia uma luz. Lá estava uma vela bruxuleando sobre a lareira... uma vela vermelha de cera... e à luz dela vi...

— Sim, sei tudo o que viu. Você deu várias voltas pela sala, ajoelhou-se junto do cadáver, depois atravessou a casa para ver se a porta da cozinha estava fechada, e então...

John Rance pôs-se de pé, com a cara assustada e um olhar desconfiado.

— Onde é que estava escondido para ver tudo isso? — perguntou ele. — Parece-me que o senhor sabe mais do que devia.

Holmes riu e atirou o seu cartão de visita em cima da mesa do policial.

— Não queira prender-me pelo assassinato -— disse ele. — Sou um dos cães de fila e não o lobo. Gregson e Lestrade lhe darão todas as garantias. Continue, então. Que fez depois?

Rance tornou a sentar-se, mas ainda parecia desorientado.

— Voltei ao portão e apitei. Murcher e mais dois colegas vieram imediatamente.

— E nessa ocasião a rua estava deserta?

— Bem, quanto a pessoas que pudessem servir para alguma coisa, estava praticamente deserta.

— Como assim?

Um largo sorriso apareceu no rosto do agente.

— Já vi muitos bêbedos na minha vida — disse ele —, mas nenhum como aquele sujeito. Estava no portão, encostado às grades, quando eu saí, e não parava de cantar a Newfangled banner, ou coisa parecida. Não conseguia ficar em pé, quanto mais ajudar, fosse no que fosse.

— Que tipo de homem era? — perguntou Sherlock Holmes.

John Rance pareceu um tanto irritado por essa digressão.

— Era um grandessíssimo beberrão — respondeu o policial. — E teria ido parar no posto se não tivéssemos coisa mais importante a fazer.

— Mas não lhe notou o rosto, a roupa? — interrompeu Holmes, com impaciência.

— Pois claro, se até tive de pô-lo em pé, com o auxílio de Murcher! Era um sujeito alto, de cara vermelha, com uma manta que lhe cobria o queixo...

— É o suficiente! — exclamou Holmes. — Que foi feito dele?

— Tínhamos mais o que fazer do que cuidar dele — respondeu o policial, num tom ofendido. — Garanto que acabou por encontrar o caminho de casa.

— Como estava vestido?

— Tinha um sobretudo castanho.

— Com um chicote na mão?

— Um chicote?... Não.

— Deve tê-lo deixado em qualquer lugar — murmurou a meia voz o meu companheiro.
— Não viu ou ouviu um carro afastar-se, logo depois?

— Não.

— Aqui tem meia libra — disse Holmes, levantando-se e pegando o chapéu. — Parece-me que você não vai subir muito como policial, Rance. A sua cabeça devia ser mais que um ornamento. Ontem à noite poderia ter ganho as suas divisas de sargento. O homem que você teve nas mãos é precisamente o que possui a chave deste mistério e está sendo procurado por nós. Agora é inútil falar a esse respeito, mas repito que foi assim. Vamos, doutor.

Voltamos para a carruagem que nos esperava, deixando o nosso informante incrédulo, mas evidentemente perturbado.

— Que grande idiota! — exclamou Holmes severamente, quando voltávamos para casa. — Pensar que teve uma sorte incrível e não soube aproveitá-la!

— Ainda estou no escuro — confessei. — É verdade que o tipo desse homem combina com a sua idéia a respeito da segunda personagem deste mistério. Mas por que voltaria ele àquela casa, depois de ter fugido? Um criminoso não faria isso.

— O anel, homem de Deus, o anel: foi por isso que ele voltou. Mas eu o apanho, doutor... aposto dois contra um em como o apanho. E fico-lhe muito agradecido por tudo isso. Se não fosse a sua insistência, eu talvez não tivesse ido a Lauriston Gardens, perdendo assim o estudo mais interessante que já encontrei: um estudo em vermelho, não? Por que não usarmos um pouco a linguagem artística? Na meada incolor da vida, corre o fio vermelho do crime, e o nosso dever consiste em desenredá-lo, isolá-lo e expô-lo em toda a sua extensão. E agora vou almoçar, e depois ao concerto de Norman Neruda. A sua arcada e as suas execuções são estupendas. Como é aquela peça de Chopin que ele interpreta tão bem? Trá-lá-lá-lirá-lá.

O detetive amador recostou-se no assento da carruagem e continuou a cantar como uma cotovia, enquanto eu meditava sobre a versatilidade do espírito humano.

Capítulo quinto: Nosso anúncio traz um visitante

A atividade da manhã fora demasiado intensa para a minha saúde, e a tarde encontrou-me exausto. Depois que Holmes saiu para o concerto, estendi-me no sofá e procurei dormir algumas horas. Inútil tentativa! Tudo o que acontecera tinha de tal modo estimulado a minha mente que ela agora estava povoada pelas mais estranhas hipóteses e fantasias. Cada vez que fechava os olhos, via diante de mim o rosto contraído e simiesco do homem assassinado. Tão sinistra impressão me causara essa face, que eu tinha dificuldade em sentir outra coisa senão gratidão por aquele que a suprimira deste mundo. Se alguma vez as feições humanas já denunciaram o vício sob o seu pior aspecto, foi certamente no rosto de Enoch J. Drebber, de Cleveland. Contudo, eu admitia que era necessário fazer justiça, e que a depravação da vítima não constituía uma atenuante perante os olhos da lei.

Quanto mais eu pensava nisso, mais extraordinária me parecia a hipótese, formulada pelo meu companheiro, de que o homem fora envenenado. Lembrava-me bem de como

ele lhe cheirara os lábios, e não tinha dúvidas de que Holmes sentira qualquer coisa que lhe inspirara semelhante idéia. Por outro lado, se não fosse o veneno, que mais poderia ter causado a morte do homem, visto que não havia ferimentos nem sinais de estrangulamento? Ainda assim, de quem era o sangue que tão profusamente manchava o soalho? Não havia indícios de luta, nem a vítima possuía qualquer arma com a qual tivesse ferido o seu antagonista. Enquanto essas perguntas continuassem sem resposta, parecia-me que nem Holmes nem eu poderíamos conciliar o sono.

As suas maneiras tranqüilas e confiantes asseguravam-me que ele já havia elaborado uma teoria que explicava todos os fatos, embora eu de forma alguma pudesse conjecturar qual fosse.

Ele regressou muito tarde... tão tarde que só o concerto não bastava para explicar semelhante demora, O jantar estava na mesa antes que ele tivesse aparecido.

— Foi magnífico — disse ele ao sentar-se. — Lembra-se do que diz Darwin a respeito da música? Afirma que a capacidade de produzi-la e apreciá-la existia no gênero humano muito antes da faculdade da linguagem. Talvez seja por esse motivo que ela exerce em nós uma influência tão sutil. Deve haver em nossas almas vagas memórias desses séculos nevoentos em que o mundo estava na sua infância.

— Ë uma idéia um tanto vasta — observei.

— As nossas idéias devem ser tão vastas quanto a natureza, se quisermos interpretá-la — sentenciou Holmes. — Mas que acontece? Você não parece o mesmo. Estará perturbado com esse caso da Brixton Road?

— Para falar a verdade, estou. Depois das minhas experiências no Afeganistão, eu deveria ser menos sensível. Vi os meus camaradas serem massacrados na Batalha de Maiwand, e não perdi a calma.

— Compreendo perfeitamente. No caso presente há um mistério que estimula a imaginação; onde não há imaginação há horror. Já viu o jornal da tarde?

— Não.

— Traz uma notícia bastante pormenorizada sobre o ocorrido. Não menciona, porém, o fato de que, ao erguerem homem, caiu no chão uma aliança de mulher. Tanto melhor.

— Por quê?

— Veja este anúncio — disse ele à guisa de resposta. — Esta manhã, imediatamente após o fato, mandei publicá-lo em todos os jornais.

Atirou-me o jornal por cima da mesa, e eu relanceei os olhos pelo lugar indicado. Era o primeiro anúncio da seção de Objetos Achados. Dizia:

“Na Brixton Road, esta manhã, foi encontrada uma aliança de ouro no caminho entre a White Hart Tavern e Holland Grove. Procurar o dr. Watson, Baker Street, 221-B, entre oito e nove horas desta noite.”

— Desculpe-me por ter usado seu nome — disse ele. — Se tivesse posto o meu, qualquer desses policiais tontos seria capaz de reconhecê-lo e querer se intrometer no assunto.

— Não tem importância — respondi-lhe. — Mas, se aparecer alguém, não terei qualquer anel a entregar.

— Terá, sim — redargüiu ele, passando-me uma aliança de ouro. — Esta servirá perfeitamente. É quase uma réplica da verdadeira.

— E quem você espera que venha buscá-la?

— Ora, o homem do sobretudo castanho... o nosso rubicundo amigo de sapatos de bicos quadrados. Se ele não vier em pessoa, mandará um cúmplice.

— Será que ele não vai achar perigoso?

— De modo algum. Se a minha reconstrução dos fatos for exata, e tenho todas as razões para acreditar que assim seja, esse homem preferirá correr qualquer risco a perder o anel. Segundo penso, ele o deixou cair ao inclinar-se sobre o corpo de Drebber, e só depois é que deu pela sua falta. Após deixar a casa, viu que o tinha perdido, voltou apressadamente e topou com a polícia já no local, devido à sua rematada tolice de ter deixado a vela acesa. Teve de fingir- se de bêbado a fim de evitar as suspeitas que a sua presença no portão poderia causar. Ponha-se agora no lugar desse homem. Ao refletir sobre o assunto, deve ter-lhe ocorrido que talvez houvesse perdido o anel na rua, depois de sair da casa. Que deve ter feito ele então? Procurado sofregamente os jornais da tarde, na esperança de vê-lo entre os objetos achados. Sem dúvida os seus olhos brilharam ao ver isto. Por que temeria ele uma armadilha? A seu ver não haveria nenhuma razão ligando o anel encontrado ao crime. Nada o impediria de vir, como aliás virá. Dentro de uma hora tê-lo-emos aqui.

— E depois?

— Oh! Deixe, que eu me encarrego de falar com ele. Tem armas?

— Tenho o meu velho revólver de serviço e alguns cartuchos.

— É melhor limpá-lo e carregá-lo. O homem deve estar desesperado; e, mesmo que eu o apanhe de surpresa, convém estar preparado para o que der e vier.
Fui até o meu quarto e segui o seu conselho. Quando voltei com o revólver, a mesa já fora arranjada, e Holmes estava entregue à sua ocupação favorita, arranhando as cordas do violino.

— Os acontecimentos se precipitam — disse ele. — Acabo de receber a resposta ao meu telegrama para a América. A minha opinião sobre o caso estava certa.

— E qual é?

— O meu violino está precisando de cordas novas — observou ele, sem me responder.

— Ponha o seu revólver no bolso. Quando o sujeito chegar, fale normalmente com rk. Deixe o resto comigo Não o assuste com um olhar imito fixo.

— São oito horas — disse eu, olhando para o meu relógio.

— Sim. Provavelmente estará aqui dentro de poucos minutos. Deixe a porta entreaberta. Assim. Agora ponha a chave por dentro. Muito obrigado. Já viu este livro? E um volume curioso, que encontrei ontem numa prateleira. De jure inter gentes... publicado em latim, em Liège, nos Países Baixos, em 1642. Carlos I ainda tinha a cabeça no lugar quando este livrinho de lombada marrom foi impresso.

— Quem é o impressor?

— Filipe de Croy.. . um nome que nunca ouvi. No frontispício , em tinta quase apagada, lê-se: "*Ex libris Gulielmi Whyte*". Quem terá sido esse Gulielmi Whyte? Algum jurisconsulto do século XVII, suponho. A letra tem um formato oficial. Mas aí vem o nosso homem, se não me engano.

Enquanto ele falava, soou fortemente a campainha. Sherlock Holmes levantou-se sem ruído e colocou a sua cadeira diante da porta. Ouvimos a criada passar pelo corredor o estalido seco do trinco.

— O dr. Watson mora aqui? — perguntou uma voz clara mas um tanto áspera. Não pudemos ouvir a resposta lia criada, mas a porta se fechou e alguém começou a subir as escadas. Os passos eram incertos e arrastados. Uma expressão de surpresa assomou ao rosto do meu companheiro, ao escutá-los. Os passos se aproximaram lentamente pelo corredor, e seguiu-se uma leve pancada na porta.

— Entre — gritei.

A esse convite, em lugar do homem violento que esperávamos, uma velha encarquilhada entrou manquejando no aposento. Parecia ofuscada pela brilhante luz da sala, e, depois de fazer uma curvatura desajeitada, ficou piscando para nós os seus olhos turvos, remexendo nos bolsos com dedos trêmulos e nervosos. Olhei para o meu companheiro: o seu rosto mostrava agora uma expressão tão desconsolada que mal pude me manter sério.

A velha desembolsou finalmente um jornal vespertino e apontou para o nosso anúncio.

— Vim por causa disto, meus bons senhores — disse ela, fazendo outra reverência. — Uma aliança de ouro na Brixton Road. Pertence à minha filha Sally, que está casada só há doze meses, O marido é camareiro de um vapor da Union, e sabe lá o que irá dizer quando descobrir que ela no tem mais a aliança. Sóbrio, ele já não é muito delicado, mas quando bebe... Ontem à noite Sally foi ao circo com...

— E esta a aliança dela? — perguntei.

— Deus seja louvado! — exclamou a velhota. — Sally ficará muito contente esta noite. É essa mesma!

— E qual é o seu endereço? — perguntei, pegando um lápis.

— Duncan Street, 13, em Houndsditch. Fica muito longe daqui.

— Para ir de Houndsditch a qualquer circo que seja — observou Sherlock Holmes bruscamente —, não se passa pela Brixton Road.

A velha voltou-se e encarou-o penetrantemente com os seus olhinhos orlados de vermelho.

— Este senhor perguntou pelo meu endereço — disse ela. — SaIly mora numa pensão em Peckham. Fica em Mayfield Place, 3.

— Qual é o seu sobrenome?

— Sawyer... o dela é Dennis, depois que se casou com Tom Dennis. Ele é um bravo rapaz, muito decente, quando está trabalhando. Não há melhor camareiro na companhia. Mas em terra, com mulheres e bebidas...

— Eis aqui a sua aliança, sra. Sawyer — atalhei, obedecendo a um sinal do meu companheiro. — E evidente que pertence à sua filha, e tenho muito prazer em devolvê-la à legítima dona.

Mastigando bênçãos e protestos de gratidão, a velha meteu-a no bolso e arrastou-se escada abaixo. Sherlock Holmes pôs-se em pé no momento em que ela se retirou e precipitou-se para o seu quarto. Voltou poucos segundos depois, envolto no seu impermeável e com um cachecol no pescoço.

— Vou segui-la — anunciou ele rapidamente. — Ela é a cúmplice que me conduzirá ao homem. Espere-me.

A porta do corredor mal se fechara nas costas da nossa visitante, quando Holmes desceu as escadas. Da janela, avistei-a na calçada em frente, andando tropegamente e acompanhada a pouca distância pelo seu furtivo perseguidor.

"Ou toda a sua hipótese é incorreta", pensei comigo, "ou ele vai ser levado ao âmago do mistério".

Ele não precisava ter me pedido que o aguardasse, pois decerto eu não conseguiria dormir sem saber o resultado da sua aventura.

Eram quase nove horas quando saiu. Eu não fazia a menor idéia a respeito do tempo que levaria para voltar, nas enchi-me de paciência e sentei-me, fumando o meu cachimbo e folheando as páginas da Vie de bohème, de Henri Murger. Quando deram dez horas, ouvi os passos da criada, que se recolhia à cama. Às onze, reconheci as passadas mais dignas da senhoria, que tomava o mesmo destino. Era quase meia-noite

quando ouvi o ruído seco de uma chave que girava na fechadura. No momento em que Holmes entrou, vi-lhe no rosto que não fora bem-sucedido. Hilaridade e pesar pareciam debater-se na sua fisionomia, até que a primeira venceu, e ele começou a rir sonoramente.

— Por nada deste mundo eu gostaria que os meus amigos da Scotland Yard soubessem o que aconteceu — disse ele, jogando-se numa poltrona. — Tenho zombado tanto deles que nunca mais deixariam de falar nisso. Posso dar-me ao luxo de rir porque sei que, no fim de contas, levarei a melhor.

— De que se trata, afinal? — perguntei.

— Oh! Não hesito em contar uma história pouco abonadora para mim. Aquela criatura não tinha andado muito quando começou a coxear e dar sinais de cansaço. Finalmente parou e chamou uma carruagem que passava. Consegui me aproximar o bastante para ouvir o endereço, mas poderia ter-me poupado essa sofreguidão, porque ela o gritou com voz suficiente para ser ouvida na calçada em frente. “Leve-me ao número 13 da Duncan Street, em Houndsditch”, disse ela. Achei que aquilo começava a parecer verdadeiro, e, após certificar-me de que ela entrara na carruagem, empoleirei-me na traseira. Essa é uma arte na qual todo detetive deveria se aprimorar. Muito bem. Lá fomos nós, sem parar, até a rua em questão. Saltei antes de chegarmos diante da porta, e comecei a descer a rua descansadamente. Vi a carruagem parar. O cocheiro desceu da boléia, abriu a porta e ficou à espera. Mas não saiu ninguém. Quando me aproximei dele, o homem estava examinando freneticamente o assento vazio, pronunciando a mais bela coleção de pragas que já ouvi. Não havia o menor sinal da sua passageira, e receio que passe muito tempo antes que ele receba o preço da corrida. Pedindo informações no número 13, soubemos que a casa pertencia a um respeitável tapeceiro chamado Keswick, e que ali ninguém ouvira falar em pessoas com o sobrenome de Sawyer ou Dennis.

— Não vai me dizer — exclamei, atônito — que aquela velha débil e trôpega foi capaz de saltar do carro em movimento, sem ser vista por você ou pelo cocheiro!

— Velha coisa nenhuma! — disse Sherlock Holmes asperamente. — Nós é que parecemos duas velhas fáceis de enganar. Deve ter sido um homem moço, muito desempenado, e excelente ator, O disfarce era perfeito. Ele sem dúvida reparou que estava sendo seguido e empregou aquele recurso para me despistar. Isso prova que o homem procurado por nós não é tão só quanto imaginei, tem amigos dispostos a arriscar-se por ele. Mas parece-me exausto, doutor. Aceite o meu conselho: vá para a cama.

Sentia-me realmente muito fraco, de forma que obedeci àquela ordem. Deixei Holmes sentado diante de um fogo bruxuleante, e, tarde da noite, eu ainda ouvia os gemidos abafados e melancólicos do seu violino, certo de que ele continuava a meditar sobre o estranho problema que se propunha resolver.

Capítulo sexto: Tobias Gregson mostra o que pode fazer

Os jornais do dia seguinte estavam cheios do que chamavam “O mistério de Brixton”. Todos faziam um longo relato do caso, e alguns teciam comentários. Havia neles certos pormenores que me eram desconhecidos. Ainda guardo no meu álbum numerosos recortes e extratos referentes ao fato. 1h5 o resumo de alguns deles:

O *Daily Telegraph* observava que, na história do crime, raramente se encontrava uma tragédia com tão estranhas características. O nome alemão da vítima, a ausência de qualquer motivo aparente e a sinistra inscrição na parede, tudo indicava que o crime fora perpetrado por refugiados políticos ou revolucionários. Os socialistas possuíam muitas ramificações na América, e o defunto, que sem dúvida havia infringido as suas leis não escritas, fora seguido por eles. Depois de aludir ligeiramente ao Vehmgericht, à água-tofana, aos carbonários, à marquesa de Brinvilliers, à teoria darwiniana, ao princípio de Malthus e aos assassinatos de Ratcliff Highway, o artigo concluía admoestando o governo e pedindo uma vigilância mais severa para os estrangeiros na Inglaterra.

O *Standard* comentava o fato de que tais violências geralmente ocorriam quando o Partido Liberal estava no poder. Eram a conseqüência da inquietação das massas e do enfraquecimento da autoridade. A vítima era um cidadão americano que residia na metrópole havia algumas semanas. Estivera hospedado na pensão de Mme Charpentier, em Torquay Terrace, Camberwell. Viajava em companhia de um secretário particular chamado Joseph Stangerson. Ambos tinham-se despedido da proprietária na terça-feira, 4, encaminhando-se para a Euston Station, onde deviam tomar o expresso para Liverpool. Tinham sido vistos mais tarde na plataforma da estação. Nada mais se soubera a respeito deles, até que o corpo do sr. Drebber fora encontrado numa casa vazia da Brixton Road, a vários quilômetros de Euston. As circunstâncias que o teriam levado ali, culminando no seu trágico destino, ainda estavam envoltas em mistério. “Temos a satisfação de registrar”, prosseguia o artigo, “que os senhores Lestrade e Gregson estão incumbidos das investigações, e que isso nos autoriza a prever um rápido esclarecimento do mistério, dadas as suas notórias qualidades profissionais”.

O *Daily News* afirmava não haver dúvidas de que se tratava de um crime político. O despotismo dos governos europeus e o seu ódio ao liberalismo tinham levado um grande número de homens a refugiar-se na Inglaterra, homens que seriam excelentes cidadãos se não os amargurasse a recordação do que haviam sofrido. Entre eles existia um rígido código de honra, e qualquer infração a esse código era punida com a morte. Nenhum esforço devia ser poupado para localizar o secretário, Stangerson, e verificar certos pormenores sobre os hábitos da vítima. Um grande passo já fora dado ao descobrir-se o endereço da casa onde ele estivera hospedado, o que se devia inteiramente à perspicácia e à energia do sr. Gregson, da Scotland Yard.

Sherlock Holmes e eu líamos essas notícias juntos, durante o café, e elas pareciam diverti-lo imensamente.

— Já lhe disse que, fosse como fosse, Lestrade e Gregson colheriam os louros.

— Isso depende da forma como o assunto acabar.

— Ah! Meu caro, isso não tem a menor importância. Se o homem for apanhado, será graças às suas atividades; se escapar, será nao obstante os seus esforços. É cara, ganho eu, é coroa, perde você. Façam eles o que fizerem, terão sempre os seus partidários. "*Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire*" [1].

— Que diabo é isso? — exclamei eu, pois naquele instante soou grande alvoroço no corredor e na escada, acompanhado por claras expressões de desagrado por parte da dona da casa.

— E a patrulha da Baker Street — disse gravemente o meu companheiro, e, mal acabou de falar, a sala foi invadida por meia dúzia dos mais sujos e andrajosos garotos que já vi.

— A-ten-ção! — gritou Holmes num tom imperioso, e os seis garotos maltrapilhos perfilaram-se como outras tantas estatuetas gaiatas. — Daqui por diante mandem somente

Wiggins, e o resto que espere na rua. Então, Wiggins, encontraram?

— Não, senhor, não encontramos — disse um dos rapazes.

— Eu já esperava isso. Continuem procurando. Aqui está o pagamento — acrescentou Holmes, dando um xelim a cada um deles. — E da próxima vez tragam melhores informações.

A um sinal seu, a garotada debandou escada abaixo como ratos, e logo após ouvíamos na rua as suas vozes estrídulas.

— Qualquer desses velhacos vale mais do que uma dúzia de agentes regulares — observou Holmes. — A simples presença de um funcionário fecha os lábios de todos, mas aqueles garotos vão a toda parte e ouvem tudo. São vivos como ninguém, e só lhes falta organização.

— E é para o caso da Brixton Road que você está se servindo deles? — perguntei.

— É, sim. Há um ponto que eu desejo apurar, mas é preciso muita paciência. Oba! Vêm aí notícias, sem dúvida alguma! Gregson vem descendo a rua com a felicidade estampada em todas as linhas do rosto. Parece-me que vem para cá. Vem, sim. Desce agora a calçada.

Ouviu-se um enérgico toque de campainha, e poucos segundos depois o detetive ruivo subia as escadas, de três em três degraus, irrompendo em seguida na nossa sala de estar.

— Meu caro amigo — exclamou ele, apertando calorosamente a mão passiva de

Holmes —, felicite-me! Consegui tornar todo o assunto claro como o dia.

Pareceu-me que uma sombra de ansiedade atravessava o expressivo rosto do meu companheiro.

— Quer dizer, então, que está na pista certa?

— Na pista certa?! Ora essa, se já metemos o homem no xadrez!

— Como se chama?

— Arthur Charpentier, subtenente da Marinha Real — anunciou Gregson pomposamente, esfregando as mãos gordas e inchando o peito.

Sherlock Holmes soltou um suspiro de alívio e recostou-se, sorrindo.

— Sente-se — disse ele — e prove um destes charutos. Estamos ansiosos por saber como conseguiu isso. Aceita um uísque?

— Não cairia mal — respondeu o detetive. — Os tremendos esforços que fiz nestes últimos dois dias quase deram cabo de mim. Não é tanto o cansaço físico, compreende?, mas a fadiga mental. Sr. Sherlock Holmes, sabe bem do que se trata, pois ambos trabalhamos com o cérebro.

— Faz-me uma grande honra — disse Holmes gravemente. — Conte-nos, pois, como chegou a esse esplêndido resultado.

O detetive enterrou-se numa poltrona e complacente- mente começou a tirar baforadas do seu charuto. De súbito, deu uma palmada na coxa e rompeu num acesso de hilaridade.

— O mais engraçado de tudo — exclamou ele — é que esse idiota do Lestrade, que se julga tão esperto, está embrenhado numa pista falsa. Ele anda procurando o secretário Stangerson, que é tão culpado do crime como eu. Não duvido que a esta hora já o tenha apanhado.

A idéia divertia-o de tal modo que desatou novamente a rir, a ponto de sufocar.

— E como conseguiu a sua pista?

— Vou contar-lhes todos os pormenores... Naturalmente, dr. Watson, isto fica estritamente entre nós. A primeira dificuldade que se nos deparava era obter os antecedentes desse americano. Muitos teriam esperado uma resposta a anúncios publicados nos jornais, ou que alguém se apresentasse espontaneamente para fornecer informações. Mas esse não é o método de Tobias Gregson. Lembram-se da cartola que estava ao lado do cadáver?

— Sim — respondeu Holmes. — Fabricada por John Underwood & Sons, Camberwell Road, 129.

Gregson pareceu desiludido.

— Não pensei que o tivesse notado — murmurou ele.

— Esteve lá?

— Não.

— Ah! — exclamou o funcionário com evidente alívio.

— Nunca se deve desprezar uma oportunidade, por pequena que seja.

— Para um grande espírito nada é pequeno — observou Holmes sentenciosamente.

— Pois bem, fui ao Underwood e perguntei-lhe se tinha vendido alguma cartola daquele tipo e tamanho. Ele consultou os seus livros e identificou-a imediatamente. Tinha-a vendido a um certo sr. Drebber, residente na Pensão Charpentier, em Torquay Terrace. Consegui, assim, o seu endereço.

— Astuto... muito astuto! — murmurou Sherlock Holmes.

— Logo a seguir visitei a sra. Charpentier — continuou o investigador. — Encontrei-a muito pálida e aflita. A filha também estava na sala, aliás uma bela moça. Tinha os olhos vermelhos, e seus lábios tremiam, quando lhe falei. Isso não escapou à minha observação. Comecei a desconfiar de que havia ali dente de coelho. O sr. Sherlock Holmes conhece a sensação que experimentamos diante de uma pista certa...uma espécie de frêmito que corre pelos nervos. "Já sabe da morte misteriosa do seu último pensionista, o sr. Enoch J. Drebber, de Cleveland?", perguntei-lhe. A mãe fez um gesto afirmativo. Parecia incapaz de pronunciar uma palavra. A filha rompeu em pranto. Senti mais do que nunca que aquela gente sabia algo a respeito do assunto.

"'A que horas o sr. Drebber deixou a sua casa?', perguntei-lhe.

"'Às oito', disse ela, engolindo em seco como que para reprimir a sua agitação. 'O secretário dele, o sr. Stangerson, disse que havia dois trens... um às nove e quinze e outro às onze. Ele ia tomar o primeiro.'

"'E foi essa a última vez que o viu?'

"Uma terrível mudança se operou no rosto da mulher quando fiz essa pergunta. As suas feições ficaram inteiramente lívidas. Só alguns segundos depois é que ela pôde pronunciar um 'sim', em voz rouca e alterada.

"Fez-se um momento de silêncio, e depois a filha falou, com uma voz clara e tranqüila:

"'As mentiras não nos servirão para nada, mamã', disse ela. 'Sejamos francas com este cavalheiro. Sim, nós vimos o sr. Drebber outra vez.'

"'Deus a perdoe!', exclamou a sra. Charpentier, erguendo as mãos para o céu e

deixando-se cair numa cadeira. ‘Você acaba de assassinar seu irmão.’

“‘Arthur com certeza prefere que digamos a verdade’, replicou a moça firmemente.

“‘Então é conveniente dizerem-me tudo o que sabem’, interrompi eu. ‘As meias verdades são piores que as reticências. Além disso, as senhoras ignoram o que sabemos a respeito desse assunto.’

“‘A culpa será exclusivamente sua, Alice!’, exclamou a mãe; e acrescentou, voltando-se para mim: ‘Não vá pensar que a minha agitação, por tratar-se de meu filho, venha de eu temer que ele tenha participado dessa horrível tragédia. Ele está inteiramente inocente. O que receio é que, aos seus olhos e aos dos outros, ele possa parecer comprometido. Mas isso é absolutamente impossível. O seu elevado caráter, a sua profissão e os seus antecedentes não o admitem.’

‘Inicialmente, o que lhe convém é expor-me todos os fatos’, insisti. ‘Se o seu filho é inocente, isso não piorará a situação.’

“‘Será melhor que nos deixe a sós, Alice’, disse ela, e a filha retirou-se. ‘Eu não tinha a menor intenção de lhe contar tudo isto’, continuou ela, ‘mas, desde que a minha pobre filha já o revelou em parte, não me resta outra alternativa. Estou decidida a falar, e não omitirei qualquer pormenor.’

“‘A senhora é muito judiciosa’, disse eu.

“‘O sr. Drebber esteve conosco quase três semanas. Ele e o secretário, sr. Stangerson, andaram em viagem pela Europa. Notei uma etiqueta de Copenhague numa das malas, e sem dúvida foi esse o último lugar que eles visitaram. Stangerson era um senhor quieto e reservado, mas o seu patrão, lamento dizê-lo, era inteiramente o contrário. Tinha hábitos grosseiros e gestos importunos. Na noite da chegada embriagou-se, e, para dizer a verdade, depois do meio-dia nunca estava sóbrio. As suas maneiras para com as criadas eram desagradavelmente íntimas e livres, O pior de tudo é que bem depressa começou a tomar a mesma atitude para com a minha filha, Alice, e falou-lhe mais de uma vez de um modo que, felizmente, ela é demasiado inocente para entender. Numa ocasião chegou a tomá-la nos braços e a abraçá-la, uma afronta que levou o seu próprio secretário a reprová-lo pela sua conduta indigna.’

“‘Mas por que motivo tolerou tudo isso?’, perguntei. ‘Suponho que a senhora possa se desembaraçar de um pensionista quando queira.’

“A sra. Charpentier corou a essa minha pergunta incisiva.

“‘Oxalá eu o tivesse despedido no dia em que chegou’, disse ela. ‘Mas a tentação era forte. Eles pagavam uma libra por dia cada um. . . catorze libras por semana, e estamos na estação morta. Sou viúva, e o meu filho na marinha tem- me custado muito. Era difícil renunciar àquele dinheiro. Mas a última proeza do sr. Drebber ultrapassou os limites, e eu lhe pedi que saísse da minha casa. Por isso é que ele foi embora.’

‘E depois?’

“‘Senti um grande alívio quando o vi pelas costas. Meu filho estava em casa, de licença, mas eu não lhe disse nada porque temia o seu temperamento violento, e sei que ele tem um grande carinho pela irmã. Quando fechei a porta atrás deles foi como se me tirassem um peso de cima. Ah! Em menos de uma hora ouvi a campainha tocar e soube que o sr. Drebber tinha voltado. Estava muito excitado, e era evidente que bebera demais. Entrou sem cerimônia, na sala onde eu estava com minha filha, e disse qualquer coisa a respeito ele ter perdido o trem. Voltou-se depois para Alice e, na minha frente, propôs-lhe que fugisse com ele. ‘Você é maior’, disse ele, ‘e legalmente ninguém pode detê-la. Tenho dinheiro de sobra. Não se preocupe com essa velhota e venha comigo agora mesmo. Viverá como uma princesa.’ A pobre Alice ficou tão assustada que deu um passo atrás, mas ele a tomou pelo pulso e tentou arrastá-la para a porta. Dei um grito, e, nesse momento, Arthur entrou na sala. Nem sei o que aconteceu. Eu estava tão aterrorizada que não ousei levantar a cabeça. Quando ergui os olhos, vi Arthur junto à porta, rindo, com uma bengala na mão. ‘Não creio que esse distinto cavalheiro torne a nos incomodar outra vez’, disse ele. E com essas palavras pegou o chapéu e foi embora. Na manhã seguinte, soubemos da morte misteriosa do sr. Drebber.’

“Isso foi o que me disse a sra. Charpentier, com muitas pausas e hesitações. As vezes ela falava tão baixo que eu mal podia ouvir-lhe as palavras. Mesmo assim, estenografei as suas declarações, a fim de que não houvesse a menor possibilidade de engano.”

— Ë emocionante — disse Sherlock Holmes com um bocejo. — E que aconteceu depois?

— Quando a sra. Charpentier terminou o seu depoimento — continuou o detetive da Scotland Yard — vi que todo o caso estava pendente de um único ponto. Encarei-a nos olhos, de um modo que dá sempre resultado com as mulheres, e perguntei-lhe a que horas o filho tinha voltado.

“‘Não sei’, respondeu ela, empalidecendo ainda mais.

‘Não sabe?’

“‘Não. Ele tem a chave da porta e não o ouvi entrar.’

“‘E a que horas a senhora foi dormir?’

‘As onze, talvez.’

“‘Então o seu filho esteve ausente pelo menos duas horas?’

“‘Sim.’

“‘Quem sabe se quatro ou cinco, não?’

“‘Pode ser.’

‘Que fez ele durante esse tempo?’

“‘Não sei’, respondeu ela, empalidecendo ainda mais. “Está claro que depois disso

não restava mais nada a fazer. Verifiquei onde estava o tenente Charpentier, levei dois agentes comigo e prendi-o. Quando lhe toquei no ombro, dizendo que nos acompanhasse sem reagir, ele respondeu-me com o maior descaramento: ‘Suponho que me prendem como implicado na morte daquele canalha do Drebber’. Ora, nós não lhe havíamos dito nada a esse respeito, de sorte que essa alusão tinha um caráter muito suspeito.”

— Muito — disse Holmes.

— Ele ainda usava a pesada bengala que, segundo a mãe, levava ao sair atrás de Drebber. E um grosso bastão de carvalho.
— Qual é a sua teoria então?

— A minha teoria é que ele seguiu Drebber até a Brixton Road. Houve lá uma nova altercação entre ambos, durante a qual Drebber recebeu uma bengalada, na boca do estômago talvez, que o matou sem deixar qualquer marca. Chovia tanto que a rua estava deserta, e Charpentier pôde arrastar o corpo da sua vítima para a casa vazia. Quanto à vela, ao sangue, à escrita na parede e ao anel, tudo isso pode ter sido outros tantos recursos para desorientar a polícia.

— Magnífico! — disse Holmes, num tom encorajante. Realmente, Gregson, você está fazendo progressos. Ainda
faremos de você alguém.

— Modéstia à parte, conduzi o caso com certa precisão — redargüiu com orgulho o investigador. — O rapaz declarou espontaneamente que seguiu Drebber por algum tempo, até que este, notando-o, pegou uma carruagem para se livrar dele. Ao voltar para casa, encontrou um velho camarada de bordo e deu um longo passeio com ele. Interrogado sobre o endereço desse camarada, não soube dar uma resposta satisfatória. Parece-me que todas as circunstâncias se combinam de maneira perfeita. Mas o que me diverte é pensar que Lestrade está seguindo uma pista falsa. Receio que não vá muito longe. Com os diabos, aí está ele em pessoa!

Era realmente Lestrade, que tinha subido as escadas enquanto falávamos e entrava agora na sala. A decisão e a elegância que caracterizavam seu porte e seu vestuário tinham, no entanto, desaparecido. Seu rosto denotava preocupação, e sua roupa estava suja e amarrotada. Viera sem dúvida com a intenção de consultar Sherlock Holmes, pois ao ver o seu colega pareceu embaraçado. Ficou em pé no meio da sala, brincando nervosamente com o chapéu, sem saber o que fazer.

— Este caso é dos mais extraordinários — disse por fim —, dos mais incompreensíveis.

— Ah! Acha mesmo, sr. Lestrade? — perguntou Gregson, triunfante. — Eu esperava que o colega chegasse a essa conclusão. Conseguiu encontrar o secretário, o sr. Joseph Stangerson!

— O secretário, sr. Joseph Stangerson — disse Lestrade gravemente —, foi assassinado no Hotel Halliday cerca das seis horas desta manhã.

[1] “Um tolo sempre acha outro mais tolo que o admira.” (N. do T.)

Capítulo sétimo: Uma luz nas trevas

A notícia com que Lestrade nos brindou era tão grave e inesperada que nós três ficamos estarrecidos. Olhei em silêncio para Sherlock Holmes, que tinha os lábios apertados e a testa franzida.

— Stangerson também! — murmurou ele. — A história se complica.

— Como se já não fosse bastante complicada — resmungou Lestrade, puxando uma cadeira. Parece-me que vim interromper uma espécie de conselho de guerra.
Está certo do que acaba de dizer? — balbuciou Gregson.

— Venho agora mesmo do quarto dele — respondeu Lestrade. Fui o primeiro a saber o que aconteceu.

— Estávamos ouvindo o ponto de vista de Gregson sobre o assunto — observou Holmes. — Poderia nos dizer o que viu e o que fez?

— Não vejo inconveniente — disse Lestrade, sentandose. — Confesso que a minha opinião era que Stangerson estivesse implicado na morte de Drebber. Esse novo fato veio demonstrar que eu andava completamente enganado. Convicto daquela minha idéia, tratei de descobrir o que fora feito do secretário. Eles tinham sido vistos juntos na Estação de Euston cerca das oito e meia da noite do dia 3. Às duas da madrugada Drebber fora encontrado na Brixton Road. O meu problema consistia em averiguar de que modo Stangerson tinha ocupado o seu tempo entre as oito e meia e a hora do crime, e para onde fora depois. Telegrafei para Liverpool, dando uma descrição do homem e advertindo os colegas de que vigiassem os vapores americanos. Comecei então a visitar todos os hotéis e pensões das vizinhanças de Euston. O meu raciocínio era que, se Drebber e o seu companheiro haviam se separado, este logicamente pernoitaria nas imediações e voltaria à estação no dia seguinte.

— Era presumível que tivessem combinado encontrar- se em determinado lugar — observou Holmes.

— E assim foi, realmente. Passei toda a noite de ontem Íazendo indagações, sem resultado. Esta manhã comecei bastante cedo, e às oito horas já estava no Hotel Halliday, na Little George Street. Quando perguntei se um certo sr. S tangerson morava ali, responderam-me afirmativamente, sem hesitação.

“‘O senhor deve ser a pessoa que ele espera’, disseram- me. ‘Há dois dias que espera um cavalheiro.’

“‘Onde está ele agora?’, perguntei.

“‘No quarto, dormindo. Pediu que o acordassem às nove.’

“‘Então vou subir’, disse eu.

“Supunha que a minha súbita presença no seu quarto talvez lhe sobressaltasse os nervos e o fizesse dizer qualquer coisa involuntariamente. Um rapaz da portaria ofereceu-se para me acompanhar: o quarto ficava no segundo andar, ao lundo de um pequeno corredor. O rapaz indicou-me a porta e dirigia-se de volta para a escada quando vi uma coisa que me estarreceu, apesar dos meus vinte anos de experiência. Corria sob a porta um filete vermelho de sangue, que havia atravessado sinuosamente o corredor e formava uma pequena poça no rodapé da parede em frente. Dei um grito que fez o rapaz voltar imediatamente. Quando ele viu aquilo, por pouco não desmaiou. A porta estava fechada por dentro, mas nós a arrombamos com o ombro. A janela do quarto estava aberta, e, junto à janela, no maior desalinho, de bruços, jazia o corpo de um homem em roupa de dormir. Estava morto, havia algumas horas, pois os seus membros já se tinham enrijecido e esfriado. Quando o viramos, o rapaz reconheceu-o mediatamente como sendo o mesmo cavalheiro que alugara o quarto sob o nome de Joseph Stangerson. Sua morte fora (ausada por uma profunda punhalada no flanco esquerdo, que devia ter penetrado no coração. E agora vem a parte mais estranha do fato. Serão capazes de imaginar o que havia cima do cadáver?”

Senti um arrepio na pele e um pressentimento de pavor iminente, antes mesmo que Sherlock Holmes respondesse.

— A palavra “Rache” escrita com sangue — disse ele.

— Isso mesmo — disse Lestrade em tom amedrontado, e todos ficamos em silêncio por um instante.

Havia qualquer coisa de tão metódico e incompreensível em torno da façanha daquele assassino desconhecido, que parecia acentuar o caráter macabro dos seus crimes. Os meus nervos, que jamais tinham fraquejado no campo de batalha, tremiam ante aquele quadro.

— O assassino foi visto — continuou Lestrade. — Um leiteiro, descendo a viela que leva dos fundos do hotel a uma leiteria, quando ia buscar suas garrafas, notou que uma escada, já vista por ele nas imediações, estava encostada a uma das janelas do segundo andar, e que a janela se achava escancarada. Logo depois, viu um homem descendo por ela. Descia com tanta desenvoltura e naturalidade que o rapaz pensou tratar-se de algum carpinteiro ou encanador ocupado em qualquer trabalho no hotel. Não lhe prestou grande atenção, e apenas achou que era um pouco cedo para ele já estar trabalhando. Tem a impressão de que o homem era alto, de rosto um tanto vermelho, e que vestia um comprido sobretudo marrom. Ele deve ter ficado algum tempo no quarto, depois do crime, porque encontramos água suja de sangue numa bacia, onde lavou as mãos, e manchas no lençol em que limpou cuidadosamente a sua faca.

Relanceei os olhos para Holmes ao ouvir a descrição do assassino, cujo tipo correspondia exatamente ao que ele pintara. Não havia, contudo, no seu rosto qualquer sinal de alegria ou satisfação.

— Não encontrou nada no quarto que possa fornecer um indício contra o assassino? — perguntou ele.

— Nada. Stangerson estava com a carteira de Drebber, mas parece que isso era costume, pois se ocupava de todos os pagamentos. A carteira continha oitenta e poucas libras, e estava intacta. Quaisquer que tenham sido os motivos desses crimes extraordinários, o roubo certamente não está entre eles. Não havia papéis nem anotações nos bolsos do morto, exceto um único telegrama de Cleveland, com data de um mês antes, que dizia: "J. H. está na Europa". Não tinha sequer assinatura.

— E nada mais? — perguntou Holmes.

— Nada de importância. Um romance que o ajudara a dormir estava em cima da cama; e numa cadeira, ao alcance da mão, o seu cachimbo. Havia um copo de água sobre a mesinha e, no rebordo da janela, uma caixinha de ungüento contendo duas pílulas.

Sherlock Holmes pulou da cadeira com uma exclamação de júbilo.

— O último elo! — exclamou ele, exultante. O meu caso está completo.

Os dois investigadores fitaram-no atônitos.

— Tenho agora nas mãos — disse confiantemente o meu companheiro — todos os fios desse novelo. Há pormenores, naturalmente, que precisam ser completados, mas estou tão certo de todos os fatos principais, desde o momento em que Drebber se separou de Stangerson na estação até a descoberta do corpo deste último, como se os tivesse visto com os meus próprios olhos. Eu lhes darei uma prova do que sei. Recolheu essas pílulas, Lestrade?

— Tenho-as comigo — respondeu o policial, tirando do bolso uma caixinha branca. — Trouxe-as, juntamente com a carteira e o telegrama, com a intenção de guardá-las cm lugar seguro, no posto policial. Foi por mero acaso que recolhi as pílulas, pois confesso que não lhes atribuo nenhuma importância.

— Passe-as para mim — disse Holmes. — Então, doutor — acrescentou ele, voltando-se para mim —, estas pílulas são comuns?

Não o eram, certamente. Tinham uma cor cinzenta, de pérola, eram pequenas, redondas e quase transparentes.

— A julgar pela sua leveza e transparência, creio que sejam solúveis em água — observei.

— Precisamente — secundou Holmes. — E, agora, quer ter a bondade de ir buscar aquele pobre cachorrinho que está doente há tanto tempo e a cujos sofrimentos a dona

da casa ainda ontem me pedia para pôr fim?

Desci as escadas e voltei com o pequeno terrier nos braços. A sua respiração opressa e os olhos vítreos demonstravam que não estava muito longe do fim. Na verdade, o focinho esbranquiçado proclamava que já tinha ultrapassado o termo normal da existência canina. Coloquei-o no tapete, sobre uma almofada.

— Cortarei, agora, em duas partes, uma dessas pílulas disse Holmes, abrindo o seu canivete e passando da palavra à ação. — Uma metade voltará à caixa para futuros propósitos. Colocarei a outra metade neste copo de vinho, que contém algumas gotas de água. Os senhores estão vendo que o doutor tem razão, que ela se dissolve prontamente.

— Isso pode ser muito interessante — disse Lestrade, no tom ofendido de quem suspeita estar sendo vítima de uma pilhéria. — Mas não vejo que relação possa ter com a norte do sr. Joseph Stangerson.

— Paciência, meu caro, paciência! Oportunamente verificará que tem íntima relação com esse fato. Acrescento agora um pouco de leite, para dar bom paladar à mistura, e, dando-a ao cão, veremos que ele a lamberá gostosamente.

Assim falando, Sherlock Holmes despejou o conteúdo do copo num pires e colocou-o diante do terrier, que rapidamente o enxugou com a língua. A atitude séria do meu amigo já nos convencera de tal modo, que nós três ficamos em silêncio, olhando atentamente para o animal, à espera de algum efeito surpreendente. Contudo, nada sucedeu, O cão continuou deitado na almofada, com a respiração ofegante, nem melhor nem pior do que antes de ter bebido o líquido.

Holmes tinha tirado o seu relógio, e, como os minutos se passavam sem resultado, uma expressão de profundo pesar começou a transparecer-lhe na fisionomia. Mordia os lábios, tamborilava com os dedos na mesa e dava todos os sinais de uma viva impaciência. A sua emoção era tamanha que sinceramente senti pena dele, ao passo que os dois detetives da Scotland Yard sorriam ironicamente, nada descontentes com aquele fracasso.

— Não pode ser coincidência! — exclamou ele, saltando por fim da cadeira e pondo-se a passear nervosamente pela sala. — E impossível que tenha sido mera coincidência. As próprias pílulas de que suspeitei no caso de Drebber são realmente encontradas após a morte de Stangerson... e parecem inofensivas. Que significará isso? Com toda a certeza a minha longa série de raciocínios não pode estar errada. E impossível! E no entanto este diabo de cachorro continua na mesma. Ah! Já sei! Já sei!

E com um grito de alegria Sherlock Holmes precipitou- se para a caixinha, cortou a pílula restante em duas partes, dissolveu-a, juntou leite e deu-a ao terrier. A língua do pobre animal apenas pareceu tocar o líquido, e uma convulsão lhe sacudiu os membros. Caiu rígido e morto como se tivesse sido fulminado por um raio.

Holmes soltou um longo suspiro e enxugou o suor da testa.

— Eu devia ter tido mais confiança — disse ele. — Nesta altura, já devia saber que, quando um fato parece se opor a uma longa cadeia de deduções, ele invariavelmente se presta a qualquer outra interpretação. Das duas pílulas dessa caixa, uma continha um veneno terrível, a outra era absolutamente inócua. Eu devia sabê-lo antes mesmo de ter visto a caixa.

Essa última afirmação pareceu-me tão surpreendente que eu mal podia crer que ele estivesse na posse de todas as suas faculdades mentais. Contudo, lá estava o cadáver do cão para provar que a sua conjectura fora correta. Aos poucos, eu ia tendo a impresão de que uma névoa se desfazia no meu espírito, e comecei a entrever vagamente a verdade.

— Tudo isso lhes parece estranho — continuou Holmes — porque, no princípio das investigações, não apreenderam a importância do único indício verdadeiro que tinham diante dos olhos. Tive a sorte de compreendê-lo inteiramente, e tudo o que aconteceu desde então tem servido para confirmar a minha suposição inicial, não sendo mais que a seqüência lógica dos fatos. E por isso que as coisas que os têm deixado perplexos e tornado o caso mais obscuro só serviram para aclarar e robustecer as minhas conclusões. E um erro confundir estranheza com mistério. O crime mais banal é muitas vezes o mais misterioso, porque não apresenta nenhuma característica nova ou especial da qual se possam tirar deduções. Esse assassinato teria sido infinitamente mais difícil de desvendar se o cadáver da vítima fosse encontrado simplesmente na rua, sem nenhuma dessas circunstâncias insólitas e sensacionais que o tornaram invulgar. Esses pormenores estranhos, longe de tornarem o caso mais difícil, contribuíram realmente para a sua clareza.

O sr. Gregson, que tinha ouvido essa arenga com crescente impaciência, não pôde mais conter-se.

— Escute, sr. Sherlock Holmes — disse ele —, estamos prontos a reconhecer que o senhor é um homem arguto, e que tem os seus métodos pessoais de trabalho, mas agora queremos algo mais positivo do que simples teorias e sermões. Trata-se de apanhar o culpado. Já expus a minha hipótese, e parece que errei. Evidentemente, Charpentier não pode ser acusado do segundo delito. Lestrade saiu à caça do seu homem, Stangerson, e parece que também ele estava errado. O senhor tem feito alusões aqui e ali e dá a impressão de saber mais do que nós, mas chegou o momento em que nos sentimos com o direito de lhe perguntar, de modo explícito, o que sabe a respeito desse assunto. Pode dar-nos o nome do criminoso?

— Devo convir que Gregson tem razão, sr. Holmes — observou Lestrade. — Ambos tentamos e falhamos. Desde que estou nesta sala, o senhor já asseverou mais de uma vez ter todas as provas que desejava. Espero que não as retenha por mais tempo.

— Qualquer demora em prender o assassino — observei — pode dar-lhe tempo para perpetrar alguma nova atrocidade.

Assim premido por todos nós, Holmes pareceu titubear. Continuou a passear pela sala, com o queixo contra o peito e o cenho carregado, como era seu hábito quando estava perdido em reflexões.

— Não haverá mais assassinatos — disse ele por fim, detendo-se subitamente e olhando para nós. — Podem deixar essa hipótese fora de qualquer consideração. Acabam de perguntar-me se eu sei o nome do assassino. Sei, sim. Mas o mero fato de saber o seu nome é pouca coisa comparado à possibilidade de agarrarmos o homem. E é isso que espero fazer muito em breve. Tenho esperanças de consegui-lo com os meus próprios recursos, mas é um assunto que exige tato e delicadeza, porque temos pela frente um homem astuto e desesperado, que conta com o apoio, segundo já tive ocasião de provar, de um outro, que é tão inteligente como ele. Enquanto esse homem não souber que alguém possui um indício contra ele, há certa esperança de apanhá-lo, mas se tiver qualquer motivo para suspeitas, mudará de nome e desaparecerá num instante entre os quatro milhões de habitantes desta grande cidade. Sem a menor intenção de melindrá-los, devo dizer que considero esses homens capazes de levar a melhor sobre a polícia regular, e é por essa razão que até agora não lhes pedi assistência. Se eu falhar, arcarei, está claro, com toda a responsabilidade resultante dessa omissão; mas estou perfeitamente preparado para isso. Por agora, prometo-lhes que, tão logo possa me comunicar com os senhores sem prejudicar os meus planos, assim o farei.

Gregson e Lestrade não pareceram muito satisfeitos com essa promessa, nem com a referência pouco lisonjeira à Scotland Yard. O primeiro corou até a raiz dos cabelos ruivos, ao passo que os olhos do outro, pequenos como contas, cintilaram de curiosidade e ressentimento. Nenhum deles, todavia, teve tempo para falar, pois ouviu-se uma pancada na porta, e Wiggins, o porta-voz dos garotos vadios, introduziu na sala a sua figura insignificante e desagradável.

— Desculpe-me disse ele, esboçando uma saudação militar. — Estou com a carruagem lá embaixo.

— Bravo, meu rapaz disse Holmes afavelmente.

— Por que não adotam este modelo na Scotland Yard? — continuou ele, tirando de uma gaveta um par de algemas de aço. — Vejam como a mola funciona rapidamente. Fecham- se num instante.

— O modelo antigo ainda é muito bom — replicou Lestrade —, desde que encontremos o homem para algemar.

— Perfeitamente, perfeitamente... — disse Holmes, sorrindo.

— O cocheiro poderá me ajudar a levar as minhas coisas. Peça-lhe que suba, Wiggins.

Fiquei surpreso ao ver o meu companheiro falar como se estivesse pronto para viajar, visto que nada me dissera a tal respeito. Havia na sala uma maleta. Puxou-a para o meio da sala e começou a afivelar-lhe as correias. Estava ocupado nisso quando o cocheiro entrou na sala.

— Pegue aqui esta fivela, cocheiro — disse ele, ajoelhando-se, sem ao menos voltar a cabeça.

O homem aproximou-se, com um ar um tanto aborrecido e de desafio, e estendeu as

mãos para ajudar o seu passageiro. Nesse instante houve um estalido seco, o tinir do metal, e Sherlock Holmes levantou-se num pulo.

— Senhores — exclamou ele, com os olhos lampejantes —, permitam-me que lhes apresente o sr. Jefferson Hope, o assassino de Enoch Drebber e de Joseph Stangerson.

Toda a cena ocorreu num segundo... com tal rapidez que não tive tempo de percebê-lo. Lembro-me nitidamente desse instante, da expressão triunfante de Holmes, do timbre da sua voz, do rosto furibundo e espantado do cocheiro, olhando para as algemas reluzentes, que pareciam ter surgido nos seus pulsos como por um passe de mágica.

Por um instante, ficamos qual um grupo de estátuas. Depois, com um rugido inarticulado de fúria, o prisioneiro libertou-se do braço de Holmes e atirou-se contra a janela. Vidraça e caixilhos cederam ao seu embate, mas, antes que ele se jogasse, Gregson, Lestrade e Holmes saltaram-lhe em cima como cães de fila. O homem foi arrastado para a sala, e então começou uma luta terrível. Tão robusto e decidido ele era, que mais de uma vez nos arremessou, os quatro, para longe. Parecia ter a força convulsiva de quem sofre um ataque epiléptico. Tinha o rosto e as mãos horrivelmente lacerados pelos vidros da janela, mas a perda de sangue não lhe diminuía a resistência. Somente quando Lestrade lhe pôde apanhar a gravata, quase o estrangulando, é que conseguimos convencê-lo de que o seu esforço era inútil; ainda assim, não nos sentimos seguros enquanto não lhe amarramos os pés e as mãos.

— Temos a carruagem dele à espera — disse Sherlock Holmes. — Servirá para conduzi-lo à Scotland Yard. E agora, senhores — continuou ele, com um sorriso afável —, chegamos ao fim do nosso pequeno mistério. Terei a maior satisfação em ouvir quaisquer perguntas que me queiram fazer, e não há perigo de que eu as deixe sem resposta.

SEGUNDA PARTE

Capítulo primeiro: No deserto do Colorado

Na parte central do grande continente norte-americano, estende-se um árido e medonho deserto que por muitos anos foi uma barreira contra o avanço da civilização. Da serra Nevada ao Nebraska, e do rio Yellowstone, ao norte, até o rio Cobrado, ao sul, tudo é desolação e silêncio. Mas nessa região sinistra a natureza não se apresenta sob um aspecto uniforme, pois abrange altas montanhas cobertas de neve e vales profundos e tenebrosos. Há rios impetuosos que correm através dos canyons, e há vastas planícies que no inverno alvejam de neve e no verão ficam cinzentas de areia salitrosa e alcalina. Em tudo, porém, prevalece a característica comum de uma terra nua, inóspita e miserável.

Não há habitantes nesse país do desespero. Ocasionalmente uma horda de *pawnees* ou de *blackfeet* o atravessa a fim de atingir outros campos de caça, mas até os mais bravos e ousados desses índios se alegram ao perder de vista aquelas horrendas planuras, voltando enfim às suas pradarias. O coiote esgueira-se entre as touceiras ralas, o bútio espadana pesadamente o ar e o urso pardo arrasta-se pelas grutas sombrias à procura de alimento. São esses os únicos moradores do deserto.

Em todo o mundo não pode haver panorama mais tétrico do que aquele que se avista na vertente setentrional da serra Branca. Até onde o olhar alcança estende-se uma planície imensa, toda polvilhada de manchas cinzentas e entrecortada aqui e ali por chaparrais enfezados. No extremo limite do horizonte ergue-se uma cadeia de picos montanhosos cujos cimos escarpados são cobertos de neve. Nessa enorme região não há qualquer sinal de vida, nem coisa que a sugira. Nenhum pássaro no céu da cor do aço, nenhum movimento na terra árida e cinzenta... e, por toda parte, um silêncio absoluto. Por muito que se apure o ouvido, não há o mais ligeiro rumor naquele vastíssimo deserto; nada mais que o silêncio, um silêncio mortal e opressivo.

Dissemos que nessa larga planície nada havia sequer que lembrasse a vida, mas talvez isso não seja exato. Olhando-se do alto da serra Branca, divisa-se uma vereda que serpenteia através do deserto até se perder na distância. Está sulcada de rodas e batida pelos pés de muitos aventureiros. Aqui e ali, espalhados ao longo dela, vêem-se objetos brancos que brilham ao sol e se destacam contra o cinzento da poeira alcalina. Aproximem-se e examinem! São ossos: alguns grandes e grosseiros, outros menores e mais delicados. Os primeiros pertenceram a bovinos, os últimos, a seres humanos. Por dois mil e quinhentos quilômetros, pode-se rastrear essa rota macabra de caravanas seguindo os restos esparsos daqueles que tombaram no caminho.

Olhando para esse desolado cenário, lá estava, no dia 4 de maio de 1847, um viajante solitário. Tal era o seu aspecto, que ele bem poderia ter sido o gênio ou o demônio daquela região. Quem o observasse acharia difícil dizer se estava mais perto dos quarenta ou dos sessenta anos. Seu rosto era esquálido e descarnado; a pele escura, parecendo pergaminho, repuxava-se nos ossos salientes; seus compridos cabelos

castanhos, bem como a barba, estavam estriados de branco; os olhos, no fundo das órbitas, ardiam num brilho anormal, ao passo que a mão, aferrada à carabina, tinha pouco mais carne que a de um esqueleto. Apoiava-se à arma para ficar em pé, mas a sua elevada estatura e seu arcabouço maciço denotavam uma constituição vigorosa. No entanto, o rosto emaciado e as roupas, que de tão folgadas lhe pendiam frouxas sobre os membros mirrados, proclamavam o motivo da sua aparência senil e decrépita. O homem estava morrendo... morrendo de fome e de sede.

Tinha se arrastado penosamente pelo barranco, e prosseguira até aquela pequena elevação, na vã esperança de avistar algum sinal de água. Agora a imensa planície salitrosa estendia-se diante dos seus olhos, delimitada por uma remota cadeia de montanhas inóspitas, sem um traço sequer de vegetação que indicasse a presença de umidade. Em toda aquela vasta paisagem não havia um laivo de esperança. Para norte e leste, para oeste, voltou ele os olhos investigadores e esbugalhados, e então compreendeu que a sua jornada sem rumo tinha chegado ao fim, que ali, sobre aquele penhasco desnudo, iria morrer. “E por que não aqui, em vez de num leito de plumas, há vinte anos?”, resmungou para si mesmo, sentando-se ao abrigo de uma lapa.

Antes de se sentar, tinha posto no chão a sua carabina inútil, e também um volumoso fardo envolto num xale cinzento, que carregava pendente do ombro direito. Parecia muito pesado para as suas forças, tanto que, ao retirá-lo, não pôde evitar que batesse no chão com certa violência. Imediatamente rompeu da trouxa cinzenta um ligeiro gemido, e dela surgiu um rostinho assustado, de olhos castanhos e vivazes, seguidos de dois minúsculos punhos sardentos.

— Machucou-me queixou-se uma vozinha infantil, em tom de reprovação.

— Machuquei? — disse o homem, penitenciando-se.

— Não foi de propósito.

Dizendo isso, abriu o xale e descobriu uma graciosa garotinha de uns cinco anos, cujos sapatinhos e um belo vestidinho cor-de-rosa, com seu pequeno avental branco, denotavam cuidados maternos. A criança parecia pálida e abatida, mas seus rosados braços e pernas mostravam que tinha sofrido menos do que o seu companheiro.

— Ainda dói? — perguntou ele, ansioso, pois a garotinha continuava a esfregar os cachos dourados e crespos que lhe cobriam a nuca.

— Dê um beijo que passa — disse ela, com a maior gravidade, indicando-lhe o lugar dolorido. — E assim que a mamãe faz. Onde está a mamãe?

— A sua mãe foi embora. Acho que em breve você irá se encontrar com ela.

— Foi embora? — perguntou a garotinha. — Por que será que ela não me disse adeus? Ela sempre me diz adeus, até mesmo quando sai só para tomar chá com a titia. E agora já faz três dias que não vem. Não está com sede? Eu estou. Onde tem água e comida?

— Não temos nada, minha querida, nem água, nem comida. Tenha um pouco de paciência, que depois tudo se arranjará. Encoste a cabeça aqui, assim, e não tenha medo.

Não é fácil falar com os lábios secos como couro, mas é melhor você saber tudo. Que é isso?

— Uma coisa bonita! Muito bonita! — exclamou a menina, entusiasmada, apertando nas mãos dois pedaços cintilantes de mica. — Quando eu chegar em casa, vou dar estes brilhantes ao meu irmão Bob.

— Daqui a pouco você vai ver coisas mais bonitas do que essas — disse o homem com segurança. — Espere um momentinho só. Eu ia lhe dizer que... lembra-se de quando nós partimos do rio?

— Lembro, sim.

— Pois é. Nós pensávamos encontrar outro rio. Mas houve um erro qualquer... na bússola, no mapa, não sei em quê, e o rio não apareceu. A água que trazíamos se acabou. Ficaram só umas gotas para crianças como você e... e...

— E o senhor não pôde se lavar — interrompeu gravemente a menina, olhando para o rosto sombrio do homem.

— Não, nem beber. E o sr. Bender foi o primeiro a ir para o céu, e depois o índio Pete, e depois a sra. McGregor, e depois Johnny Hones, e depois, querida, a sua mãezinha.

— Então a mamãe também morreu! — exclamou a menina, escondendo o rosto no avental e começando a soluçar perdidamente.

— Sim, todos se foram, menos eu e você. Depois pensei que pudesse encontrar água nesta direção, e vim me arrastando com você no ombro. Mas parece que a nossa situação não melhorou. Agora não nos resta mais nada!

— Será que também vamos morrer? — perguntou a criança, dominando os soluços e erguendo o rostinho molhado de lágrimas.

— Parece que sim.

— Ora, por que não me disse mais cedo? — perguntou ela, rindo alegremente. — O senhor me deu um susto! Agora sim, já sei que morreremos e vamos para junto da mamãe.

— É verdade, você vai, minha querida.

— E o senhor também. Vou dizer a ela que foi muito bom para mim. Garanto que ela nos espera na porta do céu, com um enorme jarro de água na mão, e uma porção de bolinhos bem quentes, queimadinhos dos dois lados, como eu e Bob gostamos. Falta muito para irmos?

— Não sei... não muito.

Os olhos do homem estavam fixos no horizonte, ao norte. Na abóbada azul do céu tinham aparecido três pontos que aumentavam de tamanho a cada momento, tão

rapidamente se aproximavam. Em pouco se revelaram três grandes pássaros escuros, que esvoaçaram acima das cabeças dos dois extraviados, e depois se empoleiraram numa rocha próxima. Eram bútios, os abutres do oeste, cujo aparecimento é o prenúncio da morte.

— Olhe as galinhas! — exclamou a garotinha alegremente, apontando para os vultos de mau agouro e batendo palmas para espantá-los. — Escute, foi mesmo Deus que fez este lugar?

— Sim, querida, foi ele — respondeu o homem, um pouco desconcertado com aquela pergunta inesperada.

— Ele também fez tudo lá em Illinois, e no Missouri — continuou a menina. — Mas parece que este lugar foi feito por outro. Porque não está tão bem-feito. Esqueceram a água e as árvores.

— Não quer começar a rezar? — perguntou o homem, titubeando.

— Mas ainda não é de noite!

— Não importa. E fora de hora, mas Nosso Senhor não repara nisso. Repita as rezas que dizia todas as noites na carreta, quando estávamos nas planícies.

— Por que não reza comigo? — perguntou a criança, arregalando os olhos.

— Já não me lembro — respondeu ele. — Eu não rezo desde o tempo em que era da altura desta arma. Acho que nunca é tarde demais. Vá rezando que eu repito tudo.

— Então ajoelhe-se como eu — replicou a menina, estendendo o xale no chão. — Ponha as mãos assim. . . que é bom.

Era um estranho espetáculo... se houvesse alguém para observá-lo, além dos abutres. Lado a lado, no xale estreito, ajoelharam-se os dois viajantes, a menina tagarela e o rijo e temerário aventureiro. A carinha rechonchuda e o rosto anguloso e descarnado estavam ambos voltados para o céu sem nuvens, numa sentida prece ao ser temido com o qual se viam face a face, enquanto as duas vozes, uma fina e clara, a outra profunda e áspera, se uniam no mesmo pedido de misericórdia e perdão. Terminada a oração, voltaram a sentar-se à sombra da lapa, e pouco depois a criança adormecia, aninhada no largo peito do seu protetor. O homem ficou velando o seu sono por algum tempo, mas a natureza foi mais forte do que ele. Havia três dias e três noites que não tinha um único momento de repouso. Lentamente suas pálpebras desceram sobre os olhos cansados e a cabeça foi tombando para o peito, até que a barba grisalha se juntou às tranças de ouro da menina, e ambos caíram no mesmo sono profundo e sem sonhos.

Se o viajante continuasse acordado por outra meia hora, um espetáculo estranho teria se apresentado aos seus olhos. Longe, no extremo limite da planície arenosa, uma mancha de pó, muito difusa a princípio, e apenas visível entre as brumas da distância,

foi aumentando, subindo, até se transformar numa nuvem grande e bem definida. Essa nuvem continuou a crescer, assumindo tais dimensões, que evidentemente só poderia ser levantada por uma grande multidão de criaturas em marcha. Em região mais fértil, o observador teria chegado à conclusão de que uma dessas grandes manadas de búfalos que pastam nas pradarias estava se aproximando. Mas tal coisa não era possível naquela desolada aridez. À medida em que o turbilhão de pó se avizinhava da escarpa solitária onde repousavam os dois viajantes, toldos de carroções e figuras de cavaleiros armados começaram a se desenhar na poeira, e a aparição revelou-se uma grande caravana em marcha para o oeste. E que caravana! Quando a frente dela atingiu o sopé das montanhas, a retaguarda ainda não era visível no horizonte. Através de toda a imensa planura, estendia-se o sinuoso cortejo de carroções, de homens a cavalo e a pé. Mulheres sem conta cambaleavam sob fardos, crianças marchavam ao lado das carretas ou espiavam por entre os toldos brancos. Evidentemente não se tratava de um grupo comum de migrantes, mas antes de um povo nômade que pela força das circunstâncias se vira compelido a procurar outras terras. Ouvia-se, no ar límpido, um confuso clamor de vozes e de rodas, produzido por aquela grande massa humana. Cavalos relinchavam, os carros guinchavam. Mas semelhante estrondo, conturbando a planície inteira, não foi suficiente para acordar os dois fatigados viajantes que dormiam no penhasco próximo.

A testa da coluna cavalgavam cerca de vinte homens de rostos graves e ferrenhos, vestidos de panos sombrios, tecidos em casa, e armados de carabinas. Ao chegarem ao sopé do monte escarpado, fizeram alto e formaram um breve conselho.

— Os poços ficam para a direita, meus irmãos — disse um deles, de cabelos grisalhos, barba raspada e lábios duros.

— À direita da serra Branca... depois alcançaremos o rio Grande — disse um outro.

— Não receiem a falta de água! — exclamou um terceiro. — Aquele que a fez brotar da rocha não abandonará agora o seu povo escolhido.

— Amém! Amém! — respondeu o grupo em coro.

Recomeçavam a sua jornada, quando um dos mais jovens, que tinha melhor vista, deixou escapar uma exclamação e apontou para a pedra acima deles. Contra a rocha cinzenta, qualquer coisa rosada se recortava com viva nitidez. Vendo-a, todos puxaram a rédea dos cavalos e desprenderam as armas, ao passo que outros cavaleiros avançaram a galope para reforçar a frente. A palavra “peles-verrnelhas” andava em todos os lábios.

— Não pode haver índios aqui — disse o homem idoso que parecia ser o comandante. — Já atravessamos a região dos pawnees, e não encontraremos outras tribos antes de chegarmos às grandes montanhas.

— Posso fazer um reconhecimento, irmão Stangerson? — perguntou um deles.

— Eu também, eu também! — gritaram muitas vozes.

— Deixem os cavalos aqui embaixo e nós os esperaremos — respondeu o ancião.

Um momento depois, os jovens tinham desmontado e, puxando os seus cavalos,

subiam a falda íngreme que levava ao objeto da sua curiosidade. Avançavam rápidos e silenciosos, com a destreza e a confiança de exploradores experimentados. Os outros, da planura subjacente, viram-nos saltar de rocha em rocha, até que as suas figuras se destacaram contra o céu liso. O jovem que fora o primeiro a dar o alarme ia à frente. De repente, os que o acompanhavam viram que ele erguia as mãos para o céu, como tomado de espanto, e, ao chegarem, mostraram a mesma emoção ante o espetáculo que tinham sob os olhos.

No pequeno planalto que encimava a penedia, erguia-se uma lapa solitária, e contra ela jazia um homem de elevada estatura, barba comprida, feições duras, e extremamente magro. O seu rosto plácido e a respiração regular mostravam que dormia profundamente. Ao lado dele repousava a menininha, cujos braços roliços e brancos lhe enlaçavam o pescoço musculoso, e cuja cabecinha dourada descansava sobre a sua túnica de belbute. A criança tinha os lábios rosados entreabertos e mostrava uma linha regular de dentes alvíssimos, com um sorriso adorável no rosto inocente. As perninhas gorduchas, com as meias brancas e os sapatos limpos, de fivelas brilhantes, contrastavam com os membros compridos e descarnados do seu companheiro. Sobre o rochedo que ficava acima desse estranho par, empoleiravam-se três solenes abutres, que, à vista dos recém-chegados, grasnaram roucamente o seu desapontamento e desapareceram em vôo súbito.

Os grasnidos das horrendas aves despertaram os adormecidos, que olharam atônitos em volta. O homem levantou-se cambaleando e alongou a vista para a planície que se mostrara tão desolada antes que o vencesse o sono, e que era agora atravessada por aquela enorme massa de homens e animais. O seu rosto assumiu uma expressão de incredulidade, e ele passou a mão ossuda pelos olhos.

— Deve ser aquilo a que chamam delírio — balbuciou.

A criança, a seu lado, agarrava-se à aba da sua túnica e não dizia palavra, mas olhava em torno, com os olhos atônitos e interrogativos da infância.

A expedição de socorro não tardou a convencer os dois extraviados de que a sua presença não era uma alucinação. Um deles pegou a menina e colocou-a ao ombro, enquanto dois outros amparavam o seu exausto companheiro, ajudando-o a descer até as carroças.

— Chamo-me John Ferrier — explicou o viajante. — Eu e a garotinha somos os únicos sobreviventes de uma caravana de vinte e uma pessoas. Os outros morreram de fome e sede lá embaixo, no sul.

— Ela é sua filha? — perguntou alguém.

— De agora em diante é como se fosse — respondeu o homem, em tom de desafio. — É minha porque fui eu que a salvei. Ninguém jamais a tirará de mim. A partir de hoje, será Lucy Ferrier. Mas quem são os senhores? — continuou ele, olhando com curiosidade para os seus rijos e bronzeados salvadores. — Parecem não ter fim.

— Quase dez mil — respondeu um dos jovens. — Somos os filhos de Deus perseguidos... os escolhidos do anjo Merona.

— Nunca ouvi falar nele — disse o viajante. — Parece que ele escolheu muita gente.

— Não zombe do que é sagrado — replicou o outro, gravemente. — Somos aqueles que acreditam nas Sagradas Escrituras gravadas em letras egípcias, em lâminas de ouro batido, e que foram entregues ao santo Joseph Smith em Palmira. Viemos de Nauvoo, no Estado de Illinois, onde tínhamos erguido o nosso templo. Estamos à procura de um refúgio contra os homens violentos e ímpios, ainda que seja no coração do deserto.

O nome de Nauvoo, evidentemente, despertou algumas recordações em John Ferrier.

— Compreendo — disse ele. — São mórmons.

— Somos mórmons — responderam os outros, a uma voz.

— E para onde vão?

— Não sabemos. A mão de Deus nos guia na pessoa do nosso profeta. Agora vamos levá-lo à sua presença. Ele dirá o que se deve fazer com você.

Já haviam atingido o sopé do monte e estavam cercados por uma multidão de peregrinos... mulheres de rosto pálido e aspecto submisso, crianças robustas e sorridentes, homens ansiosos e de olhar sério. Muitas foram as exclamações de espanto e comiseração, quando viram aquele par errante: ela tão pequena e ele tão depauperado. A escolta, todavia, não se deteve, e continuou a avançar, acompanhada por uma grande multidão de mórmons, até chegar a uma carreta que se distinguia das outras pelas dimensões e pelo aspecto suntuoso. Seis cavalos estavam atrelados a ela, ao passo que as outras tinham apenas uma parelha ou, no máximo, duas. Ao lado do boleeiro estava sentado um homem que não poderia ter mais de trinta anos de idade, mas cuja cabeça maciça e expressão resoluta revelavam um chefe. Estava lendo um livro de couro escuro, mas colocou-o de lado, quando a multidão se aproximou, e ouviu atentamente a narração do episódio. Depois, voltou-se para os dois extraviados.

— Se os levarmos conosco — disse ele em tom solene —, só poderá ser como crentes da nossa fé. Não queremos lobos no nosso rebanho. Melhor será que seus ossos fiquem embranquecendo neste deserto do que serem o minúsculo ponto de impureza que mais tarde pode corromper toda a fruta. Querem vir conosco sob essas condições?

— Por mim, vou sob quaisquer condições — respondeu Ferrier com tal veemência que os solenes anciãos não puderam reprimir um sorriso. Somente o chefe manteve a sua expressão grave e impressionante.

— Leve-o, irmão Stangerson — disse ele. — Dê-lhe de beber e de comer, e à criança também. Será sua a tarefa de instruí-lo na nossa santa religião. Já nos atrasamos demasiado. Avante! Avante para o Sião!

— Avante para o Sião! — repetiu a multidão de mórmons, e as palavras foram ecoando

pela comprida caravana, passando de boca em boca, até se perder num confuso murmúrio, à distância. Sob o estalo dos chicotes e o rangido das rodas, os grandes carroções puseram-se em movimento, e dentro em pouco toda a caravana começou novamente a serpentear pelo deserto. O ancião sob cujos cuidados tinham ficado os dois viajantes perdidos levou-os para a sua carroça, onde uma lauta refeição já os esperava.

— Vocês ficarão aqui — disse ele. — Em poucos dias recuperarão as forças. No entanto, lembrem-se de que para todo o sempre pertencerão à nossa religião, Brigham Young assim o disse, e ele falou pela voz de Joseph Smith, que é a voz de Deus.

Capítulo segundo: A flor do Utah

Não é este o lugar para evocarmos as fadigas e privações sofridas pelos migrantes mórmons antes de chegarem ao seu paraíso final. Das margens do Mississípi aos flancos ocidentais das montanhas Rochosas, eles lutaram com uma constância quase sem precedentes na história. Homens e animais selvagens, fome, sede, cansaço e doenças... todos os obstáculos que a natureza podia lhes opor no caminho foram superados com a tenacidade anglo-saxônica. Todavia, a longa viagem e as terríveis emoções tinham debilitado os mais fortes deles. Não houve um só que não caísse de joelhos numa sentida prece quando avistaram o largo vale do Utah, inundado de sol, e ouviram dos lábios de seu chefe que aquela era a terra prometida, que aqueles hectares virgens seriam dos mórmons para todo o sempre.

Logo Brigham Young se revelou tão hábil administrador quanto chefe resoluto. Mapas e planos foram traçados para a construção da futura cidade. Por toda a redondeza, as terras foram divididas e doadas a cada um segundo a sua importância, Os comerciantes foram chamados aos seus negócios, os artesãos, aos seus labores. Na cidade, as ruas e praças surgiam como que por um passe de mágica. No campo, amanhava-se a terra, plantava-se e colhia-se, e já no verão seguinte toda a região se cobria do ouro das messes. Tudo prosperava na estranha colônia, e o grande templo que tinham erigido no centro da cidade tornava-se maior e mais alto. Dos primeiros alvores da manhã até as últimas luzes do crepúsculo, os golpes de martelo e o tinir das serras jamais silenciavam no monumento que os migrantes erguiam àquele que os havia conduzido sãos e salvos através de tantos perigos.

Os dois viajantes extraviados, John Ferrier e a menininha, que compartilhava da sua sorte e fora adotada como filha, acompanharam os mórmons até o fim da sua grande peregrinação. A pequena Lucy Ferrier deu-se bastante bem na carroça de Stangerson, um dos anciãos, em companhia das suas três mulheres e do seu filho, um cabeçudo e precoce menino de doze anos. Tendo-se refeito, com a elasticidade da infância, do golpe causado pela morte da mãe, logo se tornou a predileta das mulheres e habituou-se à sua nova vida naquela casa ambulante coberta de lona. Entretanto, Ferrier recuperara as forças e distinguia-se como um guia útil e um caçador infatigável. Tão rapidamente conquistou a estima dos seus novos companheiros, que, ao chegarem ao fim da sua jornada errante, foi determinado unanimemente que ele receberia um pedaço de terra tão grande e fértil quanto o de todos os outros pioneiros, com exceção do próprio Young e

dos quatro anciões, que eram Stangerson, Kemball, Johnston e Drebber.

Na terra assim adquirida, John Ferríer construiu para si uma sólida casa de troncos de árvores, que foi sendo ampliada, nos anos sucessivos, até se transformar numa espaçosa vivenda. Ferrier tinha senso prático, habilidade manual, e sabia tratar dos negócios. Uma férrea constituição permitia-lhe trabalhar de sol a sol na lavra e melhoria de suas terras. Aconteceu então que a fazenda e tudo o que lhe pertencia prosperou grandemente. Em três anos, era o mais bem instalado dos seus vizinhos, em seis, era um homem de recursos, em nove, já estava rico, e, em doze, não havia em toda a Salt Lake City meia dúzia de colonos que pudessem rivalizar com ele. Do grande mar interior até as distantes montanhas Wasatch, não se sabia de nome mais conhecido do que o de John Ferrier.

Havia um ponto, e somente um, no qual ele feria as suscetibilidades dos seus correligionários. Nenhum argumento ou exortação jamais o tinham levado a estabelecer um harém, à maneira dos seus companheiros. Nunca explicara os motivos da sua obstinada recusa, contentando-se apenas em manter inflexivelmente a sua resolução. Alguns o acusavam de tibieza na religião que adotara, e outros lhe atribuíam essa relutância ao temor das despesas, fruto da sua sede de ouro, Ainda outros falavam de um velho amor, de uma moça loira que morrera na costa do Atlântico. Fosse qual fosse o motivo, Ferrier permanecia estritamente celibatário. Em tudo o mais ele seguia a religião da jovem comunidade, e gozava a reputação de homem reto e ortodoxo.

Lucy Ferrier cresceu na casa de troncos, e, quando maiorzinha, começou a ajudar o pai adotivo nos seus afazres. O ar puro das montanhas e o perfume balsâmico dos pinheiros fizeram-lhe as vezes de mãe e governante. Com o passar dos anos, foi se tornando mais alta, mais forte, de passo mais elástico e faces mais coradas. Muitos viajantes, ao passarem pela estrada que cortava os campos de John Ferrier, sentiam reviver na mente pensamentos havia muito esquecidos quando avistavam aquela delicada figura de menina-moça, correndo pelos trigais ou galopando no bravo cavalo do seu pai com a graça e a desenvoltura de uma verdadeira filha do oeste. Assim, o botão se transformou em flor, e o ano que viu o seu pai como o mais rico dos fazendeiros deixou-a uma jovem americana mais bela do que qualquer outra em toda a costa do Pacífico.

Não foi contudo o pai o primeiro a descobrir que a menina se tornara mulher. Raramente o é. A misteriosa transformação é demasiado sutil e gradativa para ser medida por datas. E muito menos a própria donzela o sabe, até que o tom de uma voz ou a pressão de uma mão lhe alvoroça o coração, e ela sente, com medo e orgulho, que uma nova e mais ampla natureza acaba de despertar dentro de si. Poucas são as que não se podem lembrar desse dia e evocar o pequeno incidente que lhes anunciou a aurora de uma nova vida. No caso de Lucy Ferrier, a ocasião foi em si mesma bastante séria, além da futura influência que teria nela e em muitas outras pessoas.

Era uma cálida manhã de junho, e os santos dos últimos dias trabalhavam como abelhas, cuja colméia, aliás, tinham escolhido como emblema. Nos campos e nas ruas ouvia-se o mesmo burburinho do labor humano. Pelas estradas poeirentas desciam longas filas de mulas sobrecarregadas, todas rumando para oeste, visto que a febre do ouro irrompera na Califórnia e o caminho terrestre passava pela cidade dos eleitos. Havia também rebanhos de ovelhas, manadas de bois que vinham das pastagens

distantes e comitivas de migrantes cansados, de homens e cavalos igualmente exaustos pela longa jornada. Através de toda essa confusão, abrindo caminho com a habilidade de um consumado cavaleiro, galopava Lucy Ferrier, com o belo rosto afogueado pelo exercício e os compridos cabelos castanhos flutuando ao vento. Levava um recado do pai para a cidade, e corria a incumbir-se dele como já tantas outras vezes fizera, com todo o destemor da juventude, pensando apenas no que tinha a fazer e em como ia fazê-lo. Os aventureiros empoeirados fitavam-na atônitos, e até os índios impassíveis, envoltos nas suas peles, despertavam da costumeira apatia ao se maravilharem com a beleza da jovem cara-pálida.

Lucy chegava à entrada da cidade quando encontrou a estrada impedida por uma grande manada de bois, tangida por meia dúzia de vaqueiros de aspecto selvagem, vindos das planícies. Na sua impaciência em transpor aquele obstáculo, a moça tentou levar o cavalo por onde lhe parecia haver uma passagem. Mas, apenas o animal dera alguns passos, o gado fechou o estreito vão, e Lucy achou-se em pleno centro daquela torrente de bois de longos chifres e olhos em brasa. Habituada a lidar com o gado, não se alarmou com a situação, aproveitando todas as oportunidades para enfiar o cavalo, na esperança de abrir caminho pela manada. Infelizmente, os chifres de uma rês, por acaso ou não, colheram violentamente a ilharga do cavalo, assustando-o. O animal empinou-se com um relincho de dor e pôs-se a corcovear de tal modo, que teria arremessado da sela qualquer outro cavaleiro menos experimentado. A situação era perigosíssima. Cada cabriola do animal excitado o atirava novamente contra os chifres e exasperava-o ainda mais. A moça fazia tudo para se manter firme na sela, pois a menor escorregadela significaria uma morte horrível sob os cascos dos animais comprimidos e aterrorizados. Pouco afeita às emergências súbitas, ela já sentia a cabeça rodar e começava a afrouxar a rédea. Sufocada pela nuvem de poeira e pelo odor da manada suada e em disparada, teria abandonado os seus esforços se uma voz amiga não lhe indicasse, junto dela, que alguém viera em seu auxílio. No mesmo instante, uma mão bronzeada e musculosa segurou o cavalo assustado pelo freio e, abrindo caminho entre a manada, em pouco o livrava dela.

— Espero que a senhora não esteja ferida — disse o seu salvador respeitosamente.

Ela fitou-lhe o rosto bronzeado e enérgico e riu desembaraçadamente.

— Levei um grande susto — confessou ingenuamente.

— Quem diria que Poncho se assustaria com meia dúzia de vacas.

— A sua sorte foi manter-se firme na sela — disse o outro em tom sério. Era um jovem alto, de aspecto rude, montado num vigoroso cavalo ruano, vestido de couro como um caçador e trazendo uma comprida carabina a tiracolo.

— Creio que é a filha de John Ferrier — observou ele. — Vi-a sair da casa dele a galope. Dê-lhe lembranças da parte de Jefferson Hope, de St. Louis. Se ele é o Ferrier que eu penso, foi muito amigo de meu pai.

— Por que não lhe pergunta o senhor mesmo?

O jovem pareceu comprazer-se com aquela proposta, pois os seus olhos negros brilharam de satisfação.

— Irei, com certeza — disse ele. — Mas passamos dois meses nas montanhas e não estamos em condições de fazer uma visita. Ele tem de nos aceitar como somos.

— O meu pai tem muito que lhe agradecer, e eu também — respondeu ela. — Se essa manada me espezinhasse, ele nunca mais seria o mesmo homem.

— Nem eu! — acrescentou o seu companheiro.

— O senhor? Não vejo motivo para isso... se nem ao menos é nosso amigo.

O rosto bronzeado do jovem caçador fez-se tão melancólico ante essa observação que Lucy Ferrier se pôs a rir.

— Ora — disse ela —, não tive a intenção de ofendê-lo. É claro que agora é nosso amigo. Venha nos visitar. Bem, tenho de ir andando, senão meu pai nunca mais me manda fazer nada. Até a vista.

— Até a vista — respondeu ele, tirando o seu largo chapéu e curvando-se sobre a mãozinha dela.

Lucy fez o seu cavalo rodopiar, chicoteou-o, e arremeteu pela vasta planície, em meio a uma nuvem de pó. O jovem Jefferson Hope continuou tangendo o gado com os seus companheiros. Ia sério e taciturno. Ele e os demais tinham estado nas montanhas de Nevada em busca de prata e voltavam agora para Salt Lake City esperando conseguir capital suficiente para explorar alguns veios que haviam descoberto. Tanto como os outros, ele só falava nesse assunto, mas agora aquele súbito incidente parecia ter desviado o rumo dos seus pensamentos. A vista da bela moça, tão franca e saudável como a brisa da serra, tinha revolvido profundamente o seu coração vulcânico e indômito. Quando ela desapareceu dos seus olhos, o jovem sentiu que a sua existência entrava numa fase crítica, e que nem a mineração da prata nem quaisquer outros assuntos jamais seriam de tanta importância para ele como aquele novo e absorvente fato. O amor que lhe brotava no coração não era o súbito e volúvel capricho de um rapazola, mas a paixão veemente e bravia de um homem dotado de vontade férrea e de caráter imperioso. Hope estava habituado a triunfar em tudo o que empreendia. Assim, jurou que sairia vitorioso naquela empresa, até onde ela dependesse da vontade e da perseverança humanas.

Nessa mesma tarde, foi visitar John Ferrier; e voltou muitas vezes, até que a sua figura se tornou familiar na fazenda. Ferrier, isolado no vale e absorvido no seu trabalho, tivera poucas ocasiões de saber o que acontecia pelo mundo, exceto durante aqueles últimos doze anos. E de tudo isso Jefferson Hope podia informá-lo, fazendo-o de tal modo que interessava tanto ao pai como à filha. Fora um dos pioneiros da Califórnia, e tinha muitas histórias estranhas para narrar sobre fortunas acumuladas e perdidas, naquela terra que pululava de aventureiros. Também fora explorador, caçador, mineiro e vaqueiro. Para onde quer que soprasse o vento da aventura, lá estivera

Jefferson Hope. Em pouco se tornava o preferido do velho fazendeiro, que lhe gabava eloqüente- mente as virtudes. Em tais ocasiões, Lucy ficava silenciosa, mas o rubor das faces e o brilho dos seus olhos felizes demonstravam claramente que o seu jovem coração já não era seu, O honesto pai talvez não observasse aqueles sintomas, mas eles de forma alguma passavam despercebidos ao homem que havia conquistado o seu afeto.

Numa tarde de verão, ele surgiu galopando na estrada e sofreou o cavalo diante do portão. Lucy, que estava nas proximidades, adiantou-se para recebê-lo. Hope atirou a rédea na cerca e aproximou-se a pé.

— Estou de partida, Lucy — disse ele, tomando-lhe as duas mãos nas suas e fitando-a ternamente no rosto. — Agora não lhe pedirei que venha comigo, mas, da próxima vez, estará disposta a vir?

— E quando será? — perguntou ela, com as faces ruborizadas, rindo.

— Daqui a dois meses. Voltarei para buscá-la, minha querida. Não há ninguém que possa nos separar.

— E que dirá meu pai?

— Ele já deu o seu consentimento, sob a condição de que as minas produzam alguma coisa. Não tenho o menor receio a esse respeito.

— Então, está tudo bem. Se você e meu pai j trataram de tudo, não há mais nada a dizer — sussurrou ela, apoiando a face contra o largo peito do seu apaixonado.

— Graças a Deus! — exclamou ele, com voz um tanto embargada e baixando a cabeça para beijá-la. — Tudo está resolvido. Quanto mais eu ficar aqui, mais difícil será ir embora. Estão à minha espera lá no canyon. Adeus, minha querida ... adeus! Dentro de dois meses, você me verá de novo.

Dizendo isso, o jovem se desvencilhou dos braços de Lucy e pulou na sela, afastando-se em vertiginoso galope, sem olhar para trás uma só vez, como se temesse que a sua resolução fraquejasse à vista do que ali deixava. Ela ficou no portão, acompanhando-o com o olhar até ele desaparecer no horizonte, e depois voltou para casa. Era a moça mais feliz do Utah.

Capítulo terceiro: John Ferrier fala com o profeta

Três semanas tinham se passado desde que Jefferson Hope e seus companheiros haviam partido de Salt Lake City. John Ferrier sentia um aperto no coração quando pensava no regresso do jovem e na iminente perda da sua filha adotiva. Mas a expressão

radiante de Lucy, o seu rosto feliz, reconciliavam-no com semelhante idéia mais do que qualquer outro argumento. No fundo do seu coração resoluto, sempre abrigara o firme propósito de que nada o levaria a consentir no casamento de sua filha com um mórmon. Aos seus olhos, um matrimônio dessa ordem não era um sacramento, mas vergonha e desonra. Quaisquer que fossem as suas idéias a respeito da doutrina dos mórmons, era inflexível quanto a esse ponto. Tinha, no entanto, que selar os lábios, pois naqueles dias era coisa muito perigosa expressar uma opinião herética na terra dos santos.

Sim, uma coisa deveras perigosa... tão perigosa, que até os mais piedosos apenas ousavam sussurrar as suas opiniões religiosas em voz velada, por temor de que suas palavras fossem mal interpretadas e lhes trouxessem um rápido castigo. As vítimas da perseguição tinham se transformado agora em perseguidores da pior espécie. A Inquisição de Sevilha, o Femgericht alemão, as sociedades secretas da tália... nenhuma organização jamais conseguira pôr em movimento máquina mais formidável do que aquela que estendia a sua sombra sobre o Estado de Utah.

O caráter invisível e misterioso dessa organização tornava-a duplamente terrível. Parecia onipotente e onisciente, mas ninguém a via nem a ouvia. O homem que se erguesse contra a Igreja desaparecia sem que ninguém soubesse para onde fora ou o que lhe sucedera. Sua mulher e seus filhos esperavam-no em casa, mas nenhum pai jamais regressou para lhes contar como se agüentara nas mãos dos seus juízes secretos. Uma palavra imprudente ou um gesto precipitado eram seguidos pela aniquilação, e no entanto ninguém sabia qual era a natureza daquele poder que pairava sobre todos. Não admira então que os homens andassem tremendo de medo, e que nem no coração do deserto ousassem cochichar as dúvidas que os oprimiam.

A princípio, esse vago e terrível poder era exercido somente sobre os recalcitrantes, que, tendo abraçado o credo dos mórmons, quisessem mais tarde pervertê-lo ou abandoná-lo. Mas cedo se ampliou o seu raio de ação. A provisão de mulheres adultas escasseava, e a poligamia sem uma população feminina para a qual apelar era uma doutrina mexeqüível. Estranhos rumores começaram a circular. . . falava-se de migrantes assassinados e de campos devastados em regiões onde nunca se haviam visto índios. Novas mulheres apareciam nos haréns dos anciãos... mulheres que definhavam e choravam, e que traziam no rosto a marca indelével do terror. Viajantes retardatários referiam-se a bandos de homens armados e mascarados, que furtiva e silenciosamente passavam por eles nas trevas. Esses boatos e histórias tomavam forma e substância, e eram repetidamente corroborados, até que se resumiram num nome bem definido. Até hoje, nos ranchos solitários do oeste, o nome do Bando de Danite ou dos Anjos Vingadores é sinistro e de mau agouro.

Um conhecimento mais amplo da organização que produzia tão terríveis resultados aumentava, ao invés de diminuir, o terror que ela inspirava aos habitantes do Utah. Ninguém sabia quem eram os componentes dessa impiedosa sociedade. Os nomes dos participantes das façanhas sangrentas e brutais, cometidas em nome da religião, eram mantidos em profundo segredo. O próprio amigo a quem confiássemos as nossas dúvidas quanto ao profeta e à sua missão poderia ser um dos que à noite viriam buscar uma reparação com ferro e fogo. Por isso, cada homem temia o próximo, e ninguém falava das coisas que abrigava no seu coração.

Uma bela manhã, John Ferrier dispunha-se a partir para os seus trigais, quando ouviu

ranger o portão, e, olhando pela janela, viu um homem de meia-idade, ruivo e corpulento, que avançava pela vereda do jardim. O coração pulou- lhe no peito, pois não era outro senão o grande Brigham Young em pessoa. Tremendo, pois sabia que semelhante visita não lhe era de bom augúrio, Ferrier correu a dar as boas-vindas ao chefe mórmõn. Este, porém, recebeu com frieza os seus cumprimentos e de rosto grave o acompanhou até a sala de visita.

— Irmão Ferrier — disse ele, sentando-se e encarando penetrantemente o fazendeiro sob os cílios claros —, os verdadeiros crentes têm sido bons amigos seus. Nós o recolhemos quando morria de fome no deserto, dividimos com você o nosso pão e o levamos são e salvo para o Vale Sagrado, demos-lhe um bom quinhão de terra e permitimos que enriquecesse sob a nossa proteção. Não é assim?

— É — respondeu John Ferrier.

— Em troca de tudo isso, pedimos-lhe apenas uma condição: que abraçasse a verdadeira fé e respeitasse todos os seus mandamentos. Foi isso o que prometeu fazer, e é isso o que não tem cumprido, se é verdade o que se diz.

— E de que modo não o cumpri? — perguntou John Ferrier, erguendo as mãos para o céu à guisa de protesto. — Não tenho contribuído para o fundo comum? Não tenho freqüentado o templo? Não tenho...

— Onde estão as suas mulheres? — perguntou Brigham Young, olhando em torno. — Chame-as, para que eu as saúde.

— É verdade que não me casei — respondeu Ferrier.

— Mas as mulheres eram poucas, e havia muitos que tinham maiores direitos do que eu. Além disso, eu não estava só: tinha a minha filha, que cuidava de mim.

— É a respeito dessa filha que desejo falar — disse o chefe dos mórmons. — Ela se tornou a flor do Utah e tem agradado aos olhos de muitos, que estão entre os primeiros da nossa terra.

John Ferrier gemeu consigo mesmo.

— Correm histórias sobre ela em que eu não gostaria de acreditar... histórias que a dão como noiva de um incrédulo. Sem dúvida são conversas de línguas ociosas. Qual é o décimo terceiro mandamento do Santo Joseph Smith? “Toda donzela pertencente à verdadeira fé deve desposar um dos eleitos para não cometer o pecado mortal de unir-se a um pagão.” Assim sendo, como você professa a verdadeira religião, não deve permitir que ela cometa um sacrilégio.

John Ferrier permaneceu mudo, brincando distraidamente com o chicote.

— Nesse único ponto é que toda a sua fé será posta à prova... assim foi decidido pelo Sagrado Conselho dos Quatro. Sua filha é moça, e não queremos que se case de cabelos grisalhos, nem desejamos privá-la de escolha. Nós, os anciãos, temos muitas vitelas [1], mas nossos filhos precisam ter as suas. Stangerson tem um rapaz e Drebber, outro.

Qualquer desses rapazes receberia de bom grado sua filha em casa deles. São jovens, ricos, e pertencem à verdadeira fé. Que diz a isso?

Ferrier permaneceu longo tempo em silêncio, com a fronte enrugada.

— Dê-nos mais algum tempo — disse ele por fim. — Minha filha é muito moça... mal chegou à idade de se casar.

— Ela terá um mês para escolher — disse Young, levantando-se — Findo esse prazo, deverá dar-nos a sua resposta.

No momento de transpor o limiar da porta, o profeta voltou-se. Tinha o rosto vermelho, e os seus olhos cintilavam.

— Seria melhor, John Ferrier — trovejou ele —, que você e sua filha fossem agora dois esqueletos perdidos na serra Branca do que opor a sua débil vontade às ordens do Sagrado Conselho dos Quatro!

Com um gesto ameaçador, deixou a porta, e Ferrier ouviu a areia do jardim ranger sob os seus pesados passos.

Ainda estava sentado, com um cotovelo nos joelhos, pensando em como falar à filha sobre aquele assunto, quando uma mão suave lhe pousou no ombro. Volvendo a vista, achou-a a seu lado, e um simples olhar para aquele pálido e assustado rosto lhe demonstrou que Lucy tinha ouvido o que se passara.

— Era impossível não ouvir — disse ela, em resposta ao seu olhar. — A voz dele reboava em toda a casa. Oh! Meu pai, meu pai, que faremos?

— Não tenha medo — disse ele, puxando-a para si e acariciando os seus cabelos castanhos com a mão larga e calosa. — De um modo ou de outro, haveremos de encontrar uma saída. Não mudou de idéia a respeito daquele rapaz, não?

Um soluço e uma pressão dos dedos foi a única resposta.

— Sei bem que não. Nem eu gostaria de ouvi-la dizer o contrário. É um belo rapaz e um bom cristão, coisa que não direi quanto a esta gente aqui, apesar de todas as suas rezas e sermões. Amanhã parte uma expedição para Nevada, e arranjarei um modo de lhe mandar uma mensagem com todos os pormenores da nossa triste situação. Se não me engano a respeito desse rapaz, ele há de chegar aqui mais depressa que o telégrafo.

Lucy riu por entre as lágrimas ante a comparação do pai.

— Quando ele vier, vai nos aconselhar sobre o que fazer. Mas é pelo meu querido pai que tenho medo. Ouvem-se... ouvem-se histórias medonhas a respeito dos que se opõem ao profeta: acontece-lhes sempre qualquer coisa de horrível.

— Mas ainda não nos opusemos a ele — redargüiu-lhe o pai. — Ë inútil nos abrigarmos antes da chuva. Há um mês inteiro pela frente, mas antes de findar esse prazo acho que

teremos de sair daqui.

— Deixar o Utah?

— Não vejo outra solução.

— E a fazenda?

— Reuniremos todo o dinheiro que pudermos e abandonaremos o resto. Para dizer a verdade, Lucy, não é a primeira vez que penso nisso. Não gosto de andar rastejando diante de um homem, como éssa gente faz com o seu profeta dos diabos. Sou um livre cidadão americano e não me habituo a essas coisas. Acho que estou demasiado velho para isso. Se ele começar a se meter nesta fazenda, é bem provável que encontre uma carga de chumbo pela frente.

— Mas ele não nos deixará ir embora — observou a moça.

— Espere até que Jefferson chegue, e então trataremos disso. Por enquanto, não se aflija, minha querida, nem fique de olhos vermelhos, senão ele pode me pedir contas disso. Não é preciso ter medo, e ainda não há perigo algum.

John Ferrier pronunciou essas consoladoras palavras num tom muito confiante, mas ela não deixou de notar que, nessa noite, ele dispensou maior atenção às trancas das portas e limpou cuidadosamente e carregou a velha espingarda de caça pendente da parede do seu quarto.

[1] Herber C. Kemball, num dos seus sermões, aludia às suas cem muiberes com esse afetuoso epíteto. (N. do A.)

Capítulo quarto: Fuga desesperada

Na manhã seguinte ao colóquio com o profeta mórmon, John Ferrier foi a Salt Lake City, encontrou-se com o seu conhecido que partia para a serra Nevada e confiou-lhe uma mensagem para Jefferson Hope. Nessa mensagem, expunha ao jovem o iminente perigo que os ameaçava, encarecendo-lhe a urgência do seu regresso. Feito isso, sentiu-se aliviado e voltou para casa com o ânimo mais sereno.

Ao aproximar-se da fazenda, viu com surpresa dois cavalos imarrados em cada moirão da porteira. Ainda mais surpreso ficou quando, ao entrar em casa, encontrou dois jovens de posse da sua sala de visita. Um deles, de rosto pálido e comprido, estava recostado na sua cadeira de balanço, com os pés apoiados sobre a estufa. O outro, um rapaz de pescoço taurino, feições congestionadas e grosseiras, achava-se de pé junto à janela e assobiava uma canção popular. Ambos saudaram Ferrier com um aceno de cabeça, e o que estava sentado iniciou a conversa.

— Talvez o senhor não nos conheça — disse ele. — Este é o filho do ancião Drebber, e

eu sou Joseph Stangerson. Viajamos juntos pelo deserto, quando o Senhor estendeu a sua mão e o acolheu no verdadeiro rebanho.

— Como fará com todas as nações quando soar a sua hora — disse o outro numa voz nasal. — Ele mói devagar, mas a sua farinha é finíssima.

Ferrier inclinou a cabeça com certa frieza. Já tinha uma idéia de quem fossem os seus visitantes.

— Viemos aqui — prosseguiu Stangerson — a conselho dos nossos pais, a fim de pedir-lhe a mão de sua filha para aquele de nós que pareça preferível a ela ou ao senhor. Como tenho apenas quatro esposas e o irmão Drebber tem sete, creio ter mais direito.

— Nada disso, irmão Stangerson! — exclamou o outro. — O importante não é o número de mulheres que temos, mas quantas podemos sustentar. Meu pai acaba de dar-me os seus moinhos, e sou mais rico do que você.

— Mas as minhas perspectivas são melhores — objetou o outro vivamente. — Quando o Senhor chamar o meu pai, serei o dono do seu curtume e do seu empório de couros. Além disso, sou o mais velho-e tenho um cargo mais alto na Igreja.

— Deixaremos a escolha para a jovem — concluiu Drebber, sorrindo afetadamente diante do espelho. — Sim, ela é quem deverá decidir.

Durante esse diálogo, John Ferrier ficara espumando de raiva no limiar da porta, contendo a custo o ímpeto de lançar o chicote sobre os seus dois visitantes.

— Ouçam bem — disse por fim, avançando para eles.

— Quando a minha filha mandar chamá-los, podem vir aqui, mas antes disso não quero ver a cara de vocês.

Os dois jovens mórmons fitaram-no atônitos. Aos seus olhos, aquela competição entre eles pela mão da donzela era uma grande honra, tanto para ela como para o pai.

— Há duas maneiras de sair desta sala — bradou Ferrier. — Pela porta ou pela janela. Qual preferem?

Tão feroz era a sua expressão e ameaçadoras as suas mãos, que os visitantes, pondo-se imediatamente em pé, bateram em rápida retirada. O velho fazendeiro seguiu-os até a porta.

— Avisem-me quando tiverem resolvido qual dos dois será o noivo — disse ele ironicamente.

— Pagará caro por isso — gritou Stangerson, pálido de raiva. — Desafiou o profeta e o Conselho dos Quatro. Há de se arrepender até o fim dos seus dias.

— A mão do Senhor cairá sobre você — gritou o jovem Drebber. — Ela se erguerá e o destruirá.

— Pois eu começo a destruição! — exclamou Ferrier, furioso, e teria corrido em busca de sua espingarda se Lucy não o impedisse, agarrando-lhe um braço.

Antes que o velho pudesse se desvencilhar dela, o tropel dos cavalos anunciou-lhe que ambos já estavam fora do seu alcance.

— Grandessíssimos hipócritas! — exclamou ele, enxugando o suor da testa. — Prefiro vê-la morta, minha filha, a vê-la casada com um deles.

— E também eu prefiro a morte, meu pai — respondeu Lucy com firmeza. — Mas Jefferson há de voltar.

— Sim, ele não tardará muito em chegar. Quanto mais cedo melhor, porque não sabemos o que eles farão agora.

Era na verdade a ocasião propícia para que alguém capaz de dar conselho e ajuda se unisse ao velho e rijo agricultor e sua filha adotiva. Em toda a história da colônia nunca houvera um caso de franca desobediência à autoridade dos anciãos. Se culpas menores eram punidas tão seriamente, qual não seria o destino daquele arqui-rebelde? Ferrier sabia que sua riqueza e sua posição de nada lhe valeriam. Outros, tão conhecidos e ricos como ele, já tinham sido suprimidos, e os seus bens dados à Igreja. Ferrier era um homem corajoso, mas tremia ante os horrores sombrios e indefinidos que pairavam sobre ele. Teria afrontado qualquer perigo manifesto sem piscar os olhos, mas aquela incerteza era enervante. Todavia, escondeu da filha os seus temores, fingindo encarar aquilo com despreocupação, mas Lucy, com o olhar penetrante do afeto, via claramente as suas apreensões.

John Ferrier esperava receber alguma mensagem ou admoestação, da parte de Young, quanto à sua conduta; e realmente recebeu, mas de modo imprevisto. Ao levantar-se na manhã seguinte, encontrou, com grande surpresa, um pequeno retângulo de papel preso por um alfinete nas cobertas da sua cama, exatamente à altura do peito. Em letras de fôrma, grandes e tortas, podia-se ler:

RESTAM VINTE E NOVE DIAS PARA QUE VOCÊ SE
EMENDE, ANTES DE...

As reticências eram mais assustadoras do que qualquer ameaça explícita. De que maneira aquela advertência chegara ao seu quarto, eis o que deixava Ferrier bastante perplexo, pois os seus criados dormiam numa construção isolada e todas as portas e janelas tinham sido trancadas. O velho amarrotou o papel e jogou-o fora, nada dizendo à filha, mas o incidente gelou-lhe o sangue nas veias. Os vinte e nove dias eram, evidentemente, os restantes do mês que Young lhe havia dado. De que poderia valer a força ou a coragem contra um inimigo armado de tais poderes misteriosos? A mão que enfiara aquele alfinete poderia tê-lo golpeado no coração, sem lhe dar tempo para saber quem o assassinava.

Ainda mais abalado ficou na manhã seguinte. Apenas tinham se sentado à mesa para o café, quando Lucy, com uma exclamação de surpresa, apontou para cima. No meio do

teto estava garatujado, talvez com a ponta de um tição, o número 28. Para a filha aquilo era ininteligível, e ele nada lhe disse a esse respeito. Nessa noite, pegou na espingarda e ficou de guarda até o raiar do dia. Não viu nem ouviu coisa alguma, mas um grande 27 apareceu pintado do lado de fora da sua porta.

Assim se seguiram os dias; e todas as manhãs, tão certo como o alvorecer, ele verificava que os seus inimigos invisíveis mantinham o registro, assinalando de modo patente quantos dias de graça lhe restavam. Às vezes os números fatais apareciam nas paredes, outras, no soalho, ocasionalmente, em pequenos cartazes enfiados no portão do jardim ou nas grades da cerca. Apesar de toda a sua vigilância, John Ferrier não podia descobrir de onde procediam aquelas advertências diárias. Um terror quase supersticioso o invadia à vista de cada uma delas. Tornou-se macilento, inquieto, e os seus olhos tinham a expressão desorientada do animal acossado. Restava-lhe agora apenas uma esperança na vida, que era a chegada do jovem caçador de Nevada.

Os vinte dias haviam se tornado quinze, e os quinze, dez, mas não havia notícias do ausente. Um a um os números iam diminuindo, e nem sinal dele. Quando um cavaleiro galopava pela estrada, ou um carreteiro gritava às suas parelhas, o velho fazendeiro acorria ao portão, pensando que chegava finalmente o auxílio esperado. Por fim, quando viu os cinco dias se reduzirem a quatro e os quatro a três, perdeu o ânimo e toda esperança de salvação.

Sozinho, mal conhecendo as montanhas que cercavam a colônia, sabia que nada podia fazer. As estradas mais freqüentadas eram severamente vigiadas e guardadas, e ninguém podia passar sem uma ordem do conselho. Para qualquer lado que se voltasse, não lhe parecia haver meios de aparar o golpe que pairava sobre ele. Todavia, o velho nunca vacilou na sua resolução de antes perder a vida do que consentir naquilo que considerava a desonra de sua filha.

Uma noite estava sentado em casa, sozinho, meditando profundamente sobre as suas aflições e procurando inutilmente um meio de afastá-las. Naquela manhã, o número 2 aparecera na parede de sua casa, e o dia seguinte seria o último do prazo concedido. Que aconteceria então? Toda espécie de vagos e terríveis pressentimentos lhe assoberbavam a imaginação. E a filha... que seria dela após a sua morte? Não haveria como fugir da rede invisível que os envolvia? Deixando cair a cabeça sobre a mesa, pôs-se a soluçar ante a sua impotência.

Mas que era aquilo? No silêncio, ouvira um leve rumor, como se alguém arranhasse a porta... um som fraco, mas muito distinto na quietude da noite. Ferrier esgueirou-se pelo corredor e apurou o ouvido. Houve uma pausa de alguns instantes, e depois o rumor leve e insidioso recomeçou. Alguém estava evidentemente batendo muito de leve nas folhas da porta. Seria algum assassino vindo no meio da noite para executar as ordens cruéis do tribunal secreto? Ou algum emissário assinalando que tinha soado o último dia de graça? John Ferrier sentiu que a morte instantânea seria melhor do que semelhante ansiedade, que lhe abalava os nervos e gelava o sangue no seu coração. De um salto, tirou a tranca e abriu a porta.

Lá fora, tudo quieto e silencioso. A noite era límpida, as estrelas cintilavam na amplidão. O pequeno jardim cercado estava diante dos seus olhos, mas nem ali nem na estrada se enxergava vivalma. Com um suspiro de alívio, Ferrier olhou para a direita e para a esquerda, até que, olhando para os próprios pés, viu com espanto um homem estendido por terra, com os braços e as pernas abertos.

Tão sobressaltado ficou diante daquilo, que se encostou na parede, levando a mão à garganta, como para sufocar um grito involuntário. O seu primeiro pensamento foi de que a figura prostrada era um homem ferido ou moribundo, mas logo notou que ele se arrastava no chão, e em pouco o viu entrar em sua casa com a rapidez e o silêncio de uma serpente. Sob o seu teto, o homem pôs-se de pé, fechou a porta e, ante o fazendeiro atônito, descobriu o rosto audaz e resoluto de Jefferson Hope.

— Deus do céu! — exclamou John Ferrier. — Que susto! Por que cargas d'água entrou desse modo?

— Dê-me de comer — disse o outro em voz rouca. — Há quarenta e oito horas que não ponho nada na boca.

Dizendo isso, atirou-se ao pão e à carne fria que desde o jantar ainda estavam na mesa, e devorou-os vorazmente.

— Lucy tem-se mostrado corajosa? — perguntou ele, depois de aplacar a sua fome.

— Tem, sim. Ela ignora todo o perigo — respondeu o velho.

— Tanto melhor. A casa está vigiada por todos os lados. Foi por isso que vim rastejando. Eles podem ser muito espertos, mas não o bastante para apanharem um caçador washoe.

John Ferrier sentia-se outro homem ao ver que contava agora com um fiel aliado. Tomando a áspera mão do jovem, apertou-a cordialmente.

— Você merece a minha admiração — disse ele. — Não são muitos os homens que se arriscariam a vir compartilhar do nosso perigo e das nossas dificuldades.

— Não digo que não — respondeu o jovem. — Respeito-o muito, mas, se o senhor estivesse sozinho, eu pensaria duas vezes antes de entrar. E Lucy que me traz aqui, e, antes que lhe aconteça qualquer coisa, desconfio que haverá um homem a menos na família Hope do Utah.

— Que devemos fazer?

— Amanhã é o último dia, e, se não agirmos esta noite, estaremos perdidos. Tenho uma mula e dois cavalos à nossa espera, no Barranco da Aguia. De quanto dinheiro dispõe?

— Dois mil dólares em ouro e cinco mil em dinheiro.

— Isso é o suficiente. Tenho outro tanto comigo. Podemos alcançar Carson City através das montanhas. É melhor acordar Lucy. A sorte é que os criados não dormem dentro de

casa.

Enquanto Ferrier foi chamar sua filha, Jefferson Hope fez um pequeno volume de todos os víveres que pôde encontrar e encheu um garrafão de água, pois sabia, por experiência, que os mananciais da montanha eram poucos e distantes. Mal tinha feito essas provisões, e o fazendeiro já estava de volta com a sua filha, vestida e pronta para partir. Os namorados trocaram cumprimentos calorosos mas breves, porque os minutos eram preciosos e havia muito que andar.

— Devemos partir imediatamente — disse Jefferson Hope, falando em voz baixa mas resoluta, como quem avalia a extensão do perigo e está resolvido a enfrentá-lo. — As portas da frente e de trás estão sendo vigiadas, mas podemos sair pela janela do lado e atravessar o campo. Chegando à estrada, estaremos apenas a três quilômetros do barranco onde se encontram os cavalos. O romper do dia nos encontrará em plena montanha.

— E se formos detidos? — perguntou Ferrier.

Hope bateu no cabo do revólver, que sobressaía à frente da sua túnica. — Se forem muitos para nós, levaremos dois ou três conosco disse ele com um sorriso sombrio.

As luzes do interior da casa foram apagadas, e Ferrier, pela janela escura, espreitou os campos que tinham sido seus e que agora ia abandonar para sempre. Todavia, já estava preparado para aquele sacrifício, e a honra e a felicidade da filha contrabalançavam qualquer pesar ante a sua fortuna arruinada. Tudo parecia tão sossegado e feliz, nas árvores que rumorejavam docemente à brisa e na quieta extensão do trigal, que era difícil crer que em tudo pairasse uma ameaça de morte. Mas o rosto pálido e apreensivo do jovem caçador demonstrava que, ao aproximar-se da casa, ele vira o suficiente para saber o que podiam esperar.

Ferrier levava a bolsa com o dinheiro e o ouro, Jefferson, as escassas provisões e a água, e Lucy, uma trouxa na qual reunira os seus pertences mais valiosos. Abrindo a janela devagar e com o maior cuidado, esperaram até que uma nuvem escurecesse um pouco mais o céu, e depois, um a um, desceram ao jardim. Curvados, com a respiração suspensa, atravessaram-no e assim chegaram ao abrigo de sebe, junto ao qual andaram até alcançar uma abertura que dava para os campos de trigo. Estavam nesse ponto, quando o jovem, segurando os seus dois companheiros, os puxou para a sombra, onde ficaram trêmulos e calados.

Por sorte, a vida nas pradarias tinha dado a Jefferson um ouvido agudíssimo. Ele e os seus amigos mal se haviam abaixado, quando se ouviu, a poucos passos de distância, o pio melancólico de um mocho da montanha, que foi imediatamente seguido de outro, não muito distante. No mesmo instante, um vulto escuro e indefinido emergiu da abertura para a qual havia pouco eles se dirigiam, e emitiu novamente aquele grito queixoso. A esse sinal, um segundo homem surgiu da escuridão.

— Amanhã, à meia-noite — disse o primeiro, num tom de quem está habituado a mandar. — Quando o mocho piar três vezes.

— Está bem — tornou o outro. — Aviso o irmão Drebber?

— Passe-lhe a senha, e ele que a passe aos outros. Nove por sete!

— Sete por cinco! — respondeu o outro, e as duas sombras desapareceram em direções opostas.

As últimas palavras eram sem dúvida uma espécie de senha e contra-senha. Assim que os seus passos se perderam na distância, Jefferson Hope pôs-se em pé, auxiliou os companheiros a passar pela abertura da sebe e, correndo quanto lhe permitiam as pernas, guiou-os através dos campos, auxiliando e quase carregando a jovem, quando as forças pareciam lhe faltar.

— Depressa, depressa! repetia ele de quando em quando. — Estamos passando a linha das sentinelas. Tudo depende da rapidez. Apressem-se!

Chegando à estrada, puderam prosseguir mais rapidamente. Só uma vez encontraram alguém, mas conseguiram dissimular-se no trigal, evitando ser reconhecidos. Pouco antes da cidade, o caçador tomou uma bifurcação que levava às montanhas. Era uma senda estreita e áspera. Dois picos negros e denteados assomavam nas trevas, acima; por entre eles passava o desfiladeiro que levava ao Barranco da Aguia, que era onde tinham ficado os cavalos. Com certeiro instinto, Jefferson Hope foi abrindo caminho entre as lapas gigantescas e pelo leito de um rio seco, até chegar ao desvão distante, protegido pelas rochas, onde os fiéis animais os esperavam. A jovem foi içada para a mula, o velho Ferrier montou num cavalo com a sua bolsa de dinheiro, e Jefferson Hope pulou na sela do outro, tomando a dianteira para guiá-los através do passo alcantilado e perigoso.

Para quem não estivesse habituado a lidar com a natureza sob os seus piores aspectos, aquele caminho seria desesperante e inacessível. De um lado erguia-se uma enorme parede de rocha, com mais de trezentos metros de altura, negra, sinistra, ameaçadora, atravessada por longas colunas de basalto que surgiam na superfície anfractuosa como as costelas de um monstro petrificado. Do outro, havia um caos de rochas e pedregulhos caídos que barravam completamente o caminho. No meio corria a senda irregular, tão estreita que em certos lugares os obrigava a irem em fila indiana, e tão áspera que somente cavaleiros experimentados seriam capazes de andar por ela. Mas, a despeito de todos os perigos e dificuldades, os fugitivos sentiam o coração leve, porque cada passo aumentava a distância entre eles e o terrível despotismo do qual fugiam.

Bem cedo, no entanto, tiveram uma prova de que ainda se encontravam dentro da jurisdição dos mórmons. Haviam alcançado a parte mais inóspita e desolada do desfiladeiro, quando a jovem sufocou um grito de surpresa, apontando para cima. Num rochedo que dominava a passagem, e que se recortava escuro e liso contra o céu, uma sentinela solitária montava guarda. E como esta os avistara ao mesmo tempo que eles, a sua interpelação militar de “Quem vem lá!” imediatamente reboou no silêncio da ravina.

— Viajantes para Nevada — disse Jefferson Hope, com a mão na carabina que lhe pendia da sela.

Os três viram nitidamente que a sentinela assestava a arma, olhando-os como se a

resposta não a tivesse satisfeito.

— Com licença de quem? perguntou ela.

— Dos Quatro Santos respondeu Ferrier, cuja experiência com os mórmons lhe ensinara que essa era a mais alta autoridade a quem se podia referir.

— Nove por sete! — gritou a sentinela.

— Sete por cinco! — tornou prontamente Jefferson Hope, lembrando-se da contra-senha que ouvira no jardim.

— Passem, e que o Senhor esteja convosco — disse a voz lá de cima.

Além do posto, a vereda alargava-se e os cavalos puderam romper a trote. Olhando para trás, os fugitivos viram o guarda solitário inclinado sobre a sua carabina, e assim tiveram certeza de que tinham passado o último posto do povo eleito e que a liberdade estava à sua frente.

Capítulo quinto: Os anjos vingadores

Durante toda a noite viajaram por veredas irregulares, coalhadas de pedregulhos. Mais de uma vez perderam o rumo, mas o profundo conhecimento que Hope tinha da montanha de novo os levava ao bom caminho. Quando rompeu a manhã, um panorama selvagem e maravilhoso surgiu ante os seus olhos. Em todas as direções, os picos nevados, que lhes fechavam os quatro horizontes, apontavam um atrás do outro até se perderem nas névoas da distância. E tão abruptas eram as suas vertentes rochosas, de um e outro lado, que os pinheiros e lanços pareciam suspensos acima das cabeças dos viajantes, à espera de uma simples lufada de vento para tombar sobre eles. Semelhante receio não era tão imaginário, pois todo o estéril vale estava juncado de troncos e pedregulhos que ali se haviam despenhado. E, no momento exato em que passavam, uma enorme pedra rolou fragorosamente pela encosta escarpada; com um estrondo que o eco repetia nas gargantas solitárias. Assustados, os cavalos lançaram-se a galope.

Quando o sol se ergueu a leste, os cumes das grandes montanhas foram se iluminando um após outro, como as lâmpadas de uma festa, até ficarem vermelhos e cintilantes. O magnífico espetáculo reanimou os três fugitivos, dando-lhes novas energias.

Junto a uma torrente impetuosa, que brotava de um barranco, fizeram alto e deram de beber aos cavalos, aproveitando o ensejo para uma breve refeição. Lucy e seu pai teriam repousado um pouco mais, mas Jefferson Hope foi inexorável:

— Nesta altura, eles já devem estar no nosso encalço. Tudo depende da nossa rapidez.

Depois de sãos e salvos em Carson City, poderemos descansar o resto da vida.

Durante todo aquele dia continuaram a sua luta através dos desfiladeiros, e à tardinha calculavam levar cinqüenta quilômetros de vantagem sobre os inimigos. Quando caiu a noite, escolheram a base de uma rocha saliente, que oferecia abrigo contra o vento gelado, e ali, aconchegados uns aos outros para se aquecerem, gozaram de algumas horas de sono. Antes da aurora, porém, já estavam cm pé e novamente a caminho. Não encontraram nenhum indício dos seus perseguidores, e Jefferson Hope começava a pensar que estavam finalmente fora do alcance da terrível organização em cuja ira haviam incorrido. Mal sabia ele, no entanto, até onde alcançava aquela mão de ferro, ou com que rapidez ela desceria para esmagá-los.

Na metade do segundo dia de fuga, as suas poucas provisões começaram a escassear. Isso não preocupava, contudo, o jovem caçador, pois havia caça abundante nas montanhas, e em outras e freqüentes ocasiões ele se habituara a contar somente com a carabina para prover o seu sustento. Encontrando um canto abrigado, reuniu uma pilha de ramos secos e fez uma boa fogueira para se aquecerem, porque estavam agora quase mil e quinhentos metros acima do nível do mar, e o ar era frio e cortante. Depois de amarrar os cavalos e despedir-se de Lucy, Jefferson pôs a arma ao ombro e saiu à caça do que pudesse encontrar naquelas alturas. Olhando para trás, viu a moça e o velho acocorados junto ao fogo, e, mais ao fundo, os três animais imóveis. Depois, os rochedos do caminho esconderam-nos dos seus olhos.

Andou alguns quilômetros através de uma e outra ravina sem nada encontrar, embora notasse marcas nas cascas das árvores e outras indicações de que havia numerosos ursos pelas vizinhanças. Finalmente, após duas ou três horas de busca infrutífera, quando já pensava em voltar desesperado, ergueu por acaso os olhos e deu com algo que lhe causou um frêmito de satisfação. No topo de um cume, mais de cem metros acima, aprumava-se um animal um pouco parecido com um carneiro, mas armado de um par de chifres enormes. O “chifrudo”, como é chamado na região o carneiro selvagem, era provavelmente a sentinela de um rebanho invisível para o caçador, mas por sorte o animal ia em direção oposta e não o tinha notado. Deitando-se ao abrigo de uma rocha, Jefferson apoiou a carabina e mirou detidamente antes de apertar o gatilho. O animal deu um salto, contorceu-se um instante à beira do precipício e rolou para o vale.

A caça era demasiado pesada para ser posta ao ombro, de sorte que o caçador contentou-se em cortar-lhe um quarto e parte do flanco. Carregando esse troféu, apressou-se em regressar, pois a noite já se avizinhava. Entretanto, apenas se pusera a andar notou a dificuldade que se lhe deparava agora. No seu açodamento, tinha ultrapassado as ravinas que não conhecia, e não era fácil voltar sobre os seus próprios passos. O vale em que se achava dividia-se e subdividia-se em muitas gargantas, tão semelhantes umas às outras que era impossível distingui-las. Enveredou por uma delas durante mais de um quilômetro até chegar a uma torrente que, estava bem certo, não tinha visto antes. Convicto de que tomara um rumo falso, tentou um outro, com o mesmo resultado. A noite chegava rapidamente, e estava quase escuro quando ele finalmente atingiu um desfiladeiro que lhe era familiar. Mesmo assim, não era fácil seguir a vereda certa, porque a lua ainda não surgira e os altos penhascos de cada lado tornavam a escuridão ainda mais profunda. Sobrecarregado com a caça, exausto pelas fadigas da jornada, Jefferson Hope avançava cambaleante, mantendo a firmeza de ânimo ao pensar que a cada passo estava mais próximo de Lucy e que levava consigo

provisão suficiente para o resto da viagem.

Chegava enfim à boca do desfiladeiro onde os tinha deixado. Apesar da escuridão, reconhecia perfeitamente a linha das fragas que o compunham. Com certeza o aguardavam ansiosos, pensou ele, após aquelas longas cinco horas de ausência. Tomado de grande alegria, depôs por um instante o seu fardo e, com as mãos em concha junto à boca, desferiu um grito prolongado, que reboou no vale anunciando a sua chegada. Deteve-se um instante à espera da resposta. Mas apenas ouviu o seu próprio grito, devolvido pelo eco dos barrancos silenciosos e profundos, incontáveis vezes repetidos pelos subterrâneos distantes. Tornou a gritar, mais alto ainda, e novamente nenhum sussurro lhe veio dos amigos que havia tão pouco deixara ali. Um terror vago e sem nome se apoderou dele. Jefferson precipitou-se freneticamente para o desfiladeiro, abandonando a sua preciosa carga.

Quando transpôs a curva da senda, descortinou plenamente o lugar onde tinha feito a fogueira. Ainda cintilavam algumas brasas, mas era evidente que não a tinham avivado desde que ele partira. O mesmo silêncio mortal reinava em toda a redondeza. Com o receio transformado em certeza, Jefferson pôs-se a correr. Chegando junto aos restos da fogueira, não encontrou vivalma: os animais, o velho, a jovem, todos tinham desaparecido. Era demasiado evidente que, durante a sua ausência, tinha acontecido algo terrível. . . uma desgraça que não deixara sequer um traço.

Atordoado por aquele golpe tremendo, Jefferson Hope teve de se apoiar à carabina para não perder o equilíbrio. Mas era essencialmente um homem de ação, e bem depressa venceu esse instante de abandono. Tomando um tição da fogueira, soprou-o até que chamejasse, e com ele começou a examinar o pequeno acampamento. O chão estava todo marcado de cascos, mostrando que um grande número de homens montados havia arrebatado os fugitivos; e o rumo das pegadas indicava claramente que eles tinham voltado para Salt Lake City. Teriam levado consigo os seus dois companheiros? Jefferson Hope estava quase persuadido de que assim fora quando os seus olhos deram com um objeto que o estarreceu. Pouco mais adiante, a um lado do acampamento, havia um montículo de terra avermelhada que seguramente não estava ali antes. Não era possível tomá-lo por outra coisa senão uma sepultura recente. Aproximando- se, o jovem caçador encontrou uma forquilha cravada à cabeceira do túmulo e, presa nela, uma folha de papel. A inscrição que se lia nesse papel era breve mas eloqüente:

JOHN FERRIER,
QUE FOI DE SALT LAKE CITY,
FALECIDO A 4 DE AGOSTO DE 1860

O vigoroso velho, que ele deixara havia poucas horas, tinha então desaparecido, e era aquele o seu epitáfio. Jefferson Hope olhou desesperadamente em torno para ver se havia uma segunda sepultura, mas não encontrou nada. Lucy fora levada pelos seus terríveis perseguidores, a fim de cumprir seu destino como uma das mulheres do harém do filho de um ancião. Quando o jovem compreendeu que tal seria a sina de Lucy e reconheceu a sua incapacidade para evitá-la, desejou que ao lado do velho fazendeiro também ele já estivesse na sua última e silenciosa morada.

Todavia, o seu espírito combativo venceu mais uma vez a inércia causada pelo desespero. Se outra coisa não lhe restava agora, ao menos poderia dedicar a sua existência à vingança. Juntamente com a sua inquebrantável paciência e sua perseverança, Jefferson Hope sabia guardar rancor e alimentar um espírito de vingança, aprendido talvez na convivência com os índios. Em pé, junto ao fogo solitário, via agora que só poderia mitigar a sua dor aplicando aos seus inimigos, com as próprias mãos, a pena de talião. Decidiu, então, que a sua vontade férrea e a sua inesgotável energia seriam doravante dedicadas a esse fim. Pálido e soturno, regressou até o lugar onde deixara cair a caça e, avivando o fogo, preparou alimento suficiente para alguns dias. Malgrado o seu cansaço, pôs o fardo ao ombro e voltou pelo caminho da montanha, no rastro dos anjos vingadores.

Durante cinco dias, com os pés feridos, exausto, arrastou-se pelos desfiladeiros que havia atravessado a cavalo. A noite, atirava-se sobre as rochas e concedia a si próprio umas poucas horas de sono, mas, antes do romper da aurora, já estava novamente a caminho. No sexto dia, chegou ao Barranco da Águia, que era onde havia começado a sua desventurada fuga. Dali, o seu olhar podia alcançar toda a terra dos mórmons. Derreado, apoiou-se à carabina e ergueu o punho descarnado contra a cidade silenciosa que se estendia abaixo. Fixando a vista, notou que havia bandeiras em algumas das ruas principais e outros sinais de festa. Estava ainda refletindo sobre qual seria o motivo daquilo, quando ouviu um tropel de cascos e viu que um homem montado vinha na sua direção. Mais de perto, reconheceu-o como sendo um mórmon chamado Cowper, a quem tinha prestado mais de um favor. Aproximou-se, pois, na esperança de saber qual fora o destino de Lucy.

— Sou Jefferson Hope — disse ele. — Lembra-se de mim?

O mórmon olhou-o com indisfarçável espanto. Com efeito, era muito difícil reconhecer naquele vagabundo maltrapilho e sujo, de olhos esgazeados e rosto espectral, o valente caçador de dias antes. Mas, mal o mórmon se deu por satisfeito quanto à identidade de Hope, a sua surpresa transformou-se em consternação.

— É uma loucura vir aqui! — exclamou ele. — Eu mesmo, se virem com quem estou falando, serei um homem perdido. Há uma ordem de captura expedida pelos quatro contra o homem que ajudou os Ferrier a fugir.

— Não os temo, nem à sua ordem — disse Hope em tom grave. — Você deve saber alguma coisa a respeito desse assunto, Cowper. Peço-lhe, por tudo quanto é sagrado, que me responda a algumas perguntas. Sempre fomos bons amigos. Pelo amor de Deus, não se negue a me responder.

— De que se trata? perguntou o mórmon, contrafeito. — Seja breve. As próprias rochas têm ouvidos e as árvores enxergam.

— Que aconteceu a Lucy Ferrier?

— Casou-se ontem com o jovem Drebber. Ânimo, homem, ânimo! Parece estar morrendo.

— Não se preocupe comigo — disse Hope com um fio de voz. Sem uma gota de sangue no rosto, deixara-se cair sobre o rochedo. — Casou-se, foi o que disse?

— Sim, casou-se ontem... é por isso que a Casa das Espórtulas está embandeirada. Houve uma altercação entre o jovem Drebber e o jovem Stangerson sobre quem ficaria com ela. Os dois faziam parte da patrulha que perseguiu os Ferrier, e Stangerson julgava-se com mais direitos por ter matado o pai dela. Mas a coisa foi discutida no conselho e o lado de Drebber mostrou-se mais forte, de forma que o profeta a deu a ele. Mas ninguém a terá por muito tempo, porque ainda ontem vi a morte no seu rosto. Ela mais parece um fantasma do que uma mulher. Já vai andando?

— Sim, vou andando — respondeu Jefferson Hope, levantando-se.

O seu rosto parecia esculpido em mármore, de tão duro e imóvel, mas ardia-lhe nos olhos um clarão funesto.

— Para onde vai?

— Pouco lhe importa — respondeu o jovem.

E, enfiando a arma no ombro, meteu-se por uma garganta estreita e rumou para o coração da montanha, que era um covil de animais selvagens. Entre eles não havia um que fosse mais feroz ou perigoso do que ele próprio.

A predição do mórmon realizou-se com demasiada presteza. Fosse pela morte horrível do pai ou em conseqüência do odioso casamento a que fora compelida, a pobre Lucy não mais ergueu a cabeça, definhando e morrendo um mês depois. O estúpido marido, que a desposara principalmente pelos bens de Ferrier, não se mostrou muito compungido, mas as suas demais esposas choraram a morte de Lucy, e na véspera do enterro velaram o seu corpo, como é costume entre os mórmons. Estavam elas reunidas em torno do caixão, às primeiras horas da manhã, quando viram, com pasmo e terror, abrir-se violentamente a porta e um homem andrajoso, de aspecto sinistro, açoitado pela intempérie, entrar na sala. Sem olhar nem dizer palavra às mulheres estarrecidas, encaminhou-se para a forma branca e solitária que contivera a alma pura de Lucy Ferrier. Inclinando-se sobre ela, comprimiu reverentemente os lábios na fronte gélida da morta, e depois, tomando-lhe a mão, tirou-lhe a aliança do dedo.

— Não será enterrada com isto — rugiu ele, e, antes que dessem o alarme, desceu as escadas e desapareceu.

Tão estranho e breve foi esse episódio que as próprias testemunhas mal teriam acreditado nele não fosse o fato indiscutível de ter desaparecido o pequeno aro de ouro que indicava o noivado e o casamento daquela que morrera.

Durante alguns meses, Jefferson Hope errou pelas montanhas, levando uma vida estranha e selvagem e nutrindo no peito o intenso desejo de vingança que o dominava. Corriam histórias pela cidade a respeito de uma figura espectral, vista rondando os subúrbios e esgueirando-se pelas gargantas solitárias das montanhas. Certa vez uma bala assobiou pela janela de Stangerson e foi alojar-se na parede, um palmo acima dele. Noutra ocasião, quando Drebber passava sob um penhasco, uma enorme pedra

precipitou-se de grande altura e sem dúvida lhe teria dado morte horrível se ele não houvesse se estendido no chão. Os dois jovens mórmons não tardaram muito em descobrir o motivo desses atentados contra as suas vidas, e organizaram repetidas expedições às montanhas, na esperança de capturar ou matar o seu inimigo, mas jamais tiveram êxito. Passaram então a precaver-se e nunca saíam sozinhos à noite, além de colocarem sentinelas nas suas casas. Algum tempo depois, como o seu adversário não mais fosse visto nem ouvido, abandonaram essas medidas, esperando que o tempo lhe tivesse acalmado a sede de vingança.

Longe disso, só a fizera aumentar. O caçador tinha um caráter duro e implacável, e a idéia predominante da vingança de tal modo lhe tomara o ênimo que nele não havia lugar para qualquer outra emoção. Era, contudo, um homem prático, e depressa compreendeu que até a sua férrea constituição não poderia resistir ao permanente esforço a que ele a submetia. A vida ao relento, a falta de alimentos sãos, estavam a consumi-lo. Se morresse na montanha como um cão, que seria feito da sua vingança? Se persistisse naquela vida, seria esse sem dúvida o seu destino. Compreendeu, além disso, que, assim, fazia o jogo dos seus inimigos, portanto, embora com relutância, voltou às velhas minas de Nevada, para ali recuperar a saúde e juntar o dinheiro suficiente a fim de, sem privações, prosseguir no seu objetivo.

Tencionava ausentar-se apenas por um ano, mas uma série de circunstâncias imprevistas impediu-o de deixar as minas por quase cinco anos. Todavia, ao cabo desse tempo, a memória do que sofrera e a sua sede de vingança eram tão vivas como naquela noite inesquecível em que estivera junto da sepultura de John Ferrier. Disfarçado, e sob um nome falso, voltou a Salt Lake City indiferente ao que lhe pudesse acontecer, contanto que pudesse fazer aquilo que considerava justo. Más notícias o esperavam na cidade dos mórmons. Produzira-se uma querela entre o povo eleito, poucos meses antes, e alguns dos membros mais jovens da Igreja haviam se rebelado contra a autoridade dos anciãos, trazendo como resultado o afastamento de um certo número de descontentes, que logo deixaram o Utah. Entre estes se encontravam Drebber e Stangerson, mas ninguém lhes sabia do paradeiro. Dizia-se que Drebber lograra converter em dinheiro uma grande parte da sua propriedade e partira em ótimas condições financeiras, ao passo que o seu companheiro, Stangerson, ficara relativamente sem recursos. Não havia, contudo, o menor indício do rumo por eles tomado.

Muitos homens, por vingativos que fossem, teriam abandonado toda esperança de desforra em face de semelhante dificuldade, mas Jefferson Hope não fraquejou um momento sequer. Com os parcos recursos que possuía, aumentados aqui e ali por pequenos trabalhos, viajou pelos Estados Unidos, de cidade em cidade, à procura dos seus inimigos. Os anos se passaram, seus cabelos negros já se haviam tornado grisalhos, mas ele continuava a vaguear, qual lebréu humano, com o pensamento fixo no único objetivo da sua vida: vingar-se. Por fim, a sua perseverança foi recompensada. Viu apenas de relance um rosto numa janela, mas isso lhe bastou para saber que ali, em Cleveland, no Estado de Obio, estavam os homens que ele perseguia. Voltou à sua cabana miserável com um plano de vingança perfeitamente concatenado. Acontecera, porém, que Drebber, olhando casual- mente pela janela, tinha reconhecido o vagabundo que passava na rua e lera nos seus olhos uma intenção homicida. Ele e Stangerson, que se tornara seu secretário particular, correram ao juiz de paz, e declararam que as suas vidas estavam ameaçadas pelo ciúme e o ódio de um antigo rival. Nessa mesma noite, jefferson Hope foi preso e, não tendo quem o afiançasse, ficou algumas semanas detido.

Quando finalmente o puseram em liberdade, encontrou vazia a casa de Drebber e soube que ele e seu secretário tinham partido para a Europa.

Mais uma vez o vingador se via frustrado nos seus intentos, e mais uma vez o seu ódio concentrado o instigava a prosseguir neles. Faltavam-lhe, porém, quaisquer recursos, e durante algum tempo voltou a trabalhar, acumulando pacientemente o dinheiro necessário para a próxima viagem. Por fim, tendo reunido o estritamente indispensável, partiu para a Europa e começou a seguir os seus inimigos de cidade em cidade, exercendo humildes trabalhos no caminho, mas sem nunca alcançar os fugitivos. Quando chegou a São Petersburgo, eles já tinham partido para Paris; e, quando lá chegou, soube que acabavam de fugir para Copenhague. A capital dinamarquesa também chegou com alguns dias de atraso, pois eles tinham ido para Londres, onde finalmente conseguiu encontrá-los.

Quanto ao que sucedeu nesta última cidade, não podemos fazer melhor do que transcrever a própria narrativa do velho caçador, tal como foi devidamente registrada no diário do dr. Watson, ao qual já tanto devemos.

Capítulo sexto: Continuação das memórias do dr. John Watson

A furiosa resistência oposta pelo nosso prisioneiro não parecia indicar qualquer animosidade para conosco, tanto que, ao ver-se impotente, sorriu de maneira afável e disse esperar que não nos tivesse ferido durante a luta.

— Suponho que queiram me levar à chefatura de polícia — observou ele para Sherlock Holmes. — O meu coche está à porta. Se me desamarrarem as pernas, posso descer sozinho. Não sou tão leve como antigamente.

Gregson e Lestrade entreolharam-se, como se achassem aquela proposta um tanto ousada, mas Holmes imediatamente aceitou a palavra do prisioneiro, e afrouxou a toalha que o prendia pelos tornozelos. Hope levantou-se e estendeu as pernas, como que para se certificar de que estavam novamente livres. Lembro-me de que, ao vê-lo de pé, pensei nunca ter visto um homem de compleição tão vigorosa como a sua. Seu rosto, queimado pelo sol, tinha uma expressão resoluta, enérgica, que era tão intimidante como a sua força física.

— Se houver uma vaga para chefe de polícia, acho que você é o homem indicado — observou ele, olhando com indisfarçada admiração para o meu companheiro de casa. — A maneira como me seguiu o rastro já é uma garantia.

— E melhor virem comigo — disse Holmes para os dois investigadores.

— Posso guiar o coche — disse Lestrade.

— Ótimo! E Gregson irá comigo. Você também, Watson. Já que está interessado no caso, pode vir conosco.

Aceitei de bom grado, e todos descemos juntos.

Nosso prisioneiro não fez nenhuma tentativa para fugir, entrando calmamente no coche que fora seu, e nós o imitamos. Lestrade subiu na boléia, fustigou o cavalo e levou- nos em pouco tempo ao nosso destino. Fomos introduzidos num pequeno gabinete, onde um inspetor de polícia anotou o nome do preso e os nomes dos homens de cuja morte 14:36 29/8/2007era acusado. A autoridade era um homem de rosto pálido, fleumático, que cumpria a sua obrigação como um autônomo.

— O detido comparecerá perante os magistrados no decurso desta semana — disse ele. — Entretanto, sr. Jefferson Hope, tem alguma coisa a declarar? Devo adverti-lo de que as suas palavras serão registradas e poderão ser usadas contra o senhor.

— Tenho muita coisa a dizer — respondeu o nosso prisioneiro, falando devagar. — Quero contar-lhe toda a história.

— Não é melhor deixar isso para o julgamento? perguntou o inspetor.

— Talvez eu não seja julgado — respondeu Hope — Não precisa se alarmar. Não é em suicídio que estou pensando. O senhor não é médico?

Ao fazer essa pergunta, tinha se voltado para mim, e olhava-me com os seus olhos escuros e cintilantes.

— Sou médico, sim — respondi-lhe.

— Então ponha a mão aqui — disse ele com um sorriso, acenando para o peito com as suas mãos algemadas.

Assim fiz, e imediatamente notei uma extraordinária palpitação na região cardíaca. As paredes do peito pareciam vibrar como uma frágil construção dentro da qual funcionasse um poderoso motor. No silêncio da sala, eu ouvia distintamente um sopro constante que procedia da mesma fonte.

— Diacho! — exclamei. — Você tem um aneurisma na aorta.

— É assim que os médicos o chamam — disse ele placidamente. Ainda na última semana fui ao médico, e ele me disse que a coisa estava para rebentar dentro de poucos dias. Nestes últimos anos tenho piorado muito. Apanhei-o vivendo como um animal selvagem nas montanhas do Lago Salgado. Mas agora o meu trabalho está feito, e pouco me importa morrer. Contudo, gostaria de deixar um relato do que aconteceu. Não quero ser lembrado como um assassino comum.

O inspetor e os dois investigadores dialogaram rapidamente sobre a conveniência de lhe permitirem que contasse a sua história.

— O doutor acha que há perigo imediato? perguntou o primeiro.

— Sem a menor dúvida — respondi.

— Nesse caso, é nosso dever, no interesse da justiça, aceitar o seu depoimento — disse o inspetor. — Autorizo-o, sr. Hope, a fazer as suas declarações, mas torno a avisá-lo de que as suas palavras serão registradas.

— Com a sua permissão, vou sentar-me — disse o prisioneiro, acompanhando as palavras com a ação. — Este aneurisma me deixa cansado por qualquer coisa, e a briga que tivemos há meia hora não ajudou muito a situação. Estou à beira da cova, e não tenho nenhum interesse em lhes mentir. Todas as palavras que vou dizer são a pura verdade, e o que delas farão não tem a menor importância para mim.

Assim dizendo, Jefferson Hope recostou-se na cadeira e começou a extraordinária narrativa que se segue. Falava de maneira calma e metódica, como se os acontecimentos por ele narrados fossem muito comuns. Posso garantir a exatidão do que transcrevo, porque utilizei o caderno de anotações de Lestrade, no qual as palavras do prisioneiro foram estenografadas.

— Pouco lhes interessa o quanto eu odiava aqueles homens — começou ele. — Basta saberem que eles eram culpados da morte de dois seres humanos... pai e filha... e que conseqüentemente deviam pagar por esse crime com a vida. Como já fazia muito tempo que o tinham cometido, eu não poderia conseguir que nenhum tribunal os condenasse. Sabia, no entanto, que eles eram culpados, e resolvi ser o juiz, os jurados e o verdugo ao mesmo tempo. No meu lugar, como homens de brio, os senhores teriam feito o mesmo.

"Há vinte anos, essa jovem de quem falei ia se casar comigo. Mas foi obrigada a se casar com esse tal Drebber, e morreu de desgosto. Tirei-lhe a aliança do dedo quando ela estava no caixão, e jurei que Drebber morreria olhando para essa aliança, que os seus últimos pensamentos seriam para o crime pelo qual era punido. Levei-a sempre comigo, e segui Drebber e o seu cúmplice através de dois continentes, até que os apanhei. Eles pensaram que eu desistiria, mas isso não aconteceu. Se eu morrer amanhã, como é muito provável, morro sabendo que cumpri o meu dever na terra, e muito bem cumprido. Eles estão mortos, e pelas minhas mãos. Já não tenho mais nada a esperar nem desejar.

"Eles eram ricos e eu, pobre, de modo que não me era fácil segui-los. Quando cheguei a Londres, estava com os bolsos vazios, e vi que precisava trabalhar em qualquer coisa para viver. Guiar cavalos ou montá-los foi sempre tão natural para mim como andar, de maneira que me apresentei ao dono de uma cocheira e logo consegui emprego. A minha obrigação era levar todas as semanas uma certa quantia ao proprietário, e o que excedesse ficaria para mim. Quase nunca sobrava grande coisa, mas consegui me manter. O mais difícil, para mim, era orientar-me nas ruas de Londres, porque, de quantos labirintos já fizeram, acho que este é o mais complicado. Eu tinha, contudo, o mapa da cidade, e, depois de conhecer os principais hotéis e estações, saí-me bastante bem.

"Levei muito tempo para descobrir onde moravam aqueles dois cavalheiros. Mas continuei a perguntar a torto e a direito, até que os encontrei. Estavam ambos numa pensão, em Camberwell, do outro lado do rio. Depois disso, eu sabia que eles estavam nas minhas mãos. Eu tinha deixado crescer a barba, e não havia possibilidade de que eles me reconhecessem. Haveria de rastreá-los como um cão, seguindo-os por toda

parte, até que chegasse a minha oportunidade. Dessa vez, eles não haveriam de me escapar.

"Mas por pouco não o conseguiram. Aonde quer que fossem pelas ruas de Londres, eu estava sempre no seu encalço. As vezes, seguia-os com o meu coche, outras, a pé, mas do primeiro modo era melhor, porque assim eles não podiam fugir. Era somente de madrugada ou noite avançada que eu podia trabalhar para ganhar alguma coisa, de maneira que comecei a ficar atrasado com o dono da cocheira. Mas isso pouco me importava, se eu conseguisse pôr a mão nos meus homens.

"Acontece que eles eram muito espertos. Devem ter pensado que havia certa possibilidade de estarem sendo seguidos, porque nunca saíam sozinhos, nem depois de anoitecer. Durante duas semanas segui-os todos os dias, e eles nunca se separaram. Drebber passava bêbado metade do tempo, mas Stangerson não descansava. Eu continuava a vigiá-los de manhã à noite, sem encontrar a menor oportunidade. Mas não desanimei, porque qualquer coisa me dizia que a hora tinha chegado. O meu único receio era isso que tenho no peito. Se eu morresse de um momento para outro, deixaria meu trabalho por fazer.

"Finalmente, uma noite, eu estava descendo a Torquay Terrace, a rua onde eles moravam, quando vi um coche parar à porta da pensão. Dali a pouco trouxeram uma bagagem, e logo depois apareceram Drebber e Stangerson e embarcaram. Chicoteei o meu cavalo e os segui, muito preocupado, com medo de perdê-los de vista, porque eles estavam se mudando. Saltaram na Euston Station e eu também. Deixei um garoto tomando conta do meu cavalo e segui-os até a plataforma. Ouvi perguntarem pelo trem de Liverpool e o guarda responder-lhes que tinha partido naquele instante e só dentro de algumas horas haveria outro. Stangerson parecia aborrecido com aquele contratempo, mas Drebber dava a impressão de estar muito satisfeito. Aproximei-me, dissimulado pelo movimento de passageiros, e pude ouvir todas as palavras que trocaram. Drebber disse que tinha um pequeno assunto particular a tratar e pediu ao outro que o esperasse na estação. Stangerson protestou, lembrando-lhe que tinham resolvido andar sempre juntos. Drebber retorquiu que se tratava de um assunto delicado, e que precisava ir sozinho.

"Não pude ouvir o que Stangerson respondeu a isso, mas o outro começou a praguejar, lembrando-lhe que ele não era mais do que um empregado, pago para servi-lo e não para lhe dar ordens. O secretário acabou se conformando e o máximo que arranjou foi a promessa de que o outro, se por acaso perdesse o último trem, iria encontrá-lo no Halliday Hotel. Drebber afirmou que estaria de volta antes das onze, e retirou-se da estação.

"O momento pelo qual eu tanto havia esperado chegara, finalmente. Tinha os meus inimigos na mão. Juntos, podiam proteger-se, mas separados estavam à minha mercê. Contudo, não agi precipitadamente. Os planos já estavam formados. Não há qualquer satisfação na vingança se o inimigo não tem tempo de saber quem o golpeia e por que motivo. Mas eu tinha preparado os meus planos de tal modo que ele não deixaria de compreender que pagava pelo que me fizera e pelo seu próprio pecado. Por acaso, um cavalheiro, que se servira do meu coche para ir ver algumas casas na Brixton Road, tinha esquecido a chave de uma delas. Na mesma tarde, porém, mandou reclamá-la, e eu devolvi-a, não sem ter aproveitado o intervalo para tirar o molde e mandar fazer outra

igual. Dessa maneira, eu contava pelo menos com um lugar nesta grande cidade onde não correria o risco de ser interrompido. Como levar Drebber àquela casa era um problema difícil, que eu tinha de resolver.

"Ele desceu a rua a pé e entrou em dois ou três bares, demorando-se cerca de meia hora em cada um. Ao sair do último, tinha evidentemente passado da conta, porque não caminhava muito firme. Logo adiante do meu coche ia um cupê, e Drebber mandou-o parar. Segui-o tão de perto que o focinho do meu cavalo nunca se afastou mais de um metro da traseira do outro carro. Passamos pela Ponte de Waterloo, percorrendo quilômetros e quilômetros de ruas, até que, para meu espanto, nos encontramos diante da pensão de Camberwell. Eu não podia imaginar o que o fazia voltar ali. Avancei mais um pouco e parei o meu carro a uns cem metros da casa. Ele entrou, despedindo o seu cupê. Dêem-me um copo de água, por favor. Estou com a boca seca de tanto falar."

Servi-lhe um copo e ele bebeu com avidez.

— Assim é melhor — disse. — Pois, como ia dizendo, esperei um quarto de hora ou mais, quando de repente ouvi um ruído de luta no interior da casa. Em seguida, a porta abriu-se e apareceram dois homens, um dos quais era Drebber, e o outro, um rapaz que eu nunca tinha visto. Trazia Drebber seguro pelo colarinho, e, quando chegou ao patamar da escada, deu-lhe um empurrão e um pontapé que o lançou quase no meio da rua. "Canalha!", gritou ele brandindo a bengala. "Vou ensiná-lo a não insultar uma moça honesta!" Estava tão furioso que o teria moído a bengaladas, se aquele velhaco não tivesse desaparecido. Correu até a esquina e, vendo o meu carro, acenou-me e entrou. "Leve-me ao Halliday Hotel", disse ele.

"Quando entrou finalmente no coche, o coração pulou- me no peito com tamanha alegria, que por um instante receei que o aneurisma rebentasse. Andei lentamente pela rua, refletindo sobre a tática que me conviria seguir. Eu podia conduzi-lo aos arredores da cidade, e lá, num lugar deserto, ter com ele a minha última entrevista. Estava quase decidido a isso, quando ele próprio resolveu o meu problema. O desejo de beber dominou-o outra vez, e mandou parar diante de uma cervejaria. Entrou e recomendou-me que o esperasse. Lá ficou até a hora de fechar, e quando saiu estava tão bêbado que não podia me escapar.

"Não pensem que eu pretendia matá-lo a sangue-frio. Não seria mais do que pura justiça se o fizesse, mas não pude conformar-me com isso. Havia muito que tinha decidido dar-lhe uma oportunidade de salvar a vida, se pudesse. Entre os muitos ofícios que tive na América, durante a minha existência errante, fui certa vez porteiro e varredor do laboratório da Universidade de York. Um dia o professor estava dando uma aula sobre venenos e mostrou aos estudantes certo alcalóide, como ele o chamava, que tinha extraído do veneno de flechas da América do Sul, dizendo ser tão potente que a mínima dose causava morte instantânea. Marquei o frasco em que esse preparado estava guardado, e, quando todos se retiraram, recolhi uma pequena quantidade. Eu me saía bastante bem como farmacêutico, de modo que preparei o tal alcalóide em duas pílulas solúveis em água. Pus cada uma delas numa caixinha igual, juntamente com outra pílula sem veneno. Resolvi, então, que, quando chegasse a ocasião, os meus homens escolheriam uma pílula cada um e eu tomaria a restante. Era um meio igualmente fatal e menos barulhento que um revólver disparado através de um lenço. Desde esse dia, trouxe sempre comigo as duas caixinhas com as pílulas, e então chegara o momento de

utilizá-las.

“Era quase uma hora. A noite estava feia; ventava muito e chovia a cântaros. Mas por triste que fosse o tempo lá fora, eu me sentia feliz por dentro, tão feliz que tinha vontade de gritar de alegria. Se algum dos senhores já desejou ardentemente uma coisa durante vinte anos, e de repente a encontra ao alcance da mão, então será capaz de compreender o que eu sentia. Acendi um charuto e tirei umas baforadas para acalmar os nervos, mas as minhas mãos tremiam e minhas têmporas latejavam. Na escuridão da noite, parecia-me ver o velho John Ferrier e a doce Lucy sorrindo para mim, tão itidamente como agora vejo os senhores. Durante todo o caminho eles foram à minha frente, um de cada lado do cavalo, até que parei diante da casa da Brixton Road.

“Não havia vivalma, e tudo estava silencioso. Só a chuva não cessava de cair. Quando olhei pela janelinha do carro, encontrei Drebber encolhido numa modorra de bêbado.

“‘Está na hora de ir’, disse eu, sacudindo-o por um braço.

“‘Muito bem, cocheiro’, disse ele.

“Com certeza pensava que tínhamos chegado ao hotel indicado por ele, porque desceu sem uma palavra e seguiu- me pelo jardim. Tive de caminhar ao lado dele, amparando-o, visto que não se mantinha muito bem nas pernas. Quando chegamos à porta, abri-a e o fiz entrar na sala da frente. Dou-lhes a minha palavra que, durante todo o caminho, pai e filha iam andando conosco.

“‘Está escuro como o diabo’, disse ele, arrastando os pés.

“‘Já teremos luz’, disse eu, riscando um fósforo e acendendo uma vela que trazia comigo. ‘E agora, Enoch Drebber’, continuei, voltando-me para ele, ‘quem sou eu?’

“Ele olhou-me um instante com seus olhos turvos de bêbado, e depois uma expressão de terror contorceu-lhe as feições. Tinha me reconhecido. Recuou cambaleante, com o rosto lívido, e o suor lhe brotava na testa. Seus dentes batiam. Ante aquele espetáculo, encostei-me à porta e durante algum tempo ri às gargalhadas. Eu sabia que a vingança seria doce, mas nunca tinha esperado tamanha satisfação na alma.

“‘Cão maldito!’, exclamei. ‘Andei no seu rastro desde Salt Lake City até São Petersburgo, e você sempre me escapou. Agora as suas andanças chegaram ao fim, porque um de nós não verá o dia de amanhã. — O sangue me martelava as têmporas, e creio que teria tido um ataque qualquer se ele não me esguichasse pelo nariz, aliviando-me.

“‘Que pensa agora de Lucy Ferrier?’, gritei-lhe, fechando a porta e sacudindo-lhe a chave na cara. ‘O castigo demorou, mas chegou.’

“Os seus lábios tremiam covardemente enquanto eu falava. Ele teria suplicado que

lhe poupasse a vida, se não soubesse que isso seria inútil.

‘Vai me assassinar?’, balbuciou.

“‘Não se trata de assassinato’, respondi. ‘Quem fala em matar um cão hidrófobo? Por acaso você teve piedade da minha pobre noiva, quando a arrancou do túmulo de seu pai trucidado para levá-la àquele seu harém imundo?’

“‘Não fui eu que matei o pai dela’, gritou ele.

“‘Mas foi você que lhe despedaçou o coração inocente!’, trovejei, tirando a caixinha do bolso. ‘Deus é que será o nosso juiz. Tire uma e engula. Eu engolirei a que ficar. Vejamos se há justiça na terra ou se tudo é obra do acaso.’

“Implorando piedade, Drebber tentou fugir covarde- mente, mas eu saquei a faca e apontei-a para a sua garganta, até que ele me obedeceu. Engoli a pílula restante, e os dois ficamos face a face, em silêncio, durante um minuto ou mais, esperando para ver quem deveria morrer e quem viveria. Jamais esquecerei a cara dele quando as primeiras dores anunciaram que o veneno estava no seu corpo e não no meu. Comecei a rir, e pus-lhe sob os olhos a aliança de Lucy. Foi apenas um breve instante, porque a ação daquele alcalóide é rápida. Um espasmo de dor contraiu-lhe as feições; ele estendeu as mãos para a frente, cambaleou, e depois, com um grito rouco, caiu pesadamente no chão. Virei-o com o pé e pus a mão no seu coração. Nada. Drebber estava morto!

“O sangue continuava a correr do meu nariz, mas eu não o notava. Não sei como me veio à cabeça a idéia de escrever com ele na parede. Talvez a tentação maliciosa de deixar uma pista falsa para a polícia, porque estava de bom humor. Lembrei-me de um alemão encontrado morto em Nova York com a palavra Rache escrita no peito. Os jornais diziam que o crime fora cometido, sem dúvida, por alguma sociedade secreta. Pareceu-me que o que havia desorientado os nova-yorkinos bem podia desorientar os londrinos, de modo que molhei o dedo no meu sangue e escrevi a tal palavra num lugar conveniente da parede. Depois voltei para o meu coche e não encontrei ninguém na rua, porque fazia uma noite horrível. Já tinha percorrido uma certa distância, quando, pondo a mão no bolso onde habitualmente guardava a aliança de Lucy, não a encontrei. Sofri um golpe tremendo, porque era a única lembrança que tinha dela. Julgando que talvez a tivesse deixado cair quando me inclinara sobre o corpo de Drebber, voltei, parei o carro numa travessa e dirigi-me ousadamente para a casa... pois estava disposto a tudo, menos a perder o anel. Quando cheguei lá, dei de cara com um policial que vinha saindo, e só consegui afastar as suas suspeitas fingindo-me de bêbado.

“Foi assim que Enoch Drebber chegou ao fim dos seus dias. Restava-me então fazer o mesmo com Stangerson, cobrando a dívida que ele tinha para com o velho Ferrier. Sabia que ele estava hospedado no Halliday Hotel, e andei rondando o lugar durante todo o dia, mas o homem não apareceu. Talvez estivesse desconfiado, vendo que Drebber não voltara. Que era esperto, isso era, e nunca se descuidava. Mas, se achava que podia me escapar ficando lá dentro, estava muito enganado. Descobri logo qual era a janela do seu quarto, e, na manhã seguinte, muito cedo, aproveitei uma escada que estava nos fundos do hotel, e por ela entrei, quando mal raiava o dia. Acordei-o e anunciei-lhe que havia chegado a hora de ele responder pela vida que tinha roubado tantos anos antes. Contei-lhe como Drebber tinha morrido e ofereci-lhe as pílulas, para que escolhesse uma. Em vez de se agarrar à oportunidade de salvação que eu lhe dava,

pulou da cama e saltou no meu pescoço. Em legítima defesa, prostrei-o com uma punhalada no coração. De qualquer maneira, o seu fim tinha chegado, porque a Providência jamais permitiria que aquela mão culpada tirasse outra pílula a não ser a venenosa.

“Pouco me resta dizer, e felizmente, porque estou exausto. Continuei a trabalhar por mais um dia ou dois, pretendendo juntar dinheiro até que pudesse voltar para a América. Estava hoje no meu quarto, quando um garoto maltrapilho chegou, perguntando por um cocheiro chamado Jefferson Hope e dizendo que um cavalheiro pedia o meu carro no 221-B da Baker Street. Fui lá sem suspeitar de nada, e, antes que eu tivesse tempo de pensar, este jovem algemou meus pulsos com uma rapidez que eu nunca vira! E esta é toda a minha história, senhores... Talvez me considerem um assassino, mas eu me considero um instrumento da justiça tanto quanto os senhores.”

Tão emocionante fora a narrativa daquele homem, e tão impressionantes as suas maneiras, que ficamos calados durante todo o tempo em que ele falou. Até os detetives profissionais, habituados a todos os aspectos do crime, pareciam vivamente interessados na história de Jefferson Hope. Quando ele terminou, ainda permanecemos alguns minutos em silêncio, apenas interrompido pelo correr do lápis de Lestrade, que dava um toque final às suas notas esteno- gráficas.

— Há apenas um ponto sobre o qual eu desejava maiores esclarecimentos — disse por fim Sherlock Holmes. — Quem era o seu cúmplice, que veio procurar o anel anunciado por mim?

O prisioneiro piscou maliciosamente os olhos para o meu amigo.

— Posso revelar os meus segredos — disse ele —, mas não ponho ninguém em dificuldades. Vi o seu anúncio e achei que poderia ser uma cilada ou podia ser mesmo o anel. Um amigo meu ofereceu-se para ir ver. E não diga que ele não fez um bom serviço.

— Esplêndido respondeu Holmes com entusiasmo.

— Agora, cavalheiros — observou gravemente o inspetor —, devemos cumprir as formalidades legais. Na quinta- feira, o detido será conduzido ao tribunal, e a presença dos senhores será necessária. Até então serei responsável por ele.

Dizendo isso, tocou uma sineta, e Jefferson Hope foi levado por dois guardas, enquanto meu amigo e eu nos retirávamos da chefatura e tomávamos um coche para voltar à Baker Street.

Capítulo sétimo: Conclusão

Todos nós tínhamos sido citados para comparecer perante os magistrados na quinta-feira; mas, quando chegou o dia, não tivemos ocasião de prestar os nossos depoimentos. Um juiz mais importante tomara conta do assunto, e Jefferson Hope fora chamado a um tribunal onde seria julgado com a mais estrita justiça. Na noite que se seguiu à sua captura, o aneurisma rebentou, e de manhã o encontraram estatelado no chão de sua cela, com um plácido sorriso nos lábios, como se durante a agonia tivesse podido recapitular toda a sua vida, achando-a útil e vendo que cumprira bem a sua missão.

— Gregson e Lestrade ficarão furiosos com a morte dele — observou Holmes, quando a comentávamos na noite seguinte.

— Lá se foi o estardalhaço que esperavam.

— Não vejo qual possa ter sido a contribuição deles para desvendar o mistério — repliquei.

— Neste mundo, o que vale não é o que se faz — retorquiu ele acerbamente —, mas o que os outros pensam que fizemos. Não tem importância prosseguiu, mais tranqüilo, depois de uma pausa. — Por coisa alguma eu teria renunciado a essa investigação. Que eu me lembre, ainda não houve um caso melhor. Embora simples, teve alguns pontos muito instrutivos.

— Simples! — exclamei.

— Francamente, seria difícil classificá-lo de outra maneira — disse Sherlock Holmes, sorrindo do meu espanto. — A prova da sua simplicidade intrínseca é que eu, ajudado apenas por deduções muito comuns, pude agarrar o criminoso em três dias.

— Isso é verdade — admiti.

— Já lhe expliquei que as circunstâncias fora do comum constituem mais uma orientação do que um obstáculo. Ao resolver um problema desse gênero, o essencial é saber raciocinar retrospectivamente. E um processo muito útil, e muito fácil, mas poucos se servem dele. Nos assuntos cotidianos, é mais útil raciocinar para a frente, na direção do tempo, de maneira que o processo inverso vai sendo esquecido. Há cinqüenta pessoas que raciocinam sinteticamente para cada uma capaz de raciocinar analiticamente.

— Confesso que não o compreendo muito bem — disse eu.

— Já esperava por isso. Vejamos se me faço entender melhor. A maioria das pessoas, depois de você descrever uma série de acontecimentos, dir-lhe-ão quais as suas conseqüências. Como podem concatená-los mentalmente, são capazes de deduzir o que provavelmente vai ocorrer. Mas há alguns que, conhecendo apenas as conseqüências, são capazes de deduzir os acontecimentos que as provocaram. Refiro-me a essa capacidade, quando falo em raciocinar retrospectivamente, ou analiticamente.

— Compreendo, agora.

— O caso em questão era precisamente um desses em que são dadas as conseqüências e nada mais, O resto, os acontecimentos causais, tinham de ser deduzidos. Tentarei agora expor-lhe as fases do meu raciocínio. Comecemos pelo princípio. Como sabe, aproximei-me da casa a pé, e com o espírito livre de qualquer suposição. Naturalmente, comecei examinando a rua e, como já lhe expliquei, vi nitidamente as marcas de um coche, o qual, a julgar pelo que me informaram a respeito daquela manhã, deveria ter estado ali durante a noite. Observei que era um carro de aluguel e não uma carruagem particular, devido à bitola das rodas. A carruagem comum de Londres é bem mais estreita do que o cupê de um cavalheiro.

"Esse foi o primeiro ponto esclarecido. Depois, caminhei vagarosamente pela vereda do jardim, cujo terreno barrento era dos melhores para reter marcas ou pegadas. Não tenho dúvidas de que aquilo deve ter lhe parecido apenas um terreno enlameado, mas para os meus olhos experimentados cada marca na sua superfície tinha uma significação. Não há nenhum ramo da ciência da investigação tão importante e tão negligenciado como a arte de identificar as pegadas. Felizmente sempre lhe dediquei a maior atenção, e a prática tornou-a em mim uma segunda natureza. Reconheci as pegadas profundas dos policiais, mas também vi as marcas deixadas por dois homens que ali tinham passado em primeiro lugar. Era fácil dizer que antecediam as demais porque em certos lugares estavam completamente apagadas pelas subseqüentes. Dessa maneira, o meu segundo elo estava formado, e dizia-me que os visitantes noturnos eram em número de dois, um de grande estatura (conforme calculei pela largura dos seus passos) e outro, elegantemente vestido, a julgar pela marca nítida e bem-torneada deixada pelos seus sapatos.

"Ao entrar na casa, essa última suposição foi confirmada. O homem bem calçado estava diante de mim. O alto, por conseguinte, havia cometido o crime, se é que houvera crime. Não havia nenhum ferimento no cadáver, mas a expressão dramática do seu rosto asseverou-me que ele tinha previsto o seu destino.

"As pessoas que morrem de um ataque do coração, ou de qualquer outra causa natural e súbita, jamais apresentam as feições contraídas. Cheirando os lábios do defunto, notei um ligeiro odor azedo, e cheguei à conclusão de que ele fora compelido a tomar veneno. Deduzi que fora obrigado a isso ainda baseado no aspecto das suas feições, que denotavam ódio e pavor. Cheguei a semelhante resultado pelo processo de exclusão, porque nenhuma outra hipótese enquadraria todos os fatos. Não imagine que tal hipótese seja inaudita. A administração compulsória do veneno não é de modo algum uma coisa nova nos anais do crime. Os casos de Dolski, em Odessa, e de Leturier, em Montpellier, não deixariam de ocorrer imediatamente a um toxicologista.

"E agora vinha o problema central: o motivo. O roubo não fora o motivo do crime, visto que nada fora tirado do morto. Tratava-se de política, então, ou de uma mulher? Eis aí o dilema que se me deparava. Desde o começo, eu estava inclinado para a segunda suposição. Assassinos políticos fazem o que têm a fazer e desaparecem. Esse crime, ao contrário, fora cometido com a maior deliberação, e seu autor deixara marcas por toda a sala, demonstrando que ali permanecera longo tempo. Devia ser um caso pessoal, e não político, exigindo, assim, uma vingança tão metódica. Quando se

descobriu a inscrição na parede, fiquei ainda mais tentado por essa minha opinião. Aquilo era evidentemente um falso indício. E, quando se achou o anel, não tive mais dúvidas. Era evidente que o assassino o tinha usado para lembrar à sua vítima alguma mulher morta ou ausente. Foi nessa altura que perguntei a Gregson se, no seu telegrama a Cleveland, tinha pedido informações sobre algum ponto determinado da vida passada do sr. Drebber. Como deve estar lembrado, ele me respondeu pela negativa.

"Realizei, então, um cuidadoso exame da sala, que confirmou a minha opinião quanto à estatura do assassino e me forneceu pormenores adicionais sobre o charuto Trichinopoly e o comprimento das suas unhas. Eu já chegara à conclusão, por não haver sinais de luta, de que o sangue que manchava quase todo o soalho tinha jorrado do nariz do assassino, em conseqüência da sua excitação. Observei que o rastro de sangue coincidia com as suas pegadas. É raro que um homem, não sendo de compleição sangüínea, sofra semelhante hemorragia num momento de grande tensão, e por isso aventurei a opinião de que o criminoso fosse uma pessoa robusta e de rosto vermelho. Os acontecimentos provaram que a minha dedução estava correta.

"Ao deixar a casa, fui imediatamente fazer o que (Jregson tinha descurado. Telegrafei ao chefe dc polícia de Cleveland, limitando o meu pedido de informações às circunstâncias relacionadas com o casamento de Enoch Drehber. A resposta foi conclusiva. Dizia-me que Drehber já havia pedido a proteção da lei contra um antigo rival em amor, chamado Jefferson Hope, e que esse mesmo Hope se encontrava na Europa. Eu tinha nas mãos, portanto, o fio da meada, e nada mais restava senão localizar o assassino.

"Já tinha enraizada no espírito a convicção de que o homem com o qual Drebber entrara na casa não era outro senão o cocheiro. As marcas das rodas demonstravam-me que o cavalo tinha caminhado de um modo que seria impossível, se alguém tivesse ficado na boléia. Conseqüentemente, onde poderia estar o cocheiro senão no interior da casa? Também aí era absurdo supor que um homem, não estando louco, fosse cometer um crime quase sob os olhos de uma terceira pessoa, que facilmente poderia traí-lo. Finalmente, admitindo-se que um homem quisesse seguir outro através de toda a cidade de Londres, o que poderia fazer de melhor do que disfarçar-se de cocheiro dc praça? Todas essas considerações me levaram à conclusão definitiva de que Jefferson Hope devia ser procurado entre os cocheiros da metrópole.

"Se ele o fora, não havia razão para supor que tivesse deixado de o ser. Pelo contrário, sob o seu ponto de vista, qualquer mudança súbita de atividade com certeza chamaria a atenção sobre ele. Provavelmente, ao menos por algum tempo, continuaria a exercer o seu trabalho. Não havia razão para imaginar que tivesse mudado de nome. Por que fazê-lo num país onde ninguém conhecia a sua verdadeira identidade? Organizei então o meu grupo de detetives, composto de garotos desocupados, e mandei-os sistematicamente atrás de todos os cocheiros de Londres, até encontrarem o homem que eu queria. Não preciso lhe dizer o quanto eles se saíram bem nessa missão e como tirei rapidamente partido disso. O assassínio de Stangerson foi um incidente inteiramente inesperado, mas, de qualquer modo, teria sido muito difícil de evitar. Em conseqüência desse segundo crime, como bem sabe o meu caro doutor, vieram às minhas mãos as pílulas de cuja existência eu já suspeitava. Como vê, tudo isso não passa de um encadeamento lógico dos elos, sem a menor solução de continuidade."

— E maravilhoso! — exclamei. — Os seus méritos deviam ser reconhecidos publicamente. Você devia publicar um relato do caso. Se não o fizer, faço-o eu.

— Pode fazer o que entender, doutor — respondeu ele. Mas veja isto! — E passou-me um jornal. Leia o que dizem aí!

Era o último exemplar do Echo, e o parágrafo que ele me indicava comentava o caso em foco.

"O público perdeu a ocasião de assistir a um julgamento sensacional devido à morte súbita de Hope, o autor da morte de Enoch Drebber e de Joseph Stangerson. Os pormenores do caso provavelmente nunca virão à tona, embora estejamos seguramente informados de que o crime foi o resultado de uma antiga disputa na qual o amor e o mormonismo tinham a sua parte. Consta que ambas as vítimas pertenceram, na mocidade, à Igreja dos Santos dos Ultimos Dias, e Hope, o acusado que morreu na prisão, era oriundo de Salt Lake City. Se o caso não teve maior repercussão, serviu ao menos para evidenciar de maneira notável a eficiência da nossa organização policial, além de constituir uma lição para os estrangeiros, que, tendo as suas desavenças, doravante tratarão de liquidá-las nos seus países e não em solo britânico. Não é segredo que o mérito dessa brilhante captura cabe inteiramente a dois conhecidos investigadores da Scotland Yard, os senhores Lestrade e Gregson. O homem, ao que parece, foi capturado no apartamento de um certo sr. Sherlock Holmes, que, como amador, mostrou algum talento para o mister de detetive e que, com tais instrutores, poderá talvez aperfeiçoar-se, adquirindo, com o tempo, parte da sua consumada habilidade. Espera-se que alguma distinção especial seja conferida aos dois funcionários como justo reconhecimento pelos seus serviços."

— No foi isso o que eu lhe disse desde o princípio? — observou Sherlock Holmes rindo. — E esse o resultado do nosso Estudo em vermelho: arranjar-lhes uma distinção especial!

— Pouco importa — respondi. — Tenho todos os f atos no meu diário, e o público tomará conhecimento deles. Entretanto, contente-se com a íntima certeza de que venceu, e diga como o avarento romano:

"*Populus me sibilat, at mibi plaudo Ipse domini simulat ac nummos contemplar ia arca*" [1].

[1] "Vaiam-me na rua, mas eu em casa me aplaudo ao contemplar o meu dinheiro no cofre." (N. do T.)

Retirado de: <http://mundosherlock.googlepages.com>. Acesso em: 28 de março de 2010.